

Universidade Estadual Paulista
“Julio de Mesquita Filho” Instituto de Artes

MARCELO GONÇALVES SILVA TORRES

**VOZES DE APRENDIZES, GESTORES E EDUCADORES:
PROCESSOS FORMATIVOS NAS FÁBRICAS DE CULTURA**

São Paulo

2025

MARCELO GONÇALVES SILVA TORRES

**VOZES DE APRENDIZES, GESTORES E EDUCADORES:
PROCESSOS FORMATIVOS NAS FÁBRICAS DE CULTURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em artes, do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista-UNESP, como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes, Área de concentração: Arte e Educação. Orientadora: Profa. Dra. Luiza Helena da Silva Christov

São Paulo

2025

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pelo autor.

T693v

Torres, Marcelo Gonçalves Silva (Marcelo Torres), 1984-

As vozes de aprendizes, gestores e educadores: processos
formativos nas fábricas de cultura / Marcelo Gonçalves Silva Torres. --
São Paulo, 2025.

128 f.: il. + anexos

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Luiza Helena da Silva Christov.

Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Artes - Estudo e ensino. 2. Tecnologia - Estudo e ensino. 3.
Professores e alunos. 4. Análise de interação em educação. 5. Educação
não-formal. 6. Pensamento crítico. I. Christov, Luiza Helena da Silva. II.
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

CDD 707

Bibliotecária responsável: Catharina Silva Gois - CRB/8 11323

MARCELO GONÇALVES SILVA TORRES

**VOZES DE APRENDIZES, GESTORES E EDUCADORES:
PROCESSOS FORMATIVOS NAS FÁBRICAS DE CULTURA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em artes, do Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista-UNESP, como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes,

Área de concentração: Arte e Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Luiza Helena da Silva Christov

Data da defesa: 11 de abril de 2025

Banca examinadora:

Profa.Dra Rita de Cassia Demarchi –
Instituto Federal de Educação/Cubatão

Profa. Dra Carminda Mendes André
Instituto de Artes da UNESP

a Evandro S.

In memoriam

AGRADECIMENTOS

Toda caminhada exige a presença do outro e de encontros: Agradeço muitíssimo! A jornada que foi possível graças à abertura de algumas frestas para realização desta dissertação e pesquisa que me fez aprender tanto.

Agradeço e deixo um imenso abraço primeiramente, a Profa. Dra. Luiza Helena da Silva Christov, que acolheu meus anseios e me orientou ao longo da pesquisa sempre com a palavra reflexiva, amorosa e criteriosa.

À Aline Canciani, superintendente da área de Formação Cultural das Fábricas de Cultura, que me apoiou e mediou as relações de trabalho para que eu pudesse me dedicar a pesquisa e a realização dos créditos.

À Jéssica Botossi, gerente da área de Formação Cultural das Fábricas de Cultura, que me apoiou e auxiliou na gestão das demandas de trabalho para que eu pudesse me dedicar à pesquisa e a realização dos créditos.

À equipe de Formação Cultural da Central e das unidades das Fábricas de Cultura, que contribuíram de diversas formas para realização das etapas do desenvolvimento e do cronograma da pesquisa.

À Dra. Carminda Mendes André, Dra. Rejane Galvão Coutinho e a Dra. Lucila Tragtenberg, que tive a oportunidade de conviver e aprender tantas coisas novas, e onde pude em suas aulas, conhecer pessoas interessantes e com pesquisas importantes para o meio educacional e artístico.

À Dra. Rita de Cassia Demarchi que fez parte da banca de qualificação e contribuiu imensamente com seus apontamentos e referências.

À Dra. Carminda Mendes André novamente que fez parte da banca de qualificação, realizou apontamentos e sugeriu leituras importantes para a dissertação.

À Cássio Castelan, Lorranny, Tatielle, Thigresa Almeida, Paloma Assunção, Néfi Alves, Peterson Xavier, Leticia Morelli, Marina Corazza e Luana Mantovani, que aceitaram participar das conversações, e generosamente contribuíram de forma imensurável para a dissertação.

À Adrian, Alice, Thiago, Asafe Benjamim, Sophia, Vivian, Lunare, Thiago Yuta, Carolina Aquino, Yuta Kurokawa, Solange Dias e Claudio Borici, que realizaram e abraçaram conjuntamente a experiência e o acontecimento proposto para a realização do texto Manifesto que fechou a pesquisa, e que contribuíram de forma imensurável para a dissertação.

À Nair Soares, companheira de vida, que leu atentamente e revisou os textos que compõem essa pesquisa.

À Helena Torres, Ana Lis Torres e Vicente Torres, minhas filhas e meu filho, que respeitaram cada minuto que eu tinha para estudar contribuindo com amor e paciência nos dias que o pai não podia brincar ou dar a devida atenção.

E agradeço imensamente a todas e todos que sei que estão contentes por esse momento.

*A um passo
do pássaro
res
piro.*

Orides Fontela

RESUMO

O tema que temos por objetivo tratar nesta pesquisa são os conteúdos que permeiam e fazem-se necessários para a realização de uma pedagogia formativa, em que os educandos/aprendizes participem efetivamente de um processo educativo transformador, no âmbito do ensino não formal. Observar como flui o diálogo entre educadores, gestores e educandos/aprendizes para uma educação crítica diversa e que considere questões do fazer artístico, criativo e experiência, para pensar mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais, no intento de formarmos consciências que amenizem desigualdades existentes no cerne da sociedade. Esta pesquisa acontecerá a partir das delimitações estabelecidas em uma instituição pública de ensino não formal de artes e de cursos de tecnologias, considerando o programa pedagógico, artístico e de diálogos com educadores, educandos/aprendizes e gestores. Para que tal desejo de escuta de narrativas e conversações aconteça é de suma importância contextualizar os conteúdos, seus elementos constituintes, e explicitar o arcabouço teórico que nos orientará durante esta experiência. Pretendemos evidenciar que a educação não formal, através do ensino de artes e de tecnologias que se confluem em espaços de aprendizado, potencializam e estimulam os educandos/aprendizes a serem agentes ativos no processo de aprendizado decolonial, de transgressões e da construção de novos saberes, e também de resgate de antigos conhecimentos para uma formação mais humana com direito a sonhar trilhas de contentamento em territórios plurais.

Palavras-chaves: Formação; diversidade; experiências; narrativas; decolonialidade e artes.

RESUMEN

La temática que nos proponemos abordar en esta investigación son los contenidos que permean y son necesarios para la implementación de una pedagogía formativa en la que los estudiantes/aprendices participen efectivamente en un proceso educativo transformador en el ámbito de la educación no formal. Observar cómo fluye el diálogo entre educadores, gestores y estudiantes/aprendices para una educación crítica, diversa, que considere cuestiones de trabajo artístico, creativo y experiencia para pensar los cambios sociales, políticos, económicos y culturales, sin la intención de formar conciencia que alivie las desigualdades que existen en el seno de la sociedad. Esta investigación se realizó a partir de delimitaciones específicas en una institución pública de educación artística no formal y cursos de tecnología, considerando la programación pedagógica, artística y de diálogo con educadores, estudiantes/aprendices y gestores. Para que este deseo de escuchar narrativas y conversaciones se produzca, es de suma importancia contextualizar el contenido, sus elementos constitutivos y explicar el marco teórico que nos guiará durante esta experiencia. Pretendemos mostrar que la educación no formal, a través de la enseñanza de artes y tecnologías que convergen en espacios de aprendizaje, empodera y alienta a los estudiantes/aprendices a ser agentes activos en el proceso de aprendizaje decolonial, de transgresiones y de construcción de nuevos conocimientos, y también de recuperación de conocimientos adquiridos para una educación más humana con derecho a soñar caminos de contentamiento en territorios plurales.

Palabras-claves: Formación; diversidad; experiencias; narrativas: decolonialidad y artes.

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO	10
2 FÁBRICAS DE CULTURA DO SETOR – A, ATUAÇÃO, FORMAÇÃO NO ÂMBITO DO ENSINO NÃO FORMAL DE ARTES E TECNOLOGIAS	14
3 APRENDIZES, GESTORES-EDUCADORES E ARTE-EDUCADORES: NARRATIVAS CONFLUENTES E O MANIFESTO DE VOZES PLURAIS.....	21
3.1 CONVERSAÇÃO PARA BUSCAR OUTROS TEMPOS DA EXPERIÊNCIA: CÁSSIO CASTELAN	23
3.2 CONVERSAÇÃO PARA BUSCAR OUTROS TEMPOS DA EXPERIÊNCIA: LORRANNY TATIELLE.....	28
3.3 CONVERSAÇÃO PARA BUSCAR OUTROS TEMPOS DA EXPERIÊNCIA: THIGRESA ALMEIDA	32
3.4 CONVERSAÇÃO PARA BUSCAR OUTROS TEMPOS DA EXPERIÊNCIA: PALOMA ASSUNÇÃO.....	37
3.5 CONVERSAÇÃO PARA BUSCAR OUTROS TEMPOS DA EXPERIÊNCIA: NÉFI ALVES	41
3.6 CONVERSAÇÃO PARA BUSCAR OUTROS TEMPOS DA EXPERIÊNCIA: PETERSON XAVIER	44
3.7 CONVERSAÇÃO PARA BUSCAR OUTROS TEMPOS DA EXPERIÊNCIA: LETÍCIA MINELLI.....	48
3.8 MANIFESTO EM DEFESA DA DIVERSIDADE E DO DIREITO DE SONHAR NAS ARTES ...	53
4 CAMINHOS DIVERSOS E CRIATIVOS: O MANIFEIO, A MINHA ILHA DE EDIÇÕES DE EXPERIÊNCIAS-AFETOS E AS LEITURAS COMO GUIAS NAS FRESTAS.....	59
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	96
REFERÊNCIAS	100
ANEXO A	104

1 APRESENTAÇÃO

“Basta de poemas para depois...
Ó vida, e se nós dois
Vivêssemos juntos?”

Mario Quintana

Antes de iniciarmos o caminhar entre as frestas, pego a palavra para percorrer aquilo que acredito que sou: atuo como gestor cultural/trabalhador da cultura há mais de uma década em projetos com a literatura, artes e tecnologias. Nasci em Pernambuco, na cidade de Palmares, no mês de março de 1984. Ao longo das duas últimas décadas venho exercitando por meio da literatura meus processos criativos artísticos que permitiram alguns acessos educacionais e culturais.

Sou autor, até o momento, de oito livros de poemas que foram publicados por diferentes casas editoriais, comentados, resenhados por pessoas da literatura que admiro como pesquisador da linguagem literária. Para além de meu país, tenho textos editados no México e em Portugal. Criei junto de um amigo um canal de entrevistas de poetas brasileiros que já entrevistou mais de 90 autores, e também a editora Clóe, que se estabelece no cenário independente editorando nomes de relevância da literatura. Ditas essas informações que suponho serem mais significativas para o intento que vos apresento, sigo para a dissertação.

Esta pesquisa quer conversar com as relações que envolvem os processos artísticos e pedagógicos no ensino de artes e de linguagens tecnológicas em uma instituição que oferece aulas regulares para crianças, jovens e adultos no âmbito não formal dos modelos educacionais. Observar como se estabelecem o diálogo, as criações, as poéticas e as experiências educativas e artísticas, no intento de constatar práticas de uma pedagogia formativa e anticolonial que considere a inclusão e a partilha de conhecimentos alinhados com a diversidade, em que os educandos/aprendizes participem de processos de ensino-aprendizagem, tendo como atravessamentos a vivência com linguagens do circo, dança, teatro, literatura, audiovisual, maker, robótica, games, drones, artes visuais, música entre outras.

A pesquisa considera os territórios das Fábricas de Cultura do Setor A, o fazer artístico, pedagógico e a composição de um programa cultural público que envolve como agentes

principais de atuação: educadores, gestores e educandos/aprendizes. Pretendemos ouvir e criar acontecimentos por meio da experiência de diversas pessoas que compõem o Programa. Parto da apresentação do Programa e sua abordagem, construída por artistas, gestores do meio cultural e educacional. Em sequência apresento conversações e questões por meio das narrativas de trabalhadores da cultura que atuam nas Fábricas, em que refletimos conjuntamente: como os grupos artísticos e as ações pedagógicas vislumbram e percebem a diversidade? Quais os vínculos entre arte-educadores e educandos/aprendizes nos acontecimentos criativos, poéticos e de construção de narrativas? Qual a relevância de estar aberto à boniteza da prática educativa em processos de confluências onde as experiências se partilham?

Os norteadores de atuação do Programa estão embasados em um plano de ação que, há mais de uma década é aplicado em processos de formação e nas formações continuadas para educadores, equipes de bibliotecas e gestores. E nas experiências pedagógicas, nas interfaces e nos conteúdos transdisciplinares, somados aos acontecimentos artísticos e a minha atuação como gestor. Para além disso, minha performance existencial com as experiências que me constituem como sujeito de uma vida cultural, que sempre busca aprendizados novos e conversações que façam minhas reflexões críticas estarem sedimentadas aos meus interesses como pesquisador, gestor e artista, que tem na literatura a expressão pessoal e produção de poemas e textos em prosa.

Pensar os caminhos da Formação pela diversidade de experiências e narrativas é o meu foco de pesquisa. Com um recorte voltado para meditar sobre as práticas artísticas, educacionais e pedagógicas junto a jovens que transitam entre diferentes acontecimentos, confluências que provocam passagens entre múltiplos campos, bastante enriquecedores e de grandes desafios formativos. E quando falo de diversidade, falo também sobre representatividade proporcional à demografia populacional. Como aponta o especialista em diversidade, equidade e inclusão Guilherme Gobato, em seu texto “Representatividade de Diversidades Conceito e Aplicações”:

“Incluir diversidades diz muito sobre mover esforços para que a demografia populacional esteja devidamente e proporcionalmente espelhada nos espaços de poderes em sociedade. Valem aqui algumas perguntas para reflexão: quantos professores negros e negras já passaram em nossas vidas? Qual a raça, etnia e gênero dos principais estudiosos em determinados campos da ciência? Quais são as pessoas com quem mais nos relacionamos? Olhar o mundo ao nosso redor, questionarmos

quão representativo é e o que pode ser feito para expandir e incluir diversidades de forma proporcional são pontos fundamentais para avançarmos nessa pauta.

A busca por representatividade e consequente proporcionalidade de grupos minorizados não deve ser confundida com o perigo de uma história única, tão bem narrada pela escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. Tampouco podemos acreditar que a inclusão de umas poucas pessoas negras, mulheres, LGBTQIA+ ou com alguma deficiência por si só possa dar conta da representatividade necessária para grupo minorizados como um todo. Esse aspecto de inclusão, quando pensa-se em alcançar representatividade sem a devida proporcionalidade demográfica do grupo que se busca incluir, mostra-se superficial ao longo do tempo. A essa ação, digamos, ineficaz dá-se o nome de *tokenismo*, motivo pelo qual precisamos nos debruçar sobre isso.” (Gobato, 2022, p.91)

Em um mundo que cada vez mais se pauta pelos especialistas, mercado, lucro, venho defender e engendrar a importância da formação artística e educativa para a vida em sua totalidade. A vida em seu acaso de pessoas e experiências diversas que podem ser compartilhadas em encontros plurais. Por isso tento, mais do que delinear, descobrir trilhas, desvios, frestas, que constroem não só a pesquisa escrita, mas uma atuação mais crítica, consistente de minhas experiências, da reflexão mediante a escuta e participação das experiências do outro.

Sigo no segundo capítulo a partir das narrativas escutadas, para a apresentação de um “Manifesto Coletivo pela defesa da diversidade e do direito de sonhar”, que foi realizado com aprendizes, educadores e o pesquisador que vos fala. Construído em um acontecimento foi produzido um documento sensível, de reivindicação simbólica, criado por pessoas diversas que intervêm para construção de processos educacionais, artísticos e culturais que buscam a equidade, respeitando a individualidade e estabelecendo redes com o outro e seus coletivos atuantes.

No terceiro capítulo, que em três partes fecha essa dissertação, abarcamos os afetos e as reflexões criativas e de desvios que o Manifesto criado nos trouxe. Fechando assim parte do que considero mais veemente e focal na metodologia utilizada das escutas das narrativas, das notas-reflexões realizadas e da mediação do acontecimento que culminou no texto criado com as pessoas que performam também nas Fábricas de Cultura. O estilo de texto da dissertação carrega aspectos do ensaio e da literatura em muitos pontos, e se desdobrou em um mergulho de diálogo e memórias editadas de acontecimentos do “eu” pesquisador, para ser atravessado pelas leituras realizadas para a pesquisa, com os precedentes referenciais de formação.

Entendemos que as leituras são acontecimentos substanciais inerentes à minha vida até o momento e no porvir. Com as conversações vou me alimentando, pensando/meditando e

estabelecendo um diálogo profundo do ponto de vista da diversidade e de compartilhamentos de questões pertencentes à nossa época. Estes elementos da pesquisa vêm contribuindo para refletir a emancipação das Fábricas de Cultura como encruzilhadas, no sentido de lugares onde as experiências se encontram vindas de sibilantes corpos que querem experimentar as linguagens oferecidas e a diversidade dos encontros.

Cabe reforçar que as autoras e os autores como Paulo Freire, bell hooks, Ana Mae Barbosa, Jorge Larrosa, Luiz Rufino, Edgar Morin, Antônio Bispo dos Santos, Grada Kilomba, Paul Preciado, Catherine Walsh, Ailton Krenak entre outros, foram ferramentas imprescindíveis nas elaborações para dimensionar modos, metodologias que ajudaram na estrutura, nas conjunções das tensões educacionais e artísticas que tem em alta estima o dialogismo criterioso e democrático. Com os livros fecho esta jornada, porque eles me permitem modular linguagens que fazem parte dos encontros que me foram possíveis nesta caminhada, nos territórios que transitei e percorro.

2 FÁBRICAS DE CULTURA DO SETOR – A, ATUAÇÃO, FORMAÇÃO NO ÂMBITO DO ENSINO NÃO FORMAL DE ARTES E TECNOLOGIAS

O Programa Fábricas de Cultura, do Governo do Estado de São Paulo, tem como missão aproximar crianças, jovens e adultos na construção de uma sociedade em que a arte e a cultura sejam vivenciadas como oportunidades de transformação e formação. Seus principais objetivos incluem estimular o desenvolvimento integral de indivíduos e grupos, valorizar, mapear e ampliar universos culturais, promover experiências artísticas e incentivar a criação de redes de produção e circulação cultural.

Para isso, o programa oferece uma diversificada programação cultural pautada em atividades que acontecem durante todo o ano tanto no viés formativo e de difusão, através de inúmeras apresentações e ações artísticas e educacionais, tendo toda a sua oferta de modo gratuita para população, com cursos de música, dança, teatro, circo, artes visuais, audiovisual, xadrez, games, robótica, cultura maker e drones. Além disso, conta com shows, sessões de cinema e bibliotecas que trabalham na perspectiva do modelo de Bibliotecas Vivas¹ com mais de sete mil títulos em seus acervos físicos, além de uma plataforma de livros em formato digital com mais de 80 mil títulos, utilizados para realização de atividades literárias e leitura do público, atraindo pessoas dos territórios e de outras regiões, interessadas em se expressar, compartilhar, descobrir e dialogar.

Desde 2011, a Organização Social Catavento Cultural e Educacional gerencia, por meio de contrato de gestão com a Secretaria de Estado da Cultura, Economia e Indústria Criativas, as cinco Fábricas de Cultura na Zona Leste da cidade, nos bairros Vila Curuçá, Sapopemba, Itaim Paulista, Cidade Tiradentes e Belém. O programa também se estende às Fábricas de Cultura 4.0 em São Bernardo do Campo, Santos e futuramente a Ribeirão Preto, denominadas Setor A, integrando conteúdos artísticos, educacionais, inovadores e tecnológicos à cultura.

¹ Para entender essa abordagem indico o material reimpresso pela SP Leituras em 2021, Bibliotecas vivas: as bibliotecas públicas que queremos/ Gloria María Rodrigues Santa Maria; [em colaboração com] Ivone Vasco; traduzido e adaptado por Celia Ribeiro Zaher e May Brooking Negrão. – São Paulo; Secretaria da Cultura do Governo do Estado de São Paulo, Unidade de Bibliotecas e Leitura, SP Leituras, 2013. 112p.: il. – (Notas de biblioteca; 6)

As ações de formação artístico-pedagógicas são voltadas principalmente para crianças e jovens, mas também atendem adultos e idosos, ampliando a participação e o diálogo com a comunidade. Todos os cursos são ofertados para pessoas a partir de 08 anos de idade. Cada turma tem um número de aprendizes participantes pautado em uma proposta pedagógica sólida e diversa no qual diferentes idades e níveis de conhecimento técnico de uma linguagem artística convivem e trocam realizando aprendizados entre todas e todos que participam das aulas. Os cursos normalmente têm seis horas semanais, oferecendo a um jovem que faz aula de maker, ou violão, ou teatro, uma carga horária bastante significativa durante todo um semestre de aula. As Fábricas também atendem com outras cargas horárias respeitando os diferentes contextos sociais.

Na gestão de cada unidade, a escuta, o respeito e a colaboração coletiva são elementos fundamentais que fazem parte de todo o Programa e de quem atua profissionalmente sendo ou não da área pedagógica. Instaladas em modernos prédios, com cerca de 6.000m², possuem salas devidamente equipadas para efetivação dos cursos e ações de difusão. A maior parte das unidades tem teatros com 300 lugares. A estrutura oferecida é importante a ser destacada, pois exemplos de verba pública bem utilizadas devem ser defendidas em prol da educação e da cultura.

A área de Formação Cultural, foco aqui nesta breve apresentação do Programa, coordena as atividades das Fábricas de Cultura que incluem ateliês de criação, trilhas de produção, o projeto espetáculo, o projeto musicando, feiras culturais, saraus, bibliotecas, mostras de processo e a formação contínua dos educadores, gestores e equipes de biblioteca.

As atividades refletem a identidade única de cada território, atendendo suas demandas e valorizando a diversidade, a memória local e o protagonismo dos aprendizes, sempre por meio de práticas colaborativas. E de um ensino ligado à produção de conhecimento de modo horizontal. Aprendizes e educadores trocam o tempo todo formatos de ensino e aprendizagem que investigam formas de aprender e que acolham cada pessoa dentro e fora de sala de aula.²

O Projeto Artístico-Pedagógico enfatiza o conceito de Autonomia de Paulo Freire, em que educadores e aprendizes se formam mutuamente. Nesse contexto, realizam mensalmente formações continuadas para educadores, gestores e a equipe técnica, com o objetivo de ampliar o repertório, fomentar o debate, promover a troca de experiências e refletir sobre as intersecções entre arte, cultura e educação. Essa ação formativa merece destaque, pois

² Veja mais em: <https://www.fabricadecultura.org.br/institucional> - No site institucional você pode consultar os cursos oferecidos, a faixa etária indicada de cada curso e toda a programação cultural oferecida. Além poder verificar os investimentos e as prestações de conta por meio de relatórios na aba de transparência.

possibilita e fomenta novos conhecimentos e atravessamentos por profissionais qualificados contratados para formações pontuais, e que refletem a diversidade das Fábricas. Tivemos nos últimos anos profissionais como Ana Mae Barbosa, Isaura Botelho, Rejane Coutinho, Carminda Mendes, Bel Santos, Daniel Munduruku, Tião Rocha, Fátima Freire, Marcia Tiburi, Mestre Pedro Peu, Viviane Mosé, entre uma multiplicidade de outros nomes que trazem suas experiências e pesquisas.

Além disso, a área pedagógica faz a integração entre as ações do Programa como um todo, incentivando a pesquisa e a leitura em parceria com a Biblioteca, que entre os funcionários é tida como o coração das Fábricas, porque atende os cursos e público em geral. As competências sociais e culturais são trabalhadas em conjunto com os conteúdos técnicos apresentados por cada educadora e educador ou atividade desenvolvida pelas equipes das bibliotecas.

Sobre pontos de grande importância faço alguns recortes que ilustram e dão a dimensão do documento que norteia as direções a cada ano de realização das ações das Fábricas de Cultura do Setor A, focando nos pressupostos pedagógicos, nas perspectivas de ações artístico-pedagógicas e terminologias que englobam as bases consistentes do Programa. A incorporação das Artes está no cerne do projeto Fábricas de Cultura. Os pensamentos que o norteiam fundamentam-se em diversos conceitos e bibliografias que moldam o que no documento é chamado de pilares para sustentar a autonomia de cada aprendiz e dos educadores.

A geografia dimensionando a leitura do território de cada unidade gerida pela Organização Social Catavento Cultural e Educacional se embasa nas noções de território e espacialização debruçadas sobre as definições do geógrafo Milton Santos, que propõe o lugar como o “espaço do acontecer solidário” e que fala da territorialidade como local utilizado, pois assim se dá o espaço que inclui. Esse é o lugar onde se estendem às relações flexíveis, referenciada no físico e ambientalista Fritjof Capra para desenvolver uma visão sistêmica do processo cognitivo, que se estrutura também no conceito de sustentabilidade como rede de relações flexíveis para se adequar a situações, formatos mutáveis onde a transformação é contínua e que, na referência constante aqui do documento pedagógico, se apresenta em cinco características: interdependência, reciclagem, parceria, flexibilidade e diversidade.

Outro item que faz parte desse vasto documento de orientações e conceitos é o conhecimento pertinente que se apoia no pensamento e pesquisas defendidas por Edgar Morin, para quem “a supremacia do fragmento” impede “a relação entre as partes e o todo e onde um influencia o outro”. Além do conhecimento pertinente, que agencia o favorecimento

à aptidão de cada pessoa e à utilização dos conhecimentos presentes em um contexto e agrupamento, esses pressupostos do projeto pedagógico carregam também os ensinamentos necessários a fim de ensinar elementos que fazem parte de nossa existência: o erro e a ilusão, condição humana, identidade terrena, enfrentamento das incertezas, compreensão e ética do gênero humano. Os setes saberes criados por Edgar Morin à educação do futuro são indispensáveis nessa amálgama formativa.

A Pedagogia da Autonomia desenvolvida pelo educador Paulo Freire é outra inspiração deste Programa, defendendo a solidariedade enquanto compromisso, pois o documento cita Freire: “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”(Freire, 1997), com respeito ao percurso de todos que fazem parte do processo de ensino e aprendizagem nas Fábricas de Cultura. Dito a breve apresentação de partes do plano pedagógico que se aprofunda em bases pedagógicas dinâmicas, experiência como acontecimentos, expansão da horizontalidade em toda a ação que envolve o projeto, mais a expansão vertical dos aprendizes que indica um aprofundamento em suas experimentações e vivências, para explorar a si, mergulhar nas artes e se conectar ao meio, e pensar com os bons pensamentos críticos o mundo em sua volta. E para essa contaminação pelas artes o envolvimento de todos os agentes e contribuição da diversidade são as janelas que permitem aos aprendizes olharem para fora e para dentro de si.

Como trabalhador da cultura, atuo no Programa há mais de uma década, o que me permitiu estudar os pressupostos ao longo dos anos e verificar nas práticas educativas e artísticas de cada unidade os conceitos e os nomes que indicam cada coisa em sua feitura. Percebo, do mesmo modo, mudanças ao longo dos anos que se articulam diante de fatores que são parte das políticas públicas e dos governos, que interferem e fazem, ao meu ver, o Programa enfrentar novos desafios a cada ciclo. Revendo as terminologias, alguns termos que já são parte do meu vocabulário me incitam a refletir sobre a robustez das Fábricas de Cultura, e como defender essa política pública como local de formação é sério, como é grave defender mais investimentos para a Cultura do Estado e demais projetos que façam parte do ensino das artes.

As terminologias apresentadas abaixo se tratam da definição e também da utilização de termos decididos pela OS que tem caráter estratégico para uma atuação mais acolhedora. Recorro aqui ao recurso de citação na íntegra de algumas partes que alicerçam o uso diário nos prédios das Fábricas de Cultura, para não afugentar as palavras que foram escovadas para cada definição, em detrimento às minhas palavras, que podem não esclarecer como se deve nesse ponto, como ferramenta para pesquisa e elucidação das terminologias para aqueles que

não tem acesso ao Programa. Todas essas informações são explicadas dia a dia para o público interessado, fazem parte das conversações dos agentes culturais que trabalham nas unidades para um esclarecimento do que acontece nas atividades e ações educativas e culturais.

Cabe apontar que esse é um documento que é atualizado e alterado ao longo dos anos, ou seja, é aprimorado por uma equipe técnica, educadores, gestores antenados a promoverem mais recursos e conhecimentos nas frentes de atuação. O documento fala das Terminologias:

“Aprendiz: É como se identifica o educando que será estimulado a desenvolver ações que revelem sua autonomia de ser e saber (Paulo Freire); é um dos agentes do processo de formação responsável pelo desenvolvimento de ideias artísticas e movimentos de cidadania que dialoguem e aprofundem os conteúdos propostos nos Ateliês. Objetiva-se fomentar no Aprendiz a ampliação de seu olhar para si, para o outro e para o meio a partir da Arte, proporcionando-lhe ofertas continuadas e progressivas e a possibilidade de participar de espetáculos artísticos. Formação do Aprendiz: Privilegia experiências artísticas que possibilitem uma compreensão mútua do aprendiz acerca de seu papel de indivíduo e sujeito coletivo. A busca é por uma formação crítica e reflexiva movida pela curiosidade e imaginação como ferramentas necessárias para a apropriação da identidade cultural e do território enquanto espaço de pertencimento.

Educador Cultural: Profissional com formação artística e visão pedagógica que exerce a mediação entre conteúdo cultural, aprendiz e sociedade. É um dos agentes do processo de formação, responsável pela geração de estímulos capazes de contaminar o aprendiz com os elementos de arte e cidadania a serem por ele explorados. Formação Continuada: Pretende-se, neste projeto formar, também, o Educador, pois ele fará o papel de mediador, articulando seus conhecimentos com os trazidos pelos aprendizes e com os específicos dessa formação.

Ateliê: É um caminho pedagógico-cultural/tecnológico norteador de uma formação que visa, em um tempo estimado de quatro a cinco meses, desenvolver atividades artísticas que potencializem o olhar do aprendiz no sentido de estimulá-lo a uma prática técnica e social mais reflexiva.

Durante este período o aprendiz terá a oportunidade de aprofundar o seu conhecimento na Arte ou Tecnologia escolhida.

O educador cultural fará o papel de formador e mediador ao articular o conhecimento trazido pelos aprendizes à sua formação específica.

Trilha: A Trilha é o caminho que permite uma investigação com mais acuidade dentro da arte escolhida pelo aprendiz. A Trilha assume um caráter que horizontaliza e verticaliza as

experimentações do aprendiz, pois lhe possibilita conhecer e reconhecer outras linguagens constitutivas da expressão artística em questão, bem como promover o amadurecimento da percepção do aprendiz acerca da sua arte ou tecnologia.

O educador cultural fará o papel de formador e mediador ao articular o conhecimento trazido pelos aprendizes à sua formação específica.

Interface: É o caminho pensado para que o aprendiz estabeleça conexões de conteúdo entre duas ou mais expressões artísticas e amplie, assim, seu raio de percepção. A ideia é promover fricções, tensões e intersecções entre as artes. As Interfaces ocorrem em diversos momentos da formação, no entanto a proposta pedagógica traz pelo menos uma interface obrigatória entre as linguagens e também pelo menos uma com a Biblioteca.

Feira Cultural: Momento de dividir ideias, que acontecerá uma vez no semestre. Cada Arte irá propor novos estímulos, que não precisam ser específicos do seu fazer artístico como propulsor das vivências que se seguirão.

Partindo de ideias abstratas os educadores irão aprofundar as propostas em seus respectivos Ateliês, utilizando como material fomentador para se trabalhar nos próximos encontros. Sarau das Artes: É um espaço agregador para a exposição, troca artística e literária entre os moradores da comunidade com os integrantes e aprendizes da Fábrica. A Biblioteca realiza a sensibilização com os aprendizes, educadores e comunidade durante o desenvolvimento do tema norteador, tendo os educadores como propositores temáticos do evento.

Figura 1 - Formatura Cultural/Territórios Culturais:



Fonte: Fábrica de Cultura Cidade Tiradentes , 2024

A imagem exibida acima mostra um dos momentos marcantes do Projeto, a Formatura Cultural dos Aprendizes. Por meio de uma Mostra de Processos, apresentam para os responsáveis e toda a comunidade o que aprenderam e pesquisaram durante o semestre. A foto se refere a Formatura Cultural do 2º semestre de 2024 na Fábrica de Cultura Cidade Tiradentes, localizada na região da zona leste de São Paulo. Essa é só uma singela ação das inúmeras que poderiam ser ilustradas aqui, para ter a dimensão global do que acontece nas unidades. Nesse dia e teatro seguramente tinham mais de 300 pessoas acompanhando a apresentação, que envolvia interfaces entre diferentes linguagens do eixo de música³.

³ Veja mais em: <https://www.fabricadecultura.org.br/institucional> - No site institucional você pode consultar mais fotos das atividades e ações de destaques promovidas pelas Fábricas de Cultura Setor A.

3 APRENDIZES, GESTORES-EDUCADORES E ARTE- EDUCADORES: NARRATIVAS CONFLUENTES E O MANIFESTO DE VOZES PLURAIS

“... Os bons eu enalteço, os maus eu critico. Devo reservar as palavras suaves para os operários, para os mendigos, que são escravos da miséria.”

Carolina Maria de Jesus

“Somos nuestra memoria,
somos esse quimérico museo de formas inconstantes, ...”

Jorge Luis Borges

Assumo aqui que todo processo que envolva singularidades e o coletivo produzem zonas de riscos de conversações e experiências. E que o discernimento na dimensão política, educacional, cultural e artística exige uma escuta generosa e aberta aos múltiplos discursos e seus entrelaçamentos. A expressão narrativa ajustada as trilhas da memória desloca do lugar o comum do pensar. Para conversar com uma outra pessoa, se lembrar sempre da disponibilidade e aberto as proposições, do sentir, do refletir, do imaginar que me impelem para o pensamento criativo, crítico diante do tema a ser dialogado. A narrativa é também um lugar de resistência.

E essa potência que está nas narrativas, exige saberes de conteúdos e trato com a linguagem que se conectam à aquela ou aquele que possua um saber ou saberes em diferentes frentes. As boas conversações incitam as pessoas a pensarem de modo acessível aos compartilhamentos. Atua na formação gestando e criando novos aprendizados que interferirão no mundo e nas suas políticas públicas que estão sempre debruçadas sobre os governos e sua capacidade de gerir as questões de uma sociedade ou comunidade ou território. Pessoas são forças presentes para dinamizar a vida, diversificar os espaços e energizar as relações, mesmo estando em diferentes lados. O importante é a compreensão dos bons saberes. Como fala Antônio Bispo dos Santos “somos compartilhantes” e podemos decidir algo pelo saber mais razoável a causa e/ou ao fato:

As nossas relações com as pessoas não afro-confluentes e não indígenas naquele território eram relações de respeito, correlações de forças equilibradas. Quando havia algum desequilíbrio, elas eram favoráveis a nós, porque detínhamos grande

confluência de saberes. Sabíamos tudo o que era necessário para viver naquele ambiente. (Santos, 2023, p. 39)

E nesse sentido quilombola e ancestral que Bispo pensa as relações, o exercício da energia das narrativas e saberes que é também criação, interligada a pluralidade da existência e suas elaborações, sejam elas através da palavra, de objetos utilitários, artísticos, de processos educacionais, do conhecimento do meio ambiente entre outros. A narrativa como potência e sendo ela energia, pode ser realizada ou não, isso se pegamos de empréstimo a concepção de Aristóteles. Giorgio Agamben refletindo sobre o que é o ato de criação traz, do pensador grego os seguintes dizeres sobre essa questão:

Quem possui – ou tem o hábito de – uma potência pode colocá-la em ato ou não. A potência – esta é a tese genial de Aristóteles, mesmo que aparentemente óbvia – é definida essencialmente pela possibilidade do seu não exercício. O arquiteto é potente, porquanto pode não construir; a potência é uma suspensão do ato (em política isso é bem conhecido, e existe até uma figura, chamada de “provocador”, que tem justamente o papel de obrigar quem tem o poder a exercê-lo, a colocá-lo em ato). (Agamben, 2018, p. 63)

As relações das conversações atuais me tensionam a ramificar a disponibilidade das pessoas. E nesse sentido aqui, graças ao acontecimento do encontro e da flexibilidade, tive conversações amplas, onde minha escuta poder trazer narrativas de experiências sobre diversidade, criações, encontros e de possibilidades de pensar o porvir pautado na transformação e na compreensão de diferentes vozes dos percursos prováveis e das frestas a se agir da luta pela equidade. Dimensionando narrativas sobre diversidade em uma política pública de formação, através do ensino de linguagens artísticas e tecnológicas. Do dia 19 de junho ao dia 26 de junho de 2024, a generosidade de profissionais da arte-educação e de aprendizes me fizeram pensar de modo metafórico no poder do fogo como chama que aquece, dança e tensiona cuidados e iluminações em torno de pessoas.

A escuta que tive diante de experiências tão diversas, e de pessoas que aceitaram o mergulho do acontecimento, me colocou no lugar que Jorge Larrosa fala em um de seus escritos em que está pensando a escuta do estudante:

O estudante, quando estuda, cala. Não põe constantemente, como o homem moderno, o alvoroço de sua pessoa e sua cultura, na medida em que podem pôr a perder o silêncio que envolve a palavra. (Larrosa, 2017, p. 252)

E nesse modelo do estudante, após a escuta de nove experiências sobre diversidade, irei realizar uma conversação textual embasada em como me desloca e me afeta cada

narrativa, crendo na importância da potência, interferir de outros modos nas narrativas, ao meu ver, seria colonial. De tal modo o que transcrevo abaixo são conversações, que incito através de três questões para o resgate das experiências. Mesmo que essas questões tenham sido postas em tom interrogativo, acredito que cada palavra emergida pelos participantes dessa pesquisa e estudo representam a diversidade de uma conversa respeitosa, profunda, que se desvia dos preceitos oficiais e encontra abrigo em nossos territórios culturais e de vasta expressão artística. A transcrição transiciona na continuidade dos dizeres deste texto, é o lugar onde deveríamos invocar a fogueira e a roda para pensar a arte-educação em um espaço no qual possamos também olhar as estrelas e a nuvens que cobrem as tonalidades das conversações.

E diante das questões colocadas para cada participante solicitando um exercício de memória junto a uma história na qual a diversidade tenha feito parte de um acontecimento na Fábrica de Cultura, que pode ter sido em Ateliê, eventos e/ou atividades de biblioteca que tenha participado, considerando os aspectos criativos, poéticos, temáticos relacionados à experiência; mais o que toca nesta narrativa que o participante acabou de fazer ligado a reflexão de qual a importância da diversidade em um espaço como a Fábrica de Cultura, que tem como principal vocação ser um serviço público de formação. Trago para troca de afetos, as vozes que fazem parte do Programa Fábricas de Cultura do Setor A.

3.1 CONVERSAÇÃO PARA BUSCAR OUTROS TEMPOS DA EXPERIÊNCIA: CÁSSIO CASTELAN

A narrativa de Cássio: Educador atualmente do Projeto Espetáculo, da Fábrica de Cultura São Bernardo do Campo, no Programa desde 2014, idade: 57 anos.

A gente poderia ficar aqui um dia inteiro só pegando, pegando fatos, né? Que aconteceram. A gente teve coisas que foram muito fundamentais para construção de espetáculos a partir do ponto diversidade. Teve questões relacionadas à identidade racial que já aconteceram, e a partir dali aquilo determinou o caminho do espetáculo, como no Itaim, em 2019, mas rolou uma coisa ali dentro do grupo de aprendizes, em 2018, no Belém, que eu acho muito sintomático.

Que é pra isso? Que a gente tá conversando agora? A gente tinha um aprendiz ali chamado Otávio, o Tato? O Tato era um cadeirante? Dentro de uma turma inteira que não era de

cadeirantes. Quando a gente inicia ali o trabalho, eu e o André que era o outro educador que trabalhava comigo naquele momento. A gente se olha e fala, como a gente vai tratar? O Otávio. E aí na mesma hora um olha pro outro e fala, cara, essa pergunta não tem nada a ver. A gente vai tratar o Otávio como qualquer outra pessoa, né? E vamos pra sala de ensaio, de encontro. Eu nunca como sala de aula, mas é.

A gente está sempre dentro de um processo criativo. Então a gente não estabelece ali como um espaço de aula, mas sim como um espaço de criação. E quando a gente começa o trabalho com aquela turma e com Otávio, começamos a ver que o Otávio ser um cadeirante poderia ser uma questão para nós, educadores, mediadores, naqueles encontros, para a turma nunca foi. E isso passa a ser um baita ensinamento pra gente ali, porque a turma não entendia o Otávio como alguém com menos capacidade de criação do que eles. Havia a diferença, porque o Otávio não caminhava com as próprias pernas. Havia. Óbvio. Ela, ela, ela tá ali, mas essa diferença não era um fator que limitasse a criação da turma e muito menos do Otávio. E começa ali todo uma trajetória dele, do Tato, dele sair da cadeira e não para andar e para ser igual aos outros. Ah, porque os outros se movimentam ele também queria se movimentar. E isso não era impeditivo para ele, porque ele queria experimentar outras possibilidades. E a turma rolava essas possibilidades com ele. Dele sair da cadeira, fazer coisas e voltar pra cadeira. E pouco a pouco, o fato de ter o Otávio na cadeira de rodas começou a ser determinante de como as cenas iam ser pensadas, as cenas que eles estavam transformando nas cenas do espetáculo, ou seja, o fato dele ser cadeirante não foi um fator que limitou, abriu novas possibilidades de criação da cena.

E quando a gente fala de um processo de criação já é o espaço por excelência, o espaço da diversidade, porque ele permite que a gente não se prenda a regras e a conceitos que travem esse processo. Se a gente está dentro de um ensino, e eu tenho determinado conteúdo esse conteúdo tem que ser aplicado com um olhar mais conteudístico ou tecnicista para coisa. Talvez houvesse limitações que o Otávio teria que transpor, mas como a gente parte de que o principal viés pelo qual a gente vai trabalhar é o viés formador, tanto do enquanto artista, enquanto pessoa, enquanto cidadão, e é o do seu potencial de criação. A tal pessoa tem este potencial de criação, mas enquanto potência do que tá acontecendo ali na hora, né. O Otávio, ele abriu possibilidade de criação pra gente dentro desse recorte.

E me toca essa narrativa quando você faz essa reflexão do todo, é entender o quanto aquela turma se modificou em função do Otávio. Marcelo, a transformação não só do Otávio, mas das

outras pessoas. Às vezes a gente pensa muito nessa pessoa que é acolhida. E é claro que a gente tem que pensar, né? Mas é muito bacana você ver a transformação do outro. De quebrar barreira, de mudar conceitos, de mudar a opinião e dela descobrir, né, entender, alcançar um olhar novo pra vida dela. E o mais bonito do Otávio hoje é. Primeiro é ali na naquele momento a gente não sentia ao final nenhum sentimento de pena do Otávio, nem das pessoas que faziam com ele. E também a gente não sentia também das pessoas que assistiam ao espetáculo, olha que bonitinho ele fazendo. Porque a questão não era essa, porque havia ali um entendimento dele, Otávio enquanto pessoa, de que ele estava em um ato artístico.

E da diversidade em um espaço como a fábrica de cultura, pensando, né? É essa dimensão do equipamento público, dentro dos territórios aonde ele acontece. Aí eu acho que é fundamental, porque eu acho que ele pode transformar o espaço público. É de novo, olhando pra quem está recebendo, pode ser um elemento de transformação, Marcelo.

Se nos obrigar a nós olhar, enquanto e como a gente vai abordar a turma com quem a gente está trabalhando e a partir daí a gente ampliar e perceber que a gente tem possibilidades, que a gente não precisa ficar restrito ao que a gente já sabe. Pelo contrário, né? Mas abre uma possibilidade de tá, eu tenho algo aqui. Que eu não sei como lidar, ou que eu, ou que eu suponho. Então eu vou ter que ir atrás, eu vou ter que descobrir. E a partir daí, enquanto, enquanto ali na função que a gente tá, a gente é um agente desse espaço público. Isso faz com que a gente repense o espaço público pra que ele seja mais público ainda. E não no sentido de oferecer apenas aquela acessibilidade.

É prática, né? Pro cadeirante, as vias de acesso. Olha, eu sei que eu tenho que receber todos, a diversidade, mas entender que essa diversidade é uma potência criativa e de relação com o outro. De descoberta do outro, né. Com isso, eu acho que essa potência, essa escolha da possibilidade, pra mim “Ela é Demais”. Eu acho que é ela que nos transforma enquanto educadoras e educadores. Se a gente perde isso, hum, a gente só vai estar cumprindo regrinha, tá. E como que você entende esse aspecto que você traz pensando as temáticas que são apresentadas. É como referências para o trabalho de que você desenvolve como educador. Eu acho que aqui na fábrica a gente faz muito bem na temática. Acho mesmo. É, eu acho que cada vez mais a gente está procurando estar antenado com o que vem se discutindo no mundo, né. Então, quando a gente trabalha a partir dos povos originários ou agora que a gente trabalha no Projeto Espetáculo a questão do sonho, né, de temas que a gente vê que as bibliotecas trazem pra gente e que possibilitam encontros que mesmo que não estejam ligados

diretamente ao que a gente faz, permitem que a gente discuta temas transversais e que nos atravessam mesmo a partir dali, e dali ampliam o que a gente vem discutindo, porque não dá pra gente abrir mão de sistemas, né, Marcelo. Do que vem sendo conversado no mundo, se a gente abrir mão disso e ficar apenas em conteúdos oficiais formais, será que a gente está cumprindo mesmo o nosso papel? Porque eu acho que né. Que ao nosso modo a gente tem conseguido olhar e escutar o que esses aprendizes estão dizendo pra elaborar esse sistema e trabalhar com eles.

Como sentido de horizontalidade da conversação, escolho para compartilhar e conversar com a narrativa de Cássio a mesma fonte e formato textual da transcrição. Parece um ponto de partida bobo, desnecessário talvez, mas me provoco a espalhar as ideias do ponto mais sem importância de qualquer fala que poderia trazer sobre a escuta e a troca com o arte-educador e artista de décadas de trajetória de ampla investigação sobre processos formativos na área do teatro. Cássio performa junto de uma equipe de educadores, artistas, provocadores que acolhem e recolhem cada palavra surgida em uma roda ou nas estreitezas canalizadas nos processos que dirigem.

Enquanto Cássio conta a experiência de Tadeu, uma pessoa com deficiência, e de como esse processo de montagem de um espetáculo com o Tadeu o transformou e todo o grupo, me pego pensando qual era mesmo o nome do espetáculo. A partir da informação de que Cássio escolheu para dizer sobre a construção de um espetáculo de 2018, começo a dividir a minha concentração com o esforço de lembrar um trecho ou o título, porque se tratava de uma peça que naquele ano assisti duas vezes. Isso devido a minha atuação na gestão do Programa Fábricas, e conforme ia a narrativa avançando e minha escuta criando relações com as palavras de Cássio pude acionar a memória através do afeto e de elementos da montagem que lembrava e de Tadeu e do restante dos aprendizes/atores, pelas suas atuações no palco.

Dessas atuações enxergo agora o resgate do título e posteriormente da consulta que fiz para buscar mais informações, deste processo Cássio, aprendizes e os demais arte-educadores do Programa, criaram o espetáculo: “3 cantos para um só tempo e um só lugar”, que eram três histórias que se entrelaçavam porque ao meu ver, se tratam de dramaturgias de nosso tempo e de nossos desvios tanto para coisas boas do mundo quanto para coisas que vem destruindo as possibilidades de uma existência mais acessível e diversa diante de resoluções que vem tornando a palavra distopia mais citada do que a palavra utopia, que deveria ser desenhada por grafiteiros nos muros da cidade.

E ouvindo sobre Tadeu, as descobertas de Cássio e seu entendimento dos processos que naquele ano de 2018 trazia-lhe uma nova experiência, tendo a acreditar que essa narrativa está relacionada a constante recriação do mundo. Uma experiência artística e educativa é a possibilidade de criar ideias, sonhos, conhecimentos para transformar e estetizar nossa jornada diante do estar com o outro e com o ambiente que nos cerca e os espaços que sabemos imprescindíveis de cuidado, comunhão e trato respeitoso. Numa reflexão de Ailton Krenak no livro: “A vida não é útil”, o pensador reflete em uma passagem sobre os dizeres de Suely Rolnik sobre a mudança do capitalismo, em necrocapitalismo, que me serve para pensar Tadeu, Cássio, processos criativos e força vital para continuarmos a criar e a estar com o outro com toda nossa capacidade de existência. No trecho que retalho como potência e não como pulsão de morte que está ligada ao necrocapitalismo, Krenak fala:

Eu estou interessado é na caminhada que fazemos aqui, na busca de uma espécie de equilíbrio entre o nosso mover-se na Terra e a constante criação do mundo. Pois a criação do mundo não foi um evento como o Bing Bang, mas é algo que acontece a cada momento, aqui e agora. O próprio evento geofísico da existência do planeta no cosmos é um evento ativo. Tudo que pensamos que já existiu está acontecendo agora, se as pessoas conseguirem acessar isso, poderão sentir que esse mundo que nós, de diferentes perspectivas, acreditamos que existe segue em transformação. Não está inscrito em uma linha do tempo: “Neste dia o mundo foi criado. (Krenak, 2020, p. 69)

A narrativa de Cássio, também me provoca no campo das políticas públicas de pensar o que estamos fazendo para mudar os lugares excludentes, de violências muitas vezes intraduzíveis pelo campo da razão, configuradas pela ignorância, preconceitos que fogem e bloqueiam as conversações. Os corpos excluídos tem que estar no cerne na busca de equidade, não existirá fruição, experimentação, formações se deixarmos de pensarmos em pedagogias de colaboração, representatividade e protagonismos que estejam toda a diversidade humana presente nas comunidades.

Recentemente tive a oportunidade de ler e conversar sobre acessibilidade com Claudio Rubino. Para contextualizar de quem se trata me recorro ao seu currículo que diz: “é gestor, produtor cultural e ilustrador. Pessoa com deficiência, gay, atuante na luta anticapacitista e acessibilidade na cultura...”. Entre a conversa e a leitura de um de seus textos escritos para gestões de museu e direcionado para um trabalho específico com um dos museus da cidade de São Paulo, ele cita João Paulo de Oliveira que na citação feita por Rubino, nos comunica:

Aproximar falas e movimentos dos corpos excluídos para pensar em pedagogias do corpo que nos levem a outras práticas de empoderamento e afetos. Pensar o corpo def como o que tem seus desejos, quer vive-los e experimentar sua humanidade como qualquer outro. Perceber a existência corpo-de-negro-trans e a soma de suas dissidências, agregar práticas que se baseiem numa diversidade em que a acessibilidade forma parte desse escopo: o direito ao gênero, o direito à sexualidade, ao sexo, ao desejo. Imaginar outras narrativas contadas por nós mesmos numa poética coxa e manca que se veja aleijada e aleije o modo de criação normativo que nos capturou tanto. (Lima, 2022, p. 145)

A história da experiência de Cassio, de sua visão sobre uma política pública cultural como a Fábrica e dos acontecimentos que envolveram o Projeto Espetáculo de 2018, me faz citar o que ouço das pessoas com deficiências em conversas: “Nada sobre nós sem nós!”.

Figura 2 – Projeto Espetáculo



Fonte: Fábrica de Cultura Parque Belém, 2018.

3.2 CONVERSAÇÃO PARA BUSCAR OUTROS TEMPOS DA EXPERIÊNCIA: LORRANNY TATIELLE

A narrativa de Lorranny: Aprendiz atualmente no Projeto Espetáculo, da Fábrica de Cultura São Bernardo do Campo, desde março de 2024 realiza curso na Fábrica, idade: 18 anos.

Durante o curso, a gente teve duas aulas em específico, em que foram com escritor que a primeira foi com a Sandy Oliveira que a gente falou sobre a os livros dela com parceria com a

bibliotech e ela contou sobre a narrativa dela e muita gente da sala se identificou com coisas que ela falou referente a sofrer algum tipo de racismo ou conhecer pessoas que já sofreram algum tipo de racismo. E foi uma aula que foi pra abrir os nossos olhos, porque a gente conhecia muita gente que sofria algum tipo de coisa. E a gente convive com essas pessoas de quarta, sexta e sábado, mas a gente não tem acesso a tanta intimidade.

E outro momento que foi assim, foi num outro dia, mês passado, em que veio outra escritora que ela falou sobre o livro, antes da transição, em que a gente discutiu sobre pessoas transgênero, e tivemos um momento durante a palestra em que cada um falou se conhecia alguém que era transgênero e falou o nome dessa pessoa é pelo qual ela se identificava. E aí a gente conversou e tiveram vários relatos, pessoas que contaram sobre parentes que se assumiram na família, como foi isso? E sobre pessoas que também são da Fábrica, que se assumiram pra família e contaram como foi esse processo na própria família. Ah, muito bacana.

E aqui, o Sandy Oliveira me marcou muito porque eu cresci parte da minha vida aqui em São Paulo, mas a outra parte foi no Nordeste. Eu voltei do Nordeste em 2022, e mesmo estando no Nordeste, sempre foi um tanto difícil estar em ambientes culturais, sendo negra e tendo um cabelo crespo e não ter uma aceitação tão grande da família. Então, ter uma palestra com a kiusam de Oliveira, ouvir outras vivências, ter acesso aos livros dela, fez com que eu abrisse os olhos pra pensar, eu passei por algo, mas eu segui. Crianças das próprias relações talvez não passem por isso, por terem mais espaço e apoio. E na segunda palestra, eu agora, eu sou universitária e eu estou estudando na federal do ABC.

E eu conheço pessoas que são transgênero e ver pessoas falando sobre e ter um livro que em que fala sobre a mãe, que ver um filho mudando de gênero, faz com que mesmo que eu não tenha essa experiência, eu consiga ver com outra ótica, experiências de outras pessoas que eu tenho convívio.

E me marca eu acho que principalmente a inclusão de várias pessoas. Porque querendo ou não, em certos ambientes a gente vê que algumas pessoas, elas são extremamente excluídas por cor, raça ou gênero. E aqui na Fábrica não tem isso. A gente tá todo mundo junto com uma grande família no Projeto Espetáculo, que é o Ateliê que eu tenho acesso. E desde o início, sempre que entra alguém novo, a gente procura acolher, e é como se a Fábrica fosse realmente uma segunda casa pra gente.

Enquanto ouvia Lorrany e suas palavras que iam amalgamando as ideias, as reflexões, as lembranças e o impacto dos encontros que ela pode vivenciar dentro da Fábrica de Cultura, e como essa jovem estava atenta com as questões de racismo, gênero, importância das leituras, da poesia, da experiência pautada em corpos dissidentes, a percepção que a inclusão movimenta conhecimentos plurais e acolhe as singularidades. Pude também recuperar dimensões sobre por que me enveredei pelas artes, educação, na poesia como militante literário e como isso está internalizado comigo, nessas conversações com jovens, educadores, gestores e artistas. A narrativa de Lorrany, esticou uma corda bastante significativa, de como a experiência prática do dia a dia pode ser encorpada com poesia, diversidade, acontecimentos que tenham a abertura do bem viver em comunhão com o coletivo. Estar com o outro criando e sendo crítico em relação às tensões do mundo e suas injustiças, as suas desigualdades, sem perder da experiência a força da literatura, das pessoas em perspectiva amorosa.

Todo bom mediador, autora, autor, ou seja, ser que está se comunicando só é efetivo se sua fala que envolve estéticas, formas, temas, associações, multiplicidade, capacidade de escuta e etc., se tiver a dimensão da vida não só como sobrevivência, mas como ingresso em prazeres que serão formadores para uma vida que o “eu e o nós” sejam um tecido para as boas práticas da existência, que requer sempre relações de raízes, e proliferação de trocas pautadas na partilha.

Em outra mescla reflexiva de prosa e poéticas na narrativa de Lorrany, as questões que envolvem a exclusão, o racismo e como a escuta das vozes dissidentes nos espaços culturais e educacionais são oportunidades de ampliar e questionar organizações que sempre foram forjadas em currículos e manejos de manutenção de poder para poucos. Os procedimentos educacionais de escolas formais sem a criação, o reconhecimento da diversidade, privilegiando alguns grupos e deixando de lado outros são lugares que devem ser questionados para não continuarmos repetindo as falhas nos processos educacionais.

Em um apontamento pós-estruturalista a professora Guacira Lopes Louro, fala de como é problemática a formação das disciplinas escolares:

A linguagem, as táticas de organização e de classificação, os distintos procedimentos das disciplinas escolares, são, todos, os campos de um exercício (desigual) de poder. Currículos, regulamentos, instrumentos de avaliação e ordenamento dividem, hierarquizam, subordinam, legitimam ou desqualificam os sujeitos. Tomaz Tadeu da Silva (1996, p.168) afirma que o “poder está inscrito no currículo”. Como já observamos, a seleção dos conhecimentos é reveladora das divisões sociais e da legitimação de alguns grupos em detrimento de outros. Para

Tomaz, o poder é precisamente “aquilo que divide o currículo” – que diz o que é conhecimento e o que não é – e aquilo que essa divisão divide – que estabelece desigualdades entre indivíduos e grupos sociais”. Neste sentido, o autor propõe uma série de questões que permitiriam não apenas identificar quais conhecimentos ou grupos sociais são incluídos ou excluídos do currículo (e também “de que forma estão incluídos”), mas também verificar, “como resultado dessas divisões, dessas inclusões e exclusões, que divisões sociais – de gênero, raça, classe – são produzidas ou reforçadas. (Louro, 2022, p. 88 e p.89)

E relacionando a questão do currículo das escolas com os elementos da fala de Lorrany, fica a reflexão de como temos que alterar os paradigmas dos processos educacionais, culturais e sociais para não validar modelos que não conversam com nosso tempo, que afirmam modos obsoletos e conservadores de existência, referenciados no ódio, na vontade de destruir. É na ginga, na mistura que a vida vai se fazendo e as nossas vivências. Lorrany traz os laços, a poesia em sua fala, a prosa no sentido de organização da ação de enfrentamento das barreiras e dos preconceitos. E na junção da prosa e da poesia que o jogo, a dança da vida se dá, Edgar Morin em seu “Manifesto para mudar a educação”, pontua:

Como indicamos anteriormente, a vida é um tecido mesclado ou alternativo de prosa e poesia. Podemos denominar prosa as exigências práticas, técnicas e materiais necessárias à existência. Podemos denominar poesia o que nos coloca em um segundo estado; primeiro a própria poesia, a música, a dança, a alegria e, é claro, o amor. Nas sociedades arcaicas, prosa e poesia eram estreitamente entrelaçadas. Por exemplo, antes de partir em uma expedição, ou no tempo das colheitas, havia danças, cantos e tudo fazia parte dos ritos. Evidentemente, estamos em uma sociedade que tende a dissociar prosa e poesia, e uma ofensiva muito grande de prosa está ligada à grande ofensiva técnica, insensível, mecânica, cronometrada, na qual tudo se paga, tudo é monetarizado. Sem dúvida alguma, a poesia tenta se defender nos amores, nas amizades, nos fervores. A poesia é a estética, é a alegria, é o amor, é a vida em oposição à sobrevivência! O que é uma vida racional? É levar uma vida prosaica? Absurdo! Precisamos da prosa para nos sensibilizarmos com a poesia. Se tivéssemos uma vida permanentemente poética, seríamos totalmente incapazes de discernir sobre a prosa. Não há dúvidas de que precisamos de racionalidade em nossas vidas. Mas temos necessidade de afetividade, ou seja, de laços, de plenitude, de alegria, de amor, de exaltação, de jogo, de Eu, de Nós. (Morin, 2015, p. 35 e p.36)

Esse trecho mais longo de Morin, mas que aqui se faz de grande ajuda para mergulhar na narrativa de Lorrany, em seus dizeres organiza a extensão da poética e de como essa prosa de pensar criticamente sobre a sociedade designa e atualiza conexões com outras pessoas, outros desejos, outras lutas em prol da equidade, do direito de estudar, de criar através das artes, de se encontrar em lugares públicos culturais para descolonizar e fortalecer qualquer que seja o ambiente de ensino. Ensinando a todos a viver juntos com epistemologias alargadas, campos férteis para transgressão e a favor das transformações.

3.3 CONVERSAÇÃO PARA BUSCAR OUTROS TEMPOS DA EXPERIÊNCIA: THIGRESA ALMEIDA

A narrativa da Thigresa: Assistente de Subgerente/Gestora, na Fábrica de Cultura Sapopemba, no Programa desde 2023, idade: 33 anos

Marcelo, é, eu acho que uma das coisas que me chamam a atenção é logo de primeira. É o Slam que a gente fez esse ano aqui na fábrica, em Sapopemba. E como foi importante estar nesse evento e ver aquela molecada toda é e ver aquela. Quando eu digo molecada são as crianças, né. Crianças e jovens que ali estavam e adultos também. E pessoas de mais idade, como aconteceu num dos dias em que a Sônia, que é um aprendiz nossa, muito de mais idade, é participou e tudo mais. Então, como isso foi potente e como naquele lugar se falavam de poesias e sobre narrativas de poesia, sobre os mais diversos tipos de assunto, mas que normalmente estão dentro de um recorte. E das suas vivências pessoais que giram em torno.

E de pessoas negras LGBTQTS em sua maioria. E como era bonito ver, os aprendizes se apoiando em suas, em suas questões, que apareciam ali na poesia, porque é, é isso, né. O encontro político na praça, do poder falar, e isso você ouvir a potencialidade da outra pessoa, a potencialidade da poesia e da narrativa, da história de vida de outra pessoa. Se reconhecer nessa narrativa e usar essa narrativa a seu favor para criar outras, para criar outros desdobramentos. Então eu acho que esse foi um evento muito interessante, mas também destaco uma, outra situação.

De uma saída pedagógica que, se eu não me engano, foi para o musical Wicked. Se eu não me engano, Marcelo, que eu acompanhei a turma de Teatro do educador Fábio, aqui de Sapopemba, também aí naquela coisa, né, do ônibus, da brincadeira do ônibus, da coisa, da euforia das crianças. Ali, essa turma do Fábio que eu acompanhei, ela é uma turma mais jovem, uma turma da manhã, então uma turma com recorte ali de média de 12 anos de idade, das crianças e dos pré-adolescentes. E aí eu sentei assim, na primeira fileira do ônibus, o Fábio sentou na segunda e do meu lado sentou o Tadeu. E aí, o Tadeu fez assim, qual que é seu nome?

Me fiz, eu me chamo Thigresa, ele fez Thigresa? Eu, é, me chamo Thigresa, mas por que esse é seu nome? Eu me chamo Thigresa porque é meu nome social e tudo mais. Aí ele fez assim para mim, eu sou um homem trans, inclusive no RG, ele fez para mim e tirou RG me mostrou, é e

acho que é isso, né. É sobre esses encontros, né, Marcelo, sobre essas potências que de alguma forma não parecem pedagógicas num primeiro momento. Mas o mostrar o RG é uma atitude não só pedagógica como política. De falar é, é assim, eu sou o Tadeu, eu sou a Thigresa, e tudo mais. E aí aconteceu de uma brincadeira. É entre aprendizes no final do semestre que o Tadeu estava envolvido por acaso, e houve a estereotipação de uma outra pessoa. E aí quando eu vi que era o Tadeu que tinha subido para ADM, eu falei assim, deixa que eu vou resolver aqui, eu vou, vou pegar num lugar que eu sei que é o lugar que pega normalmente as pessoas LGBT. Aí a minha fala para ele era, Tadeu. Eu esperava de todo mundo qualquer fala estereotipada, menos de você, e você sabe muito bem porquê. Eu não deixei ali explícito porque ele também sabia essa. Então, assim, também é pedagógico a gente tomar essas falas e tudo mais. Então eu acho que esses 2 acontecimentos é, e são bem marcantes assim, sabe. É porque eu acho que nós, comunidade, também nos educamos pedagogicamente entre a gente.

Eu lembro de ouvir, vou colocar dessa forma, mas de forma obviamente você vai entender. O que eu vou falar de travestis mais velhas é que assim ouça o que a gente está falando, assim como de travestis, mais velhas, ouça o que a gente está falando, assim como você ouça o que a gente está falando. Então é isso...Agora a gente fala pro Tadeu, ouça o que eu estou te falando, Tadeu, porque é isso. É uma vivência que vai sendo passada, é entre as gerações, enfim, é Thigresa.

E nessas narrativas e eu acho que é a presença, sabe é o que marca, Marcelo. E quando eu estou falando em presença, eu não estou reduzindo a essa questão da presença física só. Estou falando de presença de como a gente faz presenças. E aí me incluo sempre porque faço parte da comunidade, obviamente, né. E de presenças é porque vem o estigma primeiro e depois é que vem a escuta. Então eu costumo brincar e falar que não adianta você tentar e esconder alguma coisa antes de você chegar. Já chega uma energia antes de você. Quando você entra naquele local todos os olhos voltam se pra você é que nem quando eu entro no ônibus assim é um é uma merda. Entrar no ônibus porque parece que o ônibus para assim parece que parece que tudo para e aí vira o holofote e que é essa pessoa entrando no ônibus, por exemplo: então assim, eu acho que a coisa mais potente que tem é a presença, sabe. A presença daquela diversidade no Slam. E aí a presença vem junto com outro elemento que pra mim é muito importante, que eu tenho pensado que mais importante do que obviamente a representação, não mais importante, mais aliada a representatividade. E vem a esperança com a presença. Eu acho que essa nova geração de pessoas LGBT aí falando mais sobre o olhar

LGBT, é obviamente porque faz parte do meu recorte. É, tem a ver com a esperança, sabe. Eu fiz parte de uma geração que não tinha esperança. E, eu só fui, aos 19 anos, me prostitui a primeira vez, porque eu não tinha esperança de ganhar dinheiro de outra forma. E eu precisava comer em São Paulo, numa cidade de milhões de pessoas, e era a única forma que eu tinha de ganhar dinheiro naquela situação. E não tenho problema nenhum em falar sobre isso, porque é isso, faz parte da minha história e é isso, faz parte da minha história, como da história de milhão de pessoas desse país.

É, mas fui fazer isso porque era a única forma, não tinha esperança de fazer outra coisa. Então acho que quando hoje eu olho para o Tadeu fazendo teatro, olho para aquelas crianças, jovens, adolescentes, declamando e recitando suas poesias e performando suas poesias. Naquela situação do Slam, eu vejo uma potencialidade de é a esperança.

É de não ter que reproduzir o que eu reproduzi, de não ter que passar por todas as violências que eu passei. É de não ter que apanhar na rua, de não ter que, enfim, é passar por uma série de acontecimentos que é o que costura assim. Então, quando é, eu vou ao Tadeu e dou a bronca no Tadeu sobre a questão do estereótipo. Eu tô dando uma bronca, né. Ele falando assim, cara, você vive num outro momento, num outro mundo, numa outra situação, sobre outra perspectiva, de que a gente não precisa mais recorrer a esses tipos de fala, tanto pra você quanto pra essa pessoa que você. É, então acho que é isso. Eu acho que o que tem ali no Slam, e que tem no acontecimento da saída pedagógica, é a esperança, a esperança de poder ser pessoas LGBTs.

Eu acho que é mostrar a perspectiva, sabe, Marcelo, acho. Acho que na verdade, a gente pode falar por 2 óticas. Uma delas é a importância da Fábrica de Cultura e a diversidade para o aprendiz, que eu acho que é abrir a possibilidade é pra esse aprendiz, sabe, que é mostrar a convivência da diversidade, que é mostrar o diferente, porque eu acho que é isso que a gente faz diariamente, aqui na Fábrica de Cultura, quando a gente pega um conflito, quando a gente pega, é uma situação dessa. É mostrar como viver, conviver com o seu diferente. E aí eu acho que entra uma segunda perspectiva, que é a diversidade que o Programa oferece, que eu acho que também é importante ressaltar. Que é como incentiva? Se a diversidade dentro do espaço estrutura a Fábrica de Cultura, obviamente sempre pode ser mais. Falo aqui como funcionária da Fábrica e também como pessoa que utiliza o equipamento. Sempre pode ser mais, né. Eu comentei certa vez numa reunião de Formação: quero, eu espero, não sou a primeira pessoa trans a ser funcionária do Programa, mas espero também que não seja a última. É porque é

isso sempre pode ser mais e a gente sempre quer mais, porque é bom, mas ainda é pouco. Então acho que é isso, sabe? É, também colocar essa diversidade que o Programa oferece pra sua estrutura. Sabe, então assim, um programa que tem 30 e tantos cursos aqui em Sapopemba, mais 20 e tantos no Itaim, mais 30 e tantos em Vila Curuçá e tantos outros cursos no Belém. Não, não sei os números exatos agora, de cabeça e tudo mais, mas eu acho que é isso. É também essas essas 2, essas 2 linhas que correm paralelas. Que é possibilitar a diversidade e o conviver com a diversidade, que eu acho que é o conviver mesmo, que é viver com... Viver aliado a diversidade e também a diversidade do Programa.

Antes de qualquer coisa, conversar e ouvir a Thigresa falar e compartilhar memórias é tocante, não no lugar de conforto. Primeiro, em meu processo de formação entre ser criança e adolescente tive poucas oportunidades de conversar e conviver de modo profundo com pessoas trans que lutam diariamente pelo seu direito de existir. Thigresa é uma mulher trans e, como sabemos, os corpos trans não estão em espaços de gestão, coordenação, salas de aula como professores. Todo o sistema é feito ainda para matar, como no caso do racismo estrutural e na violência contra as mulheres. Enquanto Thigresa me apresentava suas histórias, não tem como deixar de ponderar, estamos num país que mata sistematicamente pessoas trans, de norte a sul, sem trégua. E isso se relaciona a necropolítica do Estado brasileiro. O que acontece nesse país em relação aos corpos trans é o mesmo que acontece em uma política de guerra, de massacres. Achille Mbembe fala de máquinas de guerra e de como o colonialismo age. Correlaciono com a violência no Brasil, principalmente quando Mbembe se posiciona:

As maneiras de matar não variam muito. No caso particular dos massacres, corpos sem vida são rapidamente reduzidos à condição de simples esqueletos. Sua morfologia doravante os inscreve no registro de generalidade indiferenciada: simples relíquias de uma dor inexaurível, corporeidades vazias, sem sentido, formas estranhas mergulhadas em estupor (Mbembe, 2018, p.60)

Como pessoa trans, Thigresa traz na conversação realizada a luta intrínseca ao seu direito de existir, porque estamos num país que apaga rapidamente suas barbáries. Num dos países que mais matam pessoas trans. E como enfrentamos máquinas e pessoas de guerra, de pulsação de morte? Thigresa em sua fala me diz sobre o Slam, sobre uma atividade que a poesia e os diversos assuntos que surgiram dos jovens, dos adultos, servem como apoio às causas de gênero e raça, como diz Thigresa “De pessoas negras LGBTQs em sua maioria”. Na narrativa sobre a atividade de Slam, penso na importância da presença, de como deve estar

estabelecida nas relações, nos espaços culturais, educacionais e ensino-aprendizagem entre as crianças, os jovens e os adultos. Com a presença genuína conseguimos estabelecer cais de partida, superação de mares revoltos.

Trago a imagem do cais porque me faz mirar amplamente em direção ao horizonte, e o horizonte é sempre o estímulo para seguir, caminhar, ir em frente. E nesse sentido, quando Thigresa fala da presença a qual converso acima, ela se articula para todas as experiências educacionais, artísticas e culturais, a narrativa sobre a saída pedagógica e posteriormente a necessidade de mediação com Tadeu e sua fala estereotipada frente a um conflito, demonstra que a presença de Thigresa na mediação, seu conhecimento, sensibilidade e capacidade de reflexão promovem uma intervenção educativa diante um fato no qual se exigia conversação.

A lógica binária do mundo vem como o neoliberalismo acabando com a diversidade de toda ordem. E para isso Thigresa nos fala do acesso também, não adianta ter uma ou outra pessoa trans nos espaços de gestão, em cargos de decisão. Se esse equilíbrio não se evidenciar com mais pessoas trans, pessoas negras, mulheres, em um coletivo tomando e refletindo junto às melhores decisões das instituições, continuaremos a lidar com as violências e a subjugação de diferentes camadas da população brasileira.

E na densidade da narrativa da gestora, educadora e doutoranda Thigresa fico matutando sobre a esperança. Quais esperanças estamos produzindo em nossas práticas educacionais, culturais e artísticas? Essas esperanças estão em um campo metafísico? Ou essas esperanças é o que nos coloca diante da ação e faz nossos corpos lutarem ferozmente até o fim da jornada?

Thigresa fala da esperança como ação. Aqui adiciono a seriedade e alegria, palavras marcantes em contextos de ensino e aprendizado para conviver com a diversidade. Lugares que encontro a diversidade, percebo pesquisa, diálogo, brincadeiras, cuidado, escuta, a força da unidade que promove processos consistentes de educação e formação. Unidade pensando na união, junto das singularidades, das confluências. E como discorre Paulo Freire tracejando sobre valores democráticos na educação:

Educação que proponha aos educandos ou aproveite situações em que se experimente a força da unidade, a que se seguiriam situações em que se sublinharia o valor da unidade na diversidade. Nada que pudesse estimular o egoísmo, a falta de solidariedade, de companheirismo. Nada que trabalhasse contra a formação de séria disciplina do corpo e da mente sem a qual se frustram os esforços no sentido do saber. Tudo em favor da criação de um clima na sala de aula em que ensinar,

aprender, estudar são atos sérios, demandantes, mas também provocadores de alegria. (Freire, 2021, p.125)

O valor da diversidade e sua representatividade deve ser plena. Temos que quebrar sistematicamente as hierarquias das relações, acolher pensamentos novos, representativos das frentes de criações, olhar para a periferia como territórios de direitos e ambientes criativos. Não esqueçam que os grandes escândalos desse país são promovidos pelos chamados nobres, ricos, que geralmente são a ala que odeia a diversidade e a palavra equidade. E a poesia do Slam que fala Thigresa não serve para romantizar a vida, mas para elucidar uma juventude que não tem acesso a boa educação, a lugares de lazer, a bibliotecas, a livros, a experiência das artes e que vêm sendo parte, infelizmente, de políticas evasivas. Moduladas pelas configurações tecno econômicas que agem na educação e também na cultura em “Programas de Formação” com a lógica empresarial, de competitividade, de lucro, de estreitamento das ideias e da criatividade (Morin, 2021) fala que as estatísticas invadiram tudo: “O quantitativo elimina o qualitativo. Sob a pressão tecno econômica, o humanismo encontra-se em regressão” e diria em atenção em mundo com tantas urgências para a vida continuar a se afirmar perante as catástrofes humanas.

3.4 CONVERSAÇÃO PARA BUSCAR OUTROS TEMPOS DA EXPERIÊNCIA: PALOMA ASSUNÇÃO

A narrativa da Paloma: Auxiliar de Sala de Leitura, na Fábrica de Cultura Cidade Tiradentes, no Programa desde 2021, idade: 30 anos.

É como vivência de experiência. É quando eu me deparei com essa pergunta me veio várias memórias e aí assim vieram três atividades. São quatro atividades na verdade que assim, porque essas quatro, elas chegam no mesmo ponto que aí depois eu vou esmiuçar que

primeiro quando eu chego aqui na Fábrica e faço uma atividade com base no livro chamado “As tranças de Bento”, que fala sobre tranças. Depois, no mesmo ano, eu fiz uma atividade baseada num livro “Princesas negras”. Depois em 2023, eu fiz uma atividade do Chico Rey que fala sobre a resistência do cabelo. E por fim, esse ano uma atividade baseada no livro “Pente quente”, que também fala sobre essa resistência de cabelo. E aí é na hora quando eu penso em diversidade nessas narrativas, me vem essas vivências, essas atividades, porque elas chegam num lugar muito, muito profundo em mim e que eu acho que hoje eu consigo através das minhas vivências atravessar alguns lugares. Então acho que essas quatro atividades específicas, elas são muito significativas para mim e que trazem essa diversidade. Essas atividades são todas sobre cabelo. E aí é, eu entendo a partir delas que o meu cabelo é político. Né? Então, por muito tempo eu não tive referências. Tinha referências no âmbito familiar, mas não tinha referências na mídia e em outros lugares. É sobre representatividade. Eu alisei o cabelo por assim por uma vida inteira, desde os seis anos até os vinte e dois anos. E daí é porque eu não tinha essa referência. E aí quando eu decido. É não, não vou mais alisar meu cabelo, vou é utilizar o meu cabelo natural. Aí eu entro num outro processo. É tanto de aceitação interna quanto externa, que aí foi justamente no período onde eu estava procurando outros empregos. E aí eu sempre fui muito barrada assim porque é para além de ter que me preparar para entrevistas eu tinha que pensar numa maneira menos pior. Entre aspas. É de como me apresentar fisicamente. Se era melhor na verdade estar de trança, de estar de turbante, estar com o cabelo natural, porque era sempre assim. Eu tinha o perfil, mas eu não tinha o perfil de aparência. Então pra mim, isso me toca. É poder trazer essas narrativas hoje para as crianças e pra adolescentes, porque são narrativas que eu não tive. É de leituras que falam sobre tranças, que falam sobre o cabelo. Chico Rey, né? Que que tem essa questão da resistência por conta do cabelo e de esconder o ouro que comprou a sua Liberdade. É o pente quente que fala é do processo da mulher negra. E enquanto identidade e autoestima. E então me toca nesse lugar de tipo eu não ter tido essas referências, essas poder hoje narrar essas histórias a partir do meu repertório pessoal. É poder trazer pra essas pessoas também nesse ambiente de biblioteca, poder trazer essas novas narrativas mesmo. Que infelizmente não, não se tem nos lugares. Então por isso, assim, pra mim, essas histórias, essas atividades, melhor dizendo, elas se destacam. Sobre a diversidade eu acho que ela é importante em todos os âmbitos, mas aí pensando nessa questão, instituição cultural e educacional, acho que é mais ainda, porque eu acho que é uma

missão enquanto instituição. É trabalhar essas vivências, ter um ambiente de diversidade. Então eu acho que é importante porque eu acho que é uma ferramenta e um lugar muito grande de acesso. E que precisa usar esse privilégio mesmo. De enquanto instituição assim renomada pra trabalhar essas temáticas, promover, porque a gente vive numa sociedade que ela é racista, é homofóbica, sexista e afins, xenofóbica e tudo mais. Eu acho que é a instituição que é uma instituição grande e que tem um alcance enorme. É extremamente importante ter essa diversidade tanto. Enquanto colaboradores, enquanto temáticas mesmo. Então acho que é usar desse privilégio, de visibilidade mesmo, pra poder tornar a sociedade mais igualitária, com um pouco mais de equidade. Então eu acho que é extremamente importante mesmo.

Na narrativa de Paloma fico pensando nas evidências que vamos deixando de lado quando pensamos no racismo estrutural, e diria no racismo institucional presente em várias empresas e locais que manejam as relações de poderes de formas escusas perante todos os colaboradores ou trabalhadores. E reflito como tudo está interligado aos processos educacionais, ao contexto cultural e abrangência das discussões em espaços que deveriam promover o debate para uma sociedade com equidade. Escolas, empresas, instituições públicas, são locais que se fundaram sobre hierarquias de raça e gênero que permitiram a elaboração de um pensamento colonial devastador ao longo da história.

Por isso a luta dos movimentos negros é de suma importância para identificar e questionar a ideia de raça das classes dominantes que se pautam em um racismo como um pacto enevado, em que as minorias ficam subjugadas como se fosse natural esse lugar. Esse capitalismo racial que é atual, apaga as memórias e as narrativas históricas, e que por isso tem urgência em novidades, inovações. As pessoas precisam esquecer o que aconteceu ontem para só pensarem num falso bem-estar que estaria ao alcance de todos.

Mas sabemos que as classes dominantes querem apenas aumentar seu poder e lucros sobre as demais camadas da população.

Paloma fala de como narrar as histórias sobre os cabelos afros é trabalhar e discutir no coletivo, entre crianças e jovens nos lugares de privilégio e de racismo presentes em instituições. E de como ter referências foi, para ela, uma forma de estruturar sua luta antirracista e de reflexão por meio da literatura, do estímulo das memórias. Sobre memórias resgato aqui Cida Bento em seu livro, “O pacto da Branquitude”. A pensadora coloca:

De fato, trabalhar o território da memória é reafirmar que não se trata apenas de recordação ou interpretação. Memória é também construção simbólica, por um coletivo que revela e atribui valores à experiência passada e reforça os vínculos da comunidade. E memória pode ser também a revisão da narrativa sobre o passado “vitorioso” de um povo, revelando atos anti-humanitários que cometeram – os quais muitas vezes as elites querem apagar ou esquecer. (Bento, 2022, p.39)

Na atualidade temos narrativas que reforçam um autoritarismo disfarçado de voz para todos, um louvor a subjetividade individualista, se esquecendo que existimos por termos uns aos outros. A subjetividade é importante, mas tenhamos cuidado, pois em muitos espaços ela reforça a voz autoritária, o fascismo disfarçado em minha opinião, em minhas ideias. O mundo está repleto de crimes de toda ordem que em algum sentido foram considerados coisas pertinentes. Ninguém é centro de tudo, e a narrativa que Paloma traz engloba o coletivo, o outro é convidado a exercitar a reflexão crítica, identificar o racismo na rotina e no manejo da vida para não permitir o avanço desse crime.

Nas perspectivas autoritárias encontramos elementos que remetem à edificação colonial, e temos que estar atentos porque estão presentes inclusive nas forças do governo que deveriam zelar pela diversidade e não o fazem. Sobre isso Cidade Bento ainda afirma:

Na perspectiva da personalidade autoritária está a convicção de que a visão de mundo de seu próprio grupo é o centro de tudo, e os demais são compreendidos a partir de seu modelo, ou seja, o etnocentrismo. Outra característica é que a personalidade autoritária requer um inimigo, porque precisa sempre projetar “para fora”, em grupos considerados “minoritários” e periféricos, a raiva e o ressentimento sociais... Esse tratamento diferenciado aos “pobres da periferia” e aos “nobres dos jardins” deixa as pessoas “cegas”, incapazes de ver e reconhecer que muitos dos que criam e mantêm as estruturas de corrupção que desestabilizam sociedades inteiras, no Brasil e no mundo afora, são justamente “os nobres”, que buscam por bodes expiatórios, em geral, moradores das favelas, periferias e negros, que podem ser culpabilizados, destratados e até mortos. (Bento, 2022, p.44 e p.45)

Como coletivos que somos em localidades educacionais e culturais, penso no que narra também o físico teórico (Nicolescu, 2018, p.28): “Uma coletividade – família, empresa, nação – é sempre mais que a simples soma de suas partes”. Para além disso temos que estar conectados para sermos a soma de resistências que criam, recuperam e compartilham reflexões e saberes que fortaleçam as vozes nas periferias e nas instituições, em prol de relações mais justas e com maior discernimento das realidades sociais de cada região do país.

3.5 CONVERSAÇÃO PARA BUSCAR OUTROS TEMPOS DA EXPERIÊNCIA: NÉFI ALVES

A narrativa de Néfi: Aprendiz que já realizou cursos de Canto Coral, Flauta Doce, Violino, Violão, Dança de Salão, Circo e Projeto Espetáculo na Fábrica de Cultura Itaim Paulista, desde 2014 realiza cursos na Fábrica, idade: 19 anos.

Aqui na Fábrica, por exemplo, têm alguns cursos onde a gente já sabe que vai ser um público específico. Por exemplo, o circo. A gente não vê pessoas tão adultas assim frequentando ateliê de circo, apesar de ter o período noturno, mas é mais procurado pelo público mais jovem, tem alguns ateliês onde eu já passei, que trazem essa diversidade de uma forma muito, nítida e muito boa de se perceber e de se ver também. Que foram algumas trilhas que eu participei. Mas ateliê, eu costumo dizer o de dança de salão em qualquer período, seja pelo período da manhã ou do noturno, é pra mim, onde tem todo mundo, independentemente de qualquer coisa, pode fazer tudo. O que a gente precisa é de um lugar para isso, e se se dispor para isso e dar um lugar para isso, onde a gente saiba que a gente vai ser acolhido, onde vai dar certo, né? E o ateliê de dança de salão, confesso para você que eu entrei um pouquinho desacreditada, mas quando eu fui vendo, quando eu fui indo, e vendo pessoas de várias idades, senhores, pessoas mais novas e todas se comunicando muito bem, porque tem muito disso de “Ah”, não vou explicar para esse senhor, esse senhor não vai entender. Cabe a você explicar. Cabe a você também se permitir explicar e entender no ponto de vista dessa pessoa também. É, isso é muito bom. Eu faço também ainda esse ateliê de dança de salão e é muito lindo de ver todo tipo de pessoa, todo mundo fazendo aquilo que gosta, que já pensou que não conseguiria por conta de se sentir impotente ou de achar quem não sabe. Mas no fim, dá tudo certo, tem uma trilha também que me marcou muito. Só que eu não me recordo quando foi essa trilha de curta duração de poesia com a poeta Jô Freitas e assim foi com um público que escreve, foram com pessoas que escrevem eu não me acho boa escrevendo, mas não pensei, “Ah”, vamos lá, né? E quando eu vejo crianças, senhores, mulheres, eu fiquei. E eu me senti no início, me senti um peixinho meio fora d'água, porque quando eu vi as coisas que as pessoas escreviam, eu fiquei, meu Deus do céu, não consigo, não vai dar. E aí a educadora, Jô Freitas desenvolveu assim e eu os próprios colegas do

curso, as crianças, as pessoas mais velhas. Então não faz assim, faz assim, para de se julgar, tá bom, eu sim. E eu vejo muita diversidade nisso também. Além do público diverso e da diversidade de pessoas de gênero. Quando tem pessoas diversas, quando tem algo diverso, acaba gerando acolhimento, né? E acaba gerando potência também nas pessoas. E é mais isso mesmo. Nessas duas narrativas o que mais me toca e me tocou é que assim, em todas essas experiências, sempre teve aquela energia, aquele apoio de não deixar a pessoa desistir. Aqui tem isso não, você não vai desistir, a gente vai te apoiar, a gente vai estudar, a gente vai ver como que pode ser feito, mas você não vai desistir. Pra você ver que você consegue sim. E é isso que mais me toca, é o empenho das pessoas em não fazerem umas às outras desistirem. E a importância pra mim da diversidade num programa como esse é que assim é muito diverso, ele é muito diverso. E, as pessoas sabem disso, mas o programa Fábricas faz com que você conviva diariamente com todas essas diversidades. E traz muita informação, muita informação, não só cultural, mas como informação de sociedade, informação sobre respeito, sobre inúmeras coisas que assim, no dia a dia a gente tem acesso aqui. Mas assim, não é algo que a gente vai lá, e vamos estudar sobre isso, vamos ver sobre isso.

Ah, vamos ver lá sobre as comunidades LGBTQs, vamos ver sobre racismo, pautas antirracistas. Vamos ver, vamos ver sobre isso. Se depender muito das pessoas, não vou ser hipócrita as pessoas não vão atrás, as pessoas não vão atrás. Então ter esse espaço aqui da Fábrica de Cultura, que tem muita diversidade e traz assuntos, traz palestras. Né? Traz esses pontos que são importantíssimos pro nosso desenvolvimento social, que faz com que a gente conviva, que a gente entenda a abra a mente, tenha novas concepções, né, sobre as coisas que acontecem no dia a dia.

Acredito, após a conversação realizada com Néfi, que devemos prestar atenção em três pontos-chaves que me afetam nessa escuta narrativa, em que uma jovem fala sobre mais de uma década como frequentadora de um espaço cultural que, como outros lugares formativos, devem ter sua importância constatada como política pública, e preservada a continuidade pela sua vocação de serem espaços que liberam energias artísticas, pedagógicas e de acolhimento pelas artes e pela diversidade existentes no território onde estão implementadas essas ações. Néfi fala sobre as relações, convivência e aprendizado conjunto. Nesses três pontos percebo o prazer de fazer aquilo que se gosta, o acolhimento das pessoas mais velhas e o espaço de potência. Esses três elementos/pontos que se conversam constantemente na narrativa da

aprendiz, são basilares para a percepção de um local diverso no qual as aulas acolhem a todos, junto de atividades pedagógicas que se relacionam com as temáticas de equidade no contemporâneo.

Fazer da Fábrica de Cultura parte da vida das pessoas é dar potência a esse instrumento que reúne crianças, jovens e adultos para se expressar pelas artes e se alegrar com novos conhecimentos adquiridos e também ter seu lugar de valoração do território preservado. Muito ouço ao longo dos anos das Fábricas como local de resistência, e aqui quero pensar brevemente nisso. Resistência que constrói, que defende, que não quer que aquilo deixe de ser prioridade, de ter a infraestrutura necessária para acontecer, que quer preservar esse direito de acessar as artes. Nem que para isso tenhamos que gritar, atuar nas frestas do sistema capitalista para afirmar existências que estão em periferias e pouco vistas pelos grandes centros. Penso aqui no termo das “grietas” que Catherine Walsh fala. Em especial trago um trecho do texto “Gritos, Grietas y siembras de vida – Entretejerer de lo pedagógico y do decolonial”, que Catherine defende a universidade, mas que pode ser utilizado para a palavra “RESISTÊNCIA” como uma afirmação práxis de ter como direito espaços dignos para realização de aprendizados e trocas em diversas frentes. Catherine Walsh expõe:

Resistir no para destruir, sino para construir, digo yo. Esa es la postura e praxis por la cual lucho – para la cual algunxs luchamos -, una resistencia ética, crítica y digna, en contra del autoritarismo de los regímenes externos e internos de control y poder, y para defender la Universidad (lxs estudiantes, docentes y empleadxs, y el pensamiento crítico y plural) proponiendo su reconstrucción participativa y democrática desde adentro. (Walsh, 2017, p.19)

Esse encantamento que está nas palavras de Néfi é um eixo de resistência. As pessoas preservam e tem para uso, coisas que afetam a vida e a transformam para algo melhor. Isso é inerente à nossa travessia nesse planeta. Queremos nos desenvolver, ter oportunidades, tempo de contemplação, lugares para exercer a criatividade com coisas que temos apreço e fazem sentido para nós. O que Néfi relata é tomar a consciência pelo encontro com o outro, junto do outro encontrar e moldar a si, não como algo engessado, uma escultura de bronze, mas com flexibilidade, com cuidado, com empatia, com atravessamentos de beleza, desafios, de ver as “grietas” e atuar, de ver as “frestas”, encruzilhadas e estar aberto a vivenciar as experiências. E para isso as artes e a educação são forças imensuráveis.

Nenhuma liberdade se dá de olhos vendados. O que acontece nos dizeres de Néfi é tirar de frente dos olhos o que não faz olharmos adiante, ao lado, olhar o que sabe pouco e o que sabe

muito, e aprender com todas e todos em suas trajetórias. Lendo o livro “Sobrevivendo ao século XXI”, de Saúl Alvidrez, Pepe Mujica exprime em uma entrevista cedida ao autor:

Sendo uma coisa bela, a vida deve ser cuidada, deve ser multiplicada – isso é lutar pela liberdade. Viver é ser livre. E ser livre é, como diz Noam⁴, tirar a venda dos olhos. Porque todos os dias há uma venda para tirar dos olhos! Não deixem, garotada, não deixem que roubem sua liberdade! Vocês não podem entregar a liberdade ao mercado! A liberdade deve servir à vida, e não a vida à liberdade. Você deve ser dono da sua própria vida e não permitir que ela seja direcionada pela tela da televisão ou do celular. É por isso que a imagem da venda nos olhos me parece bonita. (Alvidrez, 2024, p.200)

O grito aqui é para dançarmos junto a dança de salão, ou as palavras de um poema que aprendemos em uma trilha. Para dispor de acessos, a cada dia se faz necessário lutar por aquilo que gera uma vida mais livre, respeitosa com cada existência no meio ambiente e que valoriza esse bem precioso que é a liberdade, que só é alcançada quando deixamos para trás a ignorância, a falta de oportunidades, a visão pouca do mercado que, até na educação e nas artes, só quer vislumbrar lucro e acesso a poucos.

3.6 CONVERSAÇÃO PARA BUSCAR OUTROS TEMPOS DA EXPERIÊNCIA: PETERSON XAVIER

A narrativa da Peterson: Subgerente de Formação Cultural, na Fábrica de Cultura Itaim Paulista no Programa desde 2013, idade: 42 anos.

Marcelo, são onze, quase doze anos de muitas coisas que já aconteceram aqui nas Fábricas é muito difícil selecionar um, sabe porque o próprio cotidiano dentro da Fábrica, fora de eventos, de aulas me traz uma gama gigantesca de casos. Assim que a gente tem diversidade, né? A diversidade. Quando a gente fala em diversidade, muitas vezes a gente pensa numa questão inclusiva, incluindo os povos, incluindo os grupos minoritários em direitos. São os grupos como pessoas com deficiência entram aqui também, até no etarismo que existe na sociedade, né? Das pessoas mais velhas que vem a Fábrica aqui procurar os cursos em período noturno para os adultos, mas um acontecimento recente que eu me lembro

⁴ Pepe Mujica se refere aqui a Noam Chomsky.

assim é de uma pessoa que eu tinha de cadeira de rodas, que é um aprendiz que tá a bastante tempo. Ele sempre fez o ateliê de xadrez, ele tinha muito medo de participar das outras coisas e há uns dois anos eu consegui convencê-lo a participar do Projeto Espetáculo e hoje ele faz parte do elenco. E eu me lembro que na estreia dele no Projeto foi muito emocionante.

Ele ficou muito emocionado e me agradeceu por convencê-lo a fazer parte do Projeto Espetáculo. E ele próprio perceber que ele também poderia estar ali, que ele também fazia parte daquilo, porque a gente sabe da quantidade de dificuldades que essas pessoas que essa pessoa deve ter sofrido e encontrar aqui um lugar onde ele é aceito como ele é sem julgamento. Foi muito importante para a vida dessa pessoa, né? Eu tenho essa memória mais fresca, esse é um grupo muito diverso, o grupo do Projeto Espetáculo. Um grupo de adolescentes e de jovens adultos, e muitos estão ainda descobrindo o seu próprio caminho e por meio dessa diversidade de faixa etária, de gênero. É muito importante assim estar dentro de um processo desse.

Cabe a gente proporcionar que esses encontros possam acontecer. E tem dois lados, me pega por um lado muito feliz de poder realizar e de poder fazer parte da realização dessa pessoa.

Nesse encontro e o outro que pega é saber que a gente está há tanto tempo e isso aconteceu tem uns três anos, que era 2021. O rapaz tinha onze anos que está no Programa e tinha vontade, mas tinha medo, sabe, de participar de alguma coisa como Projeto. Inclusive me fez questionar a que ponto que a gente está de fato ofertando essa diversidade, fazendo com que as pessoas se sintam à vontade para estar aqui, sabe? Isso me impulsiona também para poder pensar novas estratégias para com que as pessoas queiram estar e queiram participar, se sintam seguros e à vontade para participar. A gente pega isso, saber que ainda tem muita coisa que a gente precisa construir.

Cara o espaço de expressão cultural, como o Programa Fábrica, é um espaço formativo, é um espaço de fruição. Então a gente é até meio clichê quando a gente fala da ampliação de perspectiva, ampliação de repertório, mas a diversidade, ela proporciona essas diferentes experiências, histórias de vidas e tudo isso enriquece e todo e qualquer processo formativo permite o encontro. A possibilidade desses encontros de pessoas tão diversas já permite essa construção de um ambiente que é inclusivo. Que também é representativo na vida da galera e dessas realidades sociais que a gente tem por aqui. E, isso proporciona também a valorização das identidades. Existe uma coisa assim que é o apagamento identitário, das juventudes, acredito eu.

Dentro do sistema que a gente vive, da sociedade, do jeito que ela é moldada. Então a gente acaba tendo uma perda de identidade. É com a questão do consumo a galera quer consumir aquilo, quer ficar todo mundo igual por conta do que nos colocam como a verdade e a realidade pra gente. Então a gente acaba apagando a nossa própria identidade. No espaço cultural que promove esse encontro, ele permite essa valorização da identidade, individual é as individualidades, não o individualismo, e aí essa diversidade vai promover a inovação. Porque estando com pessoas diversas inovamos, encontramos novas formas e podemos fazer as coisas. É a conscientização de público, tanto nos processos formativos de quem está aqui, de quem frequenta, quanto é de familiares, as pessoas acabam levando para dentro das suas casas também esse conceito diverso e trocando ideia com a família. É a inclusão social também, porque a gente sendo um espaço público, uma política pública de cultura, a gente atende a pessoa que tá ali numa posição mais vulnerável como a classe trabalhadora.

E dentro da periferia acontece, um maior fortalecimento da democracia cultural, quando a gente pode ter maior variedade de vozes e das expressões culturais porque elas acabam sendo ouvidas e valorizadas dentro dos processos criativos. É aí, eu acho que é por aí.

Com essa significativa narrativa de Peterson, me vem à cabeça que a formação artística e educacional progressista é mais humana que a tradicional, principalmente porque ela pensa em todas as classes, especialmente as menos privilegiadas deste país. Nesse exemplo de inclusão de estimular um rapaz cadeirante a explorar outras linguagens e auxiliá-lo a encontrar o que deseja, só é palpável porque além de uma metodologia amorosa e acolhedora, há um coletivo de pessoas disponíveis que estimulam a experiência. Esse coletivo que falo são os jovens do Projeto Espetáculo, para além da equipe de educadores atuantes e comprometidos, e um gestor sensível e atento. A narrativa acima me faz referenciar como os jovens e a diversidade deles fazem uma pessoa perder o medo de estar vivenciando outra linguagem e totalmente inserido em um fazer artístico teatral que trabalha múltiplas linguagens em prol de uma pesquisa e montagem de um espetáculo.

A construção de estratégias que Peterson narra é contínua e política, especialmente em territórios vulneráveis, com alto índice de violências, de um medo que se faz presente cotidianamente. O medo nas periferias é algo saliente nas vozes das pessoas. Dependendo da localização onde o sujeito se encontra, para uma pessoa se dizer periférico, pode torná-lo alvo de diferentes agressões. Esse fazer junto para possibilitar a fruição de que fala Peterson, talvez seja a maior fortaleza para enfrentar as ojerizas.

Venho acompanhando muitos movimentos artísticos na periferia e noto que todos eles vêm recuperando e criando suas identidades e se acolhendo, trabalhando conjuntamente, e muitas vezes realizando interfaces de linguagens artísticas para abrir frestas que viabilizem suas formações e também sua produção artística, apesar das dificuldades. Em um texto nomeado “Cultura de periferia em movimento” presente na revista online do Sesc/SP janeiro de 2015 nº 223 da edição, escrito por Renato Souza de Almeida, o autor nos diz:

Não é muito tranquilo para um jovem morador da periferia assumir-se como “periférico”, pois essas áreas costumam ser rotuladas como violentas, paupérrimas, ‘rurais’ (num sentido bastante pejorativo do rural, pois estão no perímetro urbano mas não dispõem dos recursos e serviços que o restante da cidade usufrui) etc. A arte periférica produzida nas últimas décadas vem contribuindo para que se atribua um sentido positivo (e político!) à palavra “periferia”. Algo que era motivo de vergonha e omissão tornou-se orgulho e autoestima, sobretudo, para muitos jovens dessas regiões. Ao tratar, por exemplo, da afirmação da negritude – denunciando o racismo presente na violência policial ou no conjunto da sociedade – ou das condições de vida das comunidades, a subjetividade dos jovens que produzem essa arte se altera. E por conta do que fazem, autointitulam-se cineastas, poetas, atores etc... Esse reconhecimento não vem de uma titulação universitária, da grande mídia ou de quaisquer instituições exteriores, mas de uma prática reconhecida por esses próprios produtores, por seus coletivos e por suas comunidades. Com isso, esse jovem morador fazedor de arte também se refaz. Reposiciona-se no mundo, nos caminhos de sua identidade. Essa arte contribui para que ele perceba a condição na qual está inserido, mas de forma bastante diferente daquela veiculada pelos estereótipos.

Para além das transformações no plano subjetivo desses produtores, é importante perceber as implicações que a cultura periférica vem provocando nas comunidades e nas políticas públicas. Uma característica fundamental desse tipo de produção artística é que as ações acontecem, sobretudo, de forma coletiva. Dificilmente, a ação se esgota no trabalho de um único artista. Geralmente, ele está vinculado a algum grupo, coletivo ou rede. São muitos os relatos de ações culturais desenvolvidas por coletivos periféricos que contribuem para transformar pontualmente as realidades de suas comunidades. Desde o cinema no campo de futebol, o sarau de poesia no boteco, a música estranha na praça, ao circo no barracão abandonado pela municipalidade, a ação cultural nas periferias tem provocado o poder público local a promover melhorias, como iluminação e reformas de vias públicas, e execução de outros serviços que o bairro carecia, como saúde, educação, a criação de centros culturais ou casas de cultura... (Almeida, 2015, p.1/3 e p. 2/3)

Os pontos de convergência entre o que diz Peterson e Renato⁵ me toca na valorização das identidades e do outro, no fazer das ações culturais e artísticas dos grupos, na realização de lugares onde a ação cultural acontece. O sistema é feito para que as expressões periféricas estejam à margem. Acredito que processos formativos desde a base como as redes, criando

⁵Para acessar o texto completo site: [Sesc São Paulo - Cultura e periferia - Revistas - Online](#). Renato Souza de Almeida é mestre em Ciências Sociais, assessor de Cidadania Cultural da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e professor da FAPSS/SC – Faculdade Paulista de Serviço Social de São Caetano. Essas informações aqui na nota da biografia do autor se remetem ao período da publicação do texto.

pesquisas, artes e contaminando os territórios com conteúdos diversos, terão nisso uma arma de defesa eficaz que é sobretudo formativa e educacional, diante da necropolítica instituída nas periferias. As Fábricas de Cultura têm muito em contribuir para receber esses movimentos culturais que estão em seu entorno.

3.7 CONVERSAÇÃO PARA BUSCAR OUTROS TEMPOS DA EXPERIÊNCIA:

LETÍCIA MINELLI

A narrativa de Leticia: Aprendiz que já realizou cursos de Circo, Violão, Balé, Teclado e Projeto Espetáculo na Fábrica de Cultura Parque Belém, desde 2022 realiza cursos na Fábrica, idade: 19 anos.

Me lembro de uma atividade que teve na biblioteca, que foi um encontro de autores. E aí foi a trupe de um amigo meu, que inclusive já fez circo comigo. Então eu conhecia, ele do ateliê e a trupe dele chama “A trupe dois passos”. Eles estão num projeto, numa pesquisa que chama “Mais ninguém” que fala e reflete sobre a solidão do imigrante. E ele é descendente aí ele conta como ele recuperou um instrumento musical ancestral, se eu não me engano é similar a um banjo. E ele no final fala como ele conseguiu trazer esse instrumento para parte do projeto resgatando através da família dele. Assim, ele perguntou para a mãe dele se havia um instrumento e aí ela falou que talvez tivesse um, de um avô que estava uma tia, mas eles nem se falavam mais. E ele conta como ele foi atrás disso, como ele conseguiu falar com essa tia que ele não falava. E aí isso desencadeou encontros na família e eles acabaram voltando a se encontrar, tipo a família inteira dele.

E como esse instrumento desse projeto fez a família dele inteira se reunir e, inclusive, houve um encontro da família inteira, que eles se juntaram justamente para ele apresentar esse instrumento que muitas pessoas não haviam nem conhecimento, sabe? E aí, dentro desse projeto, dessa pesquisa da trupe, eles falam sobre o mar que nos une. Que une tanto os imigrantes como a gente.

E um objeto importante dessa pesquisa deles, é um barquinho de papel. E quando no final da pesquisa, eles distribuíram papéis pra gente fazer esse barquinho juntos. E isso me lembrou muito que quando eu era criança, eu fazia barquinhos de papel com a minha mãe e eu não lembrava dessa memória há muito tempo. Então eu lembrei daquilo no meio da pesquisa, no meio.

Sabe dessa conversa? E eu fiquei, caramba, que gostoso, lembrar de uma coisa tão simples, um pedaço de papel, um barco de papel que muitas pessoas podiam estar fazendo pela primeira vez, enfim, não tinha um significado tão profundo e para mim era algo muito especial, sabe? Tanto que eu guardo até hoje no meu quarto um barquinho de papel, tipo rosa, assim, sabe uma coisa muito, muito besta para algumas pessoas. E aí no numa das partes desse encontro ele apresentou um número de palhaçaria, que ele e o pessoal da trupe dele faz parte também dos doutores. E aí nesse número de palhaçaria, ele tinha uma mala muito grande e ele entrava com essa mala no espaço e a mala ficava. Então a mala era um objeto que ele manipulava e tinha um peso diferente, sabe? Tinha cento e onze, coisas diferentes, e ele brincava muito com isso de andar e a mala não seguia, ou a mala seguia e ele não passava. Então foi muito legal e aí no final ele não abre essa mala, então ele termina o número. Com a mala fechada. E aí foi legal ver como a diversidade apareceu nisso em questão de tipo: as pessoas levarem histórias delas mesmas, da bagagem delas para esse número de palhaçaria. Então, muitas pessoas que vê é mais de idade, assim, sessenta anos. Até pequenininhas de oito anos, dez anos, fala, Ah, o que que será que tem dentro dessa mala, e surgem especulações, tipo, será que é o passado dele, que não tá querendo sair de lá? Ou será que é roupa? Sabe a leitura de cada um? E como foi bonito ver que as pessoas dão respostas de acordo com as vivências. E deu pra perceber que são pessoas de mais idade que provavelmente tinham familiares imigrantes ou até mesmo pais ou eram netos de imigrantes. Deram umas respostas completamente diferentes de crianças que talvez nunca tinham nem assistido o número de palhaçarias, sabe? Tipo, uma resposta tipo, deve ser roupas, porque é o óbvio do que pode ter dentro de uma mala de viagem, que são roupas e objetos pessoais. E até respostas como, talvez seja o passado, o presente, o futuro. Foi muito bonito ver essa troca de experiências. E eu achei bonito essa conversa, esse diálogo, como me trouxe tantas memórias e como é, trouxe memórias pra outras pessoas também desde o começo do encontro. E o que mais me toca é, eu acho que é como é bonito e curioso como cada pessoa, cada história que eu nem conhecia até minutos antes dessa, desse encontro, que eu nem sabia que eu ia fazer

parte, porque acabou que eu tava no ateliê de circo. E aí teve uma interface, que chamam quando tem esse encontro do ateliê com a biblioteca. E aí rolou essa interface. E muitas pessoas, no começo, eu lembro que na aula assim julgaram tipo nossa.

Caramba, tirou a gente no meio da aula e no final deu para ver que essas mesmas pessoas estavam compartilhando histórias e fazendo barquinho de papel e vendo como é gostoso essa troca. Eu achei muito bonito como as pessoas se sentiram confortáveis e acolhidas num espaço que nem elas mesmas sabiam que iam estar. Eu acho que eu levo muito isso comigo, de não sei como eu levava a percepção do próximo. Da outra pessoa, estou ali porque me colocaram ali e como agora eu tenho essa percepção de nossa, eu quero estar aqui, eu quero conhecer essas pessoas, eu quero saber a história dessas pessoas.

Essa Fábrica de Cultura ela tem uma coisa muito especial, que é a questão de estar dentro de um parque eu acho que isso é muito importante por inúmeras questões, tanto de aproximar pessoas de longe e de lugares diversos de todos os cantos.

Como o fato dela estar dentro de um parque e principalmente por eu ver algumas fotos da Fábrica em 2012 e como o pátio dela era um jardim e onde hoje é o palco e onde as pessoas usam pra ensaiar. Era um Jardim. E até hoje eu acho que fica muito isso de da Fábrica ser um Jardim e cheio de flores. E todos os aprendizes serem flores diferentes com cada um com uma cor, jeito de crescer e um jeito de evoluir, um perfume. E eu acho que é isso que faz a Fábrica ser um lugar especial. É esse jeito de tudo se juntar e mesmo sendo completamente diferente, fica muito bonito no final. Uma pessoa aprende com a outra e se inspira. E eu acho que isso reflete muito no final dos projetos dos ateliês das formaturas.

E é um lugar onde todo mundo se sente acolhido. É impossível você não pisar numa Fábrica de Cultura e você não se sentir acolhido e não se identificar em algum lugar. Porque existem muito, muitos caminhos onde você pode trilhar, muitos ateliês, muitos, muitas linguagens onde você pode se identificar. Então é um lugar onde você se sente valorizado e algum lugar você vai se encontrar. É, eu acho que é isso que faz a arte, a cultura ser tão especial. Você poder ser quem você é, sem medo de ser julgado, porque cada um tem o seu jeito de ser e isso une muito todas as pessoas, de todos os cantos, com diversas histórias, cheio de música, cheio de dança e pessoas dançando e com criatividade pra todo lugar. E eu acho isso muito bonito.

O bairro que fica a Fábrica de Cultura Parque Belém é próximo à região comercial do Brás, onde encontramos trabalhadores imigrantes de diversos países. Esses trabalhadores, que acabam

sendo absorvidos pela cadeia de produção comercial, se estabelecem pelas ruas e bairros que estão no entorno da Fábrica, junto aos seus familiares. Observo ao longo dos anos que a população vem se diversificando e a Fábrica de Cultura recebe essas crianças, jovens e adultos imigrantes buscando os cursos oferecidos. Antes víamos muitas pessoas oriundas de países como Bolívia, Peru e Chile. Hoje temos pessoas matriculadas vindas de países africanos em uma crescente notável, países como Congo, Nigéria, Camarões, entre outras nacionalidades.

Ao realizar a conversa com Leticia e ouvir sua narrativa sobre a atividade realizada pela trupe sobre imigrantes japoneses, para além de pensar na riqueza, nas memórias, na imaginação, como mola propulsora para elaboração das identidades, das narrativas de afetos, reflito sobre como a cidade foi se forjando à novas modernidades e atraindo pessoas que buscam um lugar para poderem viver com dignidade e respeito. Com isso trago também em minhas ideias a força política do Estado São Paulo que conseguiu criar para cidade e ultrapassando suas fronteiras um território estruturado para ser ponto central do interesse de muitas pessoas que querem viver aqui. No livro “Por uma Economia Política da Cidade” Milton Santos faz a seguinte leitura e escreve:

Como a própria cidade também se adaptava, material e funcionalmente, ao longo deste século, às novas modernidades, o que podemos chamar de *produtividade espacial* atinge, cada vez mais, um índice elevado, indutor do processo de terciarização que acompanha o incessante desenvolvimento industrial (Milton Santos, 1990).

As funções políticas em nível regional também ajudam a explicar o sucesso da cidade de São Paulo. São Paulo é, certamente, o único Estado brasileiro com meios e força bastantes para organizar a totalidade do seu território (e, mesmo, interferir na organização dos Estados vizinhos). (Santos, 2012, p.42)

Enquanto assimilava a narrativa de Leticia, sua sensibilidade e encanto com a capacidade que as histórias têm de organizar e fazer com que as pessoas mergulhem em memórias e trilhas pessoais, criei para mim uma ponte. De um lado há essa reflexão sobre a economia, a pujança e a força política de São Paulo, com as tensões e conflitos ao longo da história. Andando por essa ponte que posso fazê-la de palavras, pois é por elas que sou conduzido, que se tornam linguagem, e da outra margem na travessia, me deparo com a imaginação como elemento que compõe as narrativas e que é imprescindível para a condução de uma história, seja ela qual for. A imaginação liga e da qualidade ao contar. Por exemplo, em uma atividade educacional, diferentes condições podem causar sensações nos participantes e fazê-los não apenas refletir,

mas sonhar, delirar, pensar mundos novos ou recriar espaços simbólicos ou concretos. Nas artes, e no seu ensino, não é concebível uma peça de teatro, um espetáculo de dança, um filme, uma música, um texto literário, em que a imaginação fosse apagada. Imaginar é o que fez ao longo dos séculos a civilização tal como temos hoje, com as maravilhas e as barbáries que acompanhamos conectados. Imaginar é resistir à uniformidade, à homogeneidade, às tragédias, ao individualismo que não constrói individualidades e não pensa coletivamente. A pensadora e educadora bell hooks, em um fragmento de seus ensinamentos que também retrata a questão da imaginação no recorte racial de resistir aos abusos, nos coloca:

A imaginação é uma das formas mais poderosas de resistência que pessoas oprimidas e exploradas podem usar e usam. Em situações traumáticas, é a imaginação que pode garantir a sobrevivência. Frequentemente, crianças sobrevivem a abusos imaginando um mundo em que encontrarão segurança. Em meio à cultura de supremacia branca, pessoas negras começaram o movimento *black is beautiful* (negro é lindo) para resistir ao contínuo ataque perpetrado por representações por representações negativas da negritude. Sem habilidade para imaginar, pessoas, permanecem presas, incapazes de se mover para um lugar de poder e possibilidade. (Hooks, 2020, p.105 e p. 106)

Ao terminar a escuta das palavras de encanto trazidas por Leticia, imediatamente como contraponto à beleza da narrativa contada, que é essencial, imaginei essas outras relações da imaginação como lugar de lidar com os desconfortos, e dela como elemento na pedagogia e na criação de outras histórias que vão alimentando as práticas culturais e educacionais, oferecendo compreensões mais amplas dos acontecimentos e das experiências, façam elas parte das formações promovidas nas Fábricas de Cultura ou não.

E falando de minhas narrativas pessoais editáveis pelas minhas escolhas que ao longo da pesquisa foram se desenvolvendo e amalgamando às leituras, das localidades de desenvolvimento da pesquisa que são as Fábricas de Cultura do Setor A, as conversações e abertura das pessoas para contar histórias sobre diversidade e criações que nos marcam, deixando comigo narrativas muito mais extensas e marcantes do recorte feito na dissertação, com elementos reais da vida e densos, no meio do ensino não formal promovido nas Fábricas, ou posso dizer emprestando uma palavra de Guimarães Rosa “No meio do redemoinho”. Termino essa passagem defendendo o lugar da diversidade e da formação sabendo das dificuldades e da luta constante de afirmar para quem pensa as políticas públicas da grandiosidade da cultura, das artes e da educação no desenvolvimento das pessoas e de uma sociedade mais encantada, encarnada em valores humanistas. E amarrando com a primeira palavra dessas narrativas que trago desde o início, vou cantarolando Torquato antes de entrar no próximo capítulo: “Só quero saber/do que pode dar certo/não tenho tempo a perder” (NETO, 2017, p.93)

.... Go Back às experiências e aos acontecimentos.

3.8 MANIFESTO EM DEFESA DA DIVERSIDADE E DO DIREITO DE SONHAR NAS ARTES

QUE TENHAMOS DIREITO A CRIAR E SER RESPEITADOS EM TODAS AS NOSSAS DIFERENÇAS E QUE A POESIA TENHA ESPAÇOS PARA OS DESVIOS. CULTIVEMOS AS IMAGENS, E OS ABRAÇOS.

PRESERVEMOS O DIREITO A ESTUDAR DIVERSAS LINGUAGENS DAS ARTES DE FORMA CONTÍNUA NA ESCOLA. NÃO QUEREMOS ENSINOS RÍGIDOS, MONÓTONOS E BUROCRÁTICOS.

SONHO NÃO SE (A)PRENDE.

QUEREMOS A MISTURA DE DIFERENTES CULTURAS SEM PERDER A NOSSA.

PARA A EXPERIÊNCIA ARTÍSTICA NÃO HÁ IDADE, NEM LUGAR.

JÁ ESTÁVAMOS “ARTANDO” (NEOLOGISMO ÚNICO E NOSSO) QUANDO VOCÊS CHEGARAM COLONIZADORES. ESTAREMOS “ARTANDO” QUANDO VOCÊS SE FOREM COM SUAS CERTEZAS E IMPOSIÇÕES. SABEMOS QUE

VOCÊS INSISTEM EM **NÃO NOS VER.**

UM SALVE PARA:

MÁRCIA ARAÚJO DAILYN

ERIKA HILTON

URIAS

ARCA

WENDDLY MAZIKINA

“É VAGABUNDA, É VAGABUNDA. SE É ARTISTA, É VAGABUNDA. MAS SE ASSISTE, E PAGA INGRESSO, É CULTO E É INTELIGENTE.” (TRECHO RETIRADO DO “CIRCO DOS ESQUECIDOS: A ÚLTIMA NOITE SOB A LONA”. REALIZADO PELA “COMPANHIA DA ENT.”

DEFENDEMOS A PRESENTE AFETIVIDADE QUE NOS ATRAVESSA E NOS TRANSCENDE ENQUANTO SERES.

APOIAMOS O PRINCÍPIO DOS PROCESSOS CRIATIVOS A PARTIR DE PESQUISAS BASEADAS NA ANCESTRALIDADE INDÍGENA.

NÃO PODEMOS PERDER AS MEMÓRIAS, A AMORISIDADE DA EDUCAÇÃO SÉRIA E COMPROMETIDA.

.....
DEIXAMOS AQUI NOSSAS PALAVRAS – FAZENDA DA JUTA – BRASIL –
09 DE NOVEMBRO DE 2024 – AÇÃO NO PALCO – MANHÃ DE GAROA.

ASSINA ESSE DOCUMENTO E SE APRESENTAM ÀS SENHORAS E AOS SENHORES DA CULTURA E EDUCAÇÃO:

APRENDIZ A – Sou dançarino, ator e escritor;

APRENDIZ B – E sou musicista e atriz em processo;

APRENDIZ C – Pode me chamar de Brócolis (nome artístico), amo teatro;

APRENDIZ D, – Sou capoeirista e ator em processo;

APRENDIZ H – Estudante de teatro pela “Escola Nacional de Teatro” e atualmente aprendiz do “Projeto Espetáculo” da Fábrica de Cultura. Desconstruindo o absurdo;

APRENDIZ I – Nascida na arte em 2023 pelas Fábricas de Cultura e vivendo as curiosidades do novo mundo desde então;

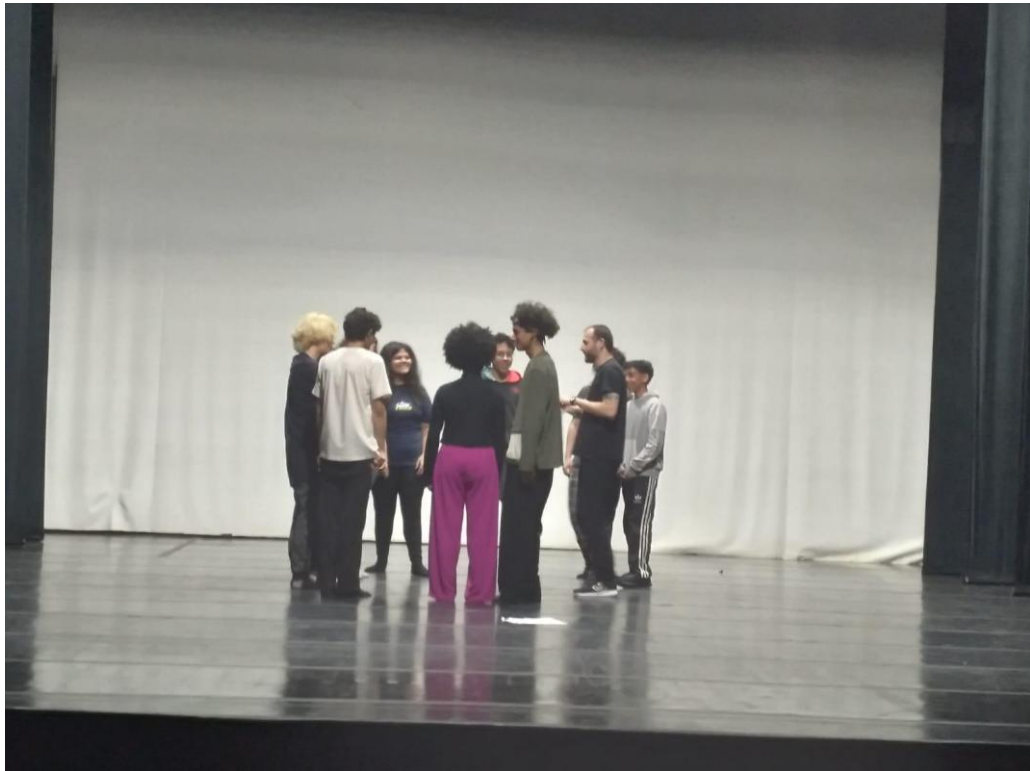
APRENDIZ J – Procurou ser dublador é artista, ando por caminhos infinitos;

EDUCADORA A – Educadora de teatro e diretora do Projeto Espetáculo 2024 de Sapopemba;

EDUCADOR B – Educador de música e preparador musical do Projeto Espetáculo 2024 de Sapopemba;

MARCELO TORRES – Mestrando na Unesp na linha de pesquisa: Processos Artísticos, experiências educacionais e mediação cultural sob orientação da professora LUIZA HELENA DA SILVA CHRISTOV;

Figura 3 – Projeto Espetáculo de Sapopemba



Fonte: Dias, 2024

Quem fala aqui são todas e todos que desejam: Jovens do Projeto Espetáculo da Fábrica de Cultura Sapopemba, educadores e o pesquisador.

Figura 4 – Projeto Espetáculo de Sapopemba



Fonte: Dias, 2024

O manifesto foi realizado com jovens que fazem parte do elenco do Projeto Espetáculo da Fábrica de Cultura Sapopemba. O Projeto teve como pesquisa o universo sonhos em toda as suas ramagens, ilustrado pelo tema: **Acordar Sonhos em Tempos Inquietos**. Nesta temporada de 2024, os espetáculos fizeram uma reflexão a partir da perspectiva dos povos originários, que veem o presente como um elo entre passado e futuro, e consideram os sonhos uma ferramenta vital de conhecimento e decisão coletiva.

Figura 5 – Projeto Espetáculo de Sapobemba

Ministério da Cultura, Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e Catavento Cultural e Educacional, por meio das Fábricas de Cultura Setor A, apresentam:

PROJETO ESPETÁCULO.2024 // FÁBRICA DE CULTURA SAPOPEMBA

SONHO NÃO SE (A)PRENDE



Azafe e uma multidão de outras pessoas estão prestes a disputar "a grande prova", desejando a chance de transformar seus maiores objetivos em realidade. A pressão é grande, o momento é tenso e as incertezas na cabeça de Azafe só não sufocam seus sonhos pois ela recebe a ajuda de Mari Hi, de alguns passageiros do monotrilho e da arte em cada um deles. Assim, ela conquistará o poder de alçar seus próprios voos com a força de um sonho coletivo!

APRESENTAÇÕES NA FÁBRICA DE CULTURA SAPOPEMBA
R. AUGUSTO LUBERTI, Nº 300 - FAZENDA DA AZEITA
(11) 2012-5800

18.OUT SEXTA, 15H
19.OUT SÁBADO, 15H E 19H
20.OUT DOMINGO, 15H
22.OUT TERÇA, 19H
24.OUT QUINTA, 10H30
25.OUT SEXTA, 10H30

ITINERÂNCIA NA FÁBRICA DE CULTURA CIDADE TIRADENTES
RUA HENRIQUETA RODRIGUES DE FREITAS, Nº 281 - FAZENDA DO CARMO
(11) 2556-3624 / 2518-4438

31.OUT QUINTA, 15H

APRESENTAÇÃO NO TEATRO SÉRGIO CARDOSO
R. RAFAEL RODRIGUES, Nº 953 - BELA VISTA
(11) 3082-4000

27.NOV QUARTA, 19H

PARA MAIS INFORMAÇÕES
ACESSE O QR CODE ABAIXO



4 CAMINHOS DIVERSOS E CRIATIVOS: O MANIFEIO, A MINHA ILHA DE EDIÇÕES DE EXPERIÊNCIAS-AFETOS E AS LEITURAS COMO GUIAS NAS FRESTAS

Respiro, dou bom-dia aos jovens, educadores, e agradeço a abertura para realização do encontro. O palco é uma fresta Rufino, uma *grieta* Catherine e também um lugar onde encenamos a vida. Ensaíamos para a vida, aprendemos a ser e estar no mundo. Um lugar de potência que está em movimento constante. Logo no primeiro compartilhamento entre os jovens, de uma leitura de fragmentos do Manifesto Antropofágico⁶ escrito por Oswald de Andrade, que tinha a intenção de provocar a rememoração de experiências do processo de elaboração do espetáculo do Projeto e o que eles criaram e pensaram durante o ano, me fez refletir que os processos de aprendizagem e pedagógicos tem que acontecer em todos os espaços onde performamos, e não só nas instituições.

As frestas do conhecimento se fazem nas conexões que unem múltiplos acontecimentos. A ideia de multiplicidade é necessária, mas tomemos cuidado pois ela também é colonizada pelo mercado na oferta de pequenos e grandes fetiches materiais e de ideias sobre plenitude plastificada sempre em alguma imagem, na semiótica entendemos melhor esses recursos usados pelos monopólios. Chamo a atenção para isso porque as narrativas estão sempre em disputa na formação de todos nós. Por fazer parte do todo do desenvolvimento humano, as práticas pedagógicas devem estar nas instituições como as Fábricas de Cultura, centros culturais, escolas e na nossa forma de estar sendo em nossas comunidades. No texto de Betty Ruth Lozano Lerma chamado “Pedagogias para la vida, la alegría y la re-existencia – Pedagogías de mujeresnegras⁷ que curan y vinculan” a autora indica:

No es usual que se considere a la población subalterna con valores pedagógicos. La pedagogía suele remitirse a la escuela, a los procesos formales e informales dirigidos por quienes se han preparado para llevarlos a cabo de forma legítima. No obstante, lo pedagógico debe ser visto de forma más amplia, pues todas las comunidades aprenden. Los procesos de enseñanza-aprendizaje son los que permiten la transmisión de valores culturales, pero también de prácticas de producción y sobrevivencia. (Lerma, 2017, p.275 e p.276)

⁶ O Manifesto Antropofágico foi publicado em 1928 na Revista Antropofagia em sua primeira edição.

⁷ Betty Ruth utiliza o termo *mujeresnegras* escrito junto, porque acredita que não se separa a pessoa mulher da questão racial de ser negra. No texto esse dizer aparece como grafado no título.

Em que cada fala dos jovens e dos educadores participantes outro ponto que me chamou a atenção é a importância de uma mediação compartilha e articulada entre todos que estavam participando. O intento do encontro era fazermos um texto Manifesto sobre diversidade e o direito de sonhar, recorte esse fundamentado na minha pesquisa e na pesquisa deles sobre os sonhos e as leituras cabíveis para elaboração do documento a ser feito pelo coletivo. Após o primeiro momento narrado acima, fomos para um exercício de perguntas e respostas que trouxe palavras para a discussão e descontração para o encontro, para preparar os nossos corpos e palavras para a escrita do Manifesto. Nesse ponto é sagaz dizer que desde o início notei uma abertura para os pensamentos sensíveis e críticos em relação aos desejos dos jovens. Essa sensibilidade que falo é o pensamento atento, não mero efeito emotivo, lembrando (Boal, 2009, p 83) no texto “A estética do Oprimido” que coloca: “Pensamento sensível é pensamento, *não mera sensação.*”

E na condução com os jovens da ação avalei que a fruição dependia do conhecimento, referências e compreensão de todos. Ali estávamos como observadores com formas de sentir, entender e criar diferentes de cada um e ligados a qualificar nosso encontro utilizando da disposição e das ferramentas pedagógicas, artísticas e educacionais de cada um. Os jovens fizeram todo o processo de escrita do Manifesto acontecer em uma suspensão segura porque as intenções e componentes do encontro estavam respaldados por pesquisas de ambos os lados sérias e comprometidas com a cultura, a educação e as artes. E tudo pelo amor e entendimento da importância das artes e de seus processos formativos no desenvolvimento de cada participante daquela manhã de novembro. O professor e palestrante Allan da Rosa em seu livro “Pedagogia, Autonomia e Mocambagem”, fala da mediação da educação e das vias simbólicas, que acredito que em todo processo de criação artística e educativa tem que estar presente nas consciências envolvidas. O autor precisamente nos diz:

Se o conhecimento se faz articulando conexões entre os elementos que se apresentam nos campos da experiência, educação é a mediação dessa articulação, com suas intenções, entre o conhecimento e as práticas históricas. Centra-se no desenvolvimento da subjetividade dos educandos, sugerindo vias simbólicas num processo de quer ser mais, sendo eles mesmos. Querer qualificar a construção de si, enquanto pessoa, considerando processos de aprendizagem e de personalização, de despertar ou de aprofundar autonomia diante dos recursos da cultura, desabrochando potencialidades. (Rosa, 2019, p.137)

E nessas relações, conexões criadas pelo encontro com os jovens surgiu **MANIFESTO EM DEFESA DA DIVERSIDADE E DO DIREITO DE SONHAR NAS ARTES**. Texto feito por todos que estavam no momento do acontecimento, de forma

horizontal cada palavra foi acolhida, discutida e editada para o documento apresentado. E saio desse encontro com os jovens e educadores mais jovial do que entrei, mas forte para as lutas e com a escuta mais afinada. E me recordo de uma interpelação da Hanna Limulia a uma senhora que é indígena, quando estão se preparando para um momento de festa, em que Hanna diz e recebe a seguinte devolutiva:

Você age muito como uma moça, Fátima”, digo-lhe sorrindo e brincando com sua vaidade. Ela me sorri de volta e responde: “Quando há festa, eu me torno moça. Depois, quando a festa acaba, eu volto a ser velha novamente. (Limulia, 2022, p.126)

Saio da Fábrica de Cultura Sapopemba um pouco como Fátima, mais moço, graças aos jovens e educadores que me mostraram a força da criação conjunta e do comprometimento com as causas que acreditamos. Por isso reafirmo: a educação e a formação contínua pelas artes, que seja humanista esteja acima do mercado, dos valores das prateleiras e da *tokenização* das redes. A arte-educação é uma andança de um caminhante que quando encontra um pássaro, para e respira, antes de seguir em frente.

O início do século XXI, foi marcado por diversos avanços tecnológicos, e em muitos países ao redor do globo tiveram avanços sociais, econômicos que deixaram caminhos que deveriam abrir novas frestas para um mundo menos desigual. A geração que começou a vida adulta nos meados dos anos 2000 mil, da qual faço parte. Tinha uma enorme esperança nas políticas públicas serem acessadas por todos. Dentro do mundo que me coube nesse contexto de experimentar o princípio de uma trajetória de ciclos, que se esperava alçar voos no âmbito da educação e das artes observando o acesso à educação, ao capital em suas diferentes formas, e ao desenvolvimento de sociedades mais integradas e menos desiguais, me assusta a constatação da perda de governabilidade de muitos países e a ameaça às democracias que pareciam consolidadas.

Meu espanto e revolta se dão vendo um capitalismo cada vez mais devorador, onde sua atuação se dá em todas as esferas da vida, e de muitos anos para cá na educação e na cultura de forma monstruosa, e sendo distintas vezes conduzido por forças econômicas e políticas pouco afáveis, ou que desconhecem, ou são contrárias conscientemente às implicações dos processos educacionais, artísticos e culturais que modulam as experiências que envolvem a criatividade, a diversidade, o fazer artístico, o fazer poético e educacional. As poéticas sensibilizadoras, ancoradas em conhecimentos múltiplos e de acontecimentos benéficos a existência parecem ser um delírio.

A modernidade ou pós-modernidade exaltada, por todas as partes que considera os avanços tecnológicos inovadores de forma fundamental para as atualizações e vislumbres futuros, me parece que pouco se preocupa com a grande massa da população. E a possibilidade de inserção dos mais pobres no acesso e no aprendizado dessas ferramentas, que surgem a cada dia com mais recursos, cheios de resoluções no modo de fazer e pensar. Como se o exercício do pensar e a crítica pudessem ser relegados às máquinas, às IAs, às funcionalidades extensivas que nos acompanham no trabalho, nas escolas, nos lazeres, na apreciação estética artística, na criação e nas descobertas de toda ordem.

Até que ponto penso, poderemos negociar nossos desejos, espaços, escolhas, o que poderemos dizer, como estaremos escutando o outro e como construiremos um mundo onde as tecnologias não apaguem a história, a ancestralidade, a coletividade e possibilidade do encontro real, onde nos abraçamos e nos sentamos para conversar, pensar? E ter a comunhão de estarmos a sós com o mundo e estarmos com o outro exercitando, ensinando, aprendendo o pensamento crítico que move sonhos e desejos. Que partilha experiências. Buscando a sabedoria prática e as epistemologias que considerem os muitos terreiros de conhecimento que temos espalhados pelo Brasil. Aqui tudo deveria ser terreiro. Terreiros dos livros, terreiros da música, terreiros da dança, terreiros da literatura, terreiros das brincadeiras.

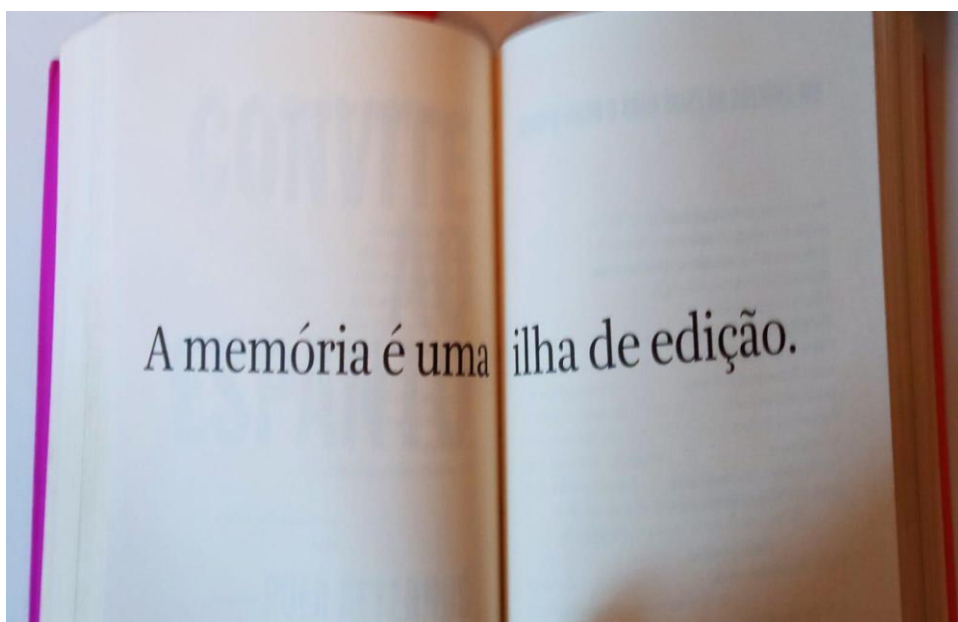
A natureza humana tem entre os seus traços de grande relevância, a relação dialógica respaldada na linguagem. Essa junção se entrega às práticas, a aproximação do objeto de interesse, que se experimente as forças de resistir, que no meu corpo se apresenta no ato de criação, do aprendizado, do interesse e no meu direito e na minha vontade de “estar sendo”, nunca de forma neutra, mas veementemente necessária ao que acredito de um paradigma que considera a democracia e a potência de múltiplas culturas e povos que construíram e constroem pequenos universos magníficos, muitas vezes em meio à barbárie.

Hoje proponho meu método de refletir, dentro de um mundo que caibo e que realizo minhas travessias. Uma conduta de organizar as memórias, as críticas e os acontecimentos à estilística cinematográfica contemporânea. Forma e conteúdo pautados em filmes não lineares em suas narrativas, tão pouco preocupado com as cronologias, mas que se fazem nas experimentações do contar, dos desvios, onde os processos de edição são peças de uma unidade. Aqui trago, dentro de minhas polifonias, a forma condizente de resgatar as minhas imagens, as minhas palavras-suportes, as minhas palavras de esperar. As memórias, os sonhos, os pensamentos ou essa que fragmento na utilização: **“memórias do presente, do passado e da invenção arraigada ao verbo esperar”**.

A realidade é cheia de cores. E o technicolor é enlouquecedor, se pensarmos o cinema do dia a dia e se considerarmos o dia de hoje de qualquer ser, para tanto chamo a **fala do** poeta Waly Salomão em imagem fotografada de sua obra poética completa chamada “POESIA TOTAL” (Salomão, 2014, p 30) lembrando que a fotografia é uma das coisas mais preciosas de um filme. Ela aqui se faz palavra norteadora para reconstituir aquilo que me cabe nesse momento que escrevo, pensando em recriações e transformação da sociedade. Tendo na luta por equidade a direção para mim e para o outro, termos o direito de pensar, vivenciar, de gozar das belezas e da aventura que é ter uma vida que seja rigorosamente digna. E não esperem o menino pesquisador trazendo brincadeiras de infância, minhas traquinagens são hoje localizadas em uma memória mais factual, cerzidas para dar vazão a fruição e a minha autoconservação, sem cair nas armadilhas que Nietzsche aponta dos fisiólogos:

13. Os fisiólogos deveriam refletir, antes de estabelecer o impulso de autoconservação como impulso cardinal de um ser orgânico. Uma criatura viva quer antes de tudo *dar vazão* a sua força – a própria vida é vontade de poder –: a autoconservação é apenas uma das indiretas, mais frequentes *consequências disso*. – Em suma: nisso, como em tudo, cuidado com os princípios teleológicos *superfluos*! – um dos quais é o impulso de autoconservação (nós devemos à inconsequência de Spinoza). Assim pede o método, que deve ser essencialmente economia de princípios. (Nietzsche, 1992, p.19)

Figura 6 – Ilha de Edição



Fonte elaborada pelo autor, 1998.

Revisitar algo é um exercício que exige abertura para experimentar não só lembranças, sensações, reflexões, sentidos de alguma coisa, mas reviver quais eram as ordenações que a vida se apresentava nos acontecimentos pretéritos. O que se passava na vida que se entrelaçava com as atividades do dia a dia como trabalhar, ler, encontrar amigos, pagar contas, fazer cursos, discutir projetos, se divertir, enfim inserir na experiência, movimento. Posto isso mais como uma epígrafe singela, do que uma introdução no intuito de puxar o acontecimento da memória que marca o início da minha pesquisa, creio que o “Acontecimento” está relacionado há alguns contextos que são inerentes principalmente a minha prática nesta última década no fazer artístico, e no trabalho na área de arte-educação, além da minha revolta convicta com o campo político desse país.

Tive a oportunidade durante o período trágico dos últimos anos de fazer um curso de “Gestão Cultural”. Ministrado pela professora doutora em Educação Luiza Helena Christov e pelo professor, doutor, escritor, pesquisador, sócio Fundador d’A Casa Tombada Giuliano Tierno de Siqueira, durante alguns meses do ano de 2019 pudemos de forma abrangente e coletiva realizar diferentes percursos sobre o que nos move no trabalho com arte-educação e como são nossos fazeres diários de gestores nos processos de gestão cultural. Desse acontecimento surgiu a vontade de pesquisar sobre formação de crianças, jovens e adultos no contexto do ensino de artes. Atuo em um Programa institucionalizado de ensino não formal, e

acredito que devo contribuir para a reflexão e ações voltadas para a importância do ensino das artes como ação permanente de política pública no campo do ensino não formal, e para tanto busquei o campo acadêmico. Outro contexto importante que se liga ao momento acima e também ao viés da minha pesquisa foi minha compreensão na vida adulta do processo formador que tive nas experiências de ensino com linguagens artísticas, onde pude participar de algum modo de acontecimentos que estão presente no meu modo de ser e que se relaciona com as minhas escolhas, que estão sempre pautadas pela possibilidade do diálogo com as artes e os contextos educacionais. Isso é o que me marcou e está comigo até hoje.

Sinto atualmente que o acontecimento está atrelado a algo que devemos entender como mergulho, e imersos buscar atrelar sentidos e infundir mais acontecimentos que permitam relações com a vida e seus os encontros-sementes. Meus acontecimentos são aqueles que busco como redes, fundamentais para estabelecermos diante do mundo e do outro disponibilidade para as experiências e a diversidade. Creio que todos os seres vivos são fundamentais em sua simples tarefa de existir. O poeta Matsuo Basho resenhado e traduzido por Alberto Marsicano no livro: “Trilha estreita ao confim”: “via num pequeno crisântemo o “dharma”, a ordenação cósmica do Universo, e cristalizava essa percepção instantânea no poema: “em profundo silêncio/ o menino, a cotovia, o branco crisântemo”⁸. Penso que meus acontecimentos estão também embebidos dessa percepção-leitura do poeta japonês Basho (1644-1694).

Pensar em um espaço de aula ou de mediação de conteúdos que fazem parte de minhas experiências é invocar o encantamento das palavras, dos gestos e de corpos que se encontram em confluências. Minha atuação como pessoa-mediadora que deve conduzir algo, sempre se deu de forma esporádica e com a literatura. Com as chamadas oficinas de criação literária que no meu caso, prefiro chamar, como encontros de escrita e leituras múltiplas, onde sempre busco vozes que estejam dispostas a transgredir o uso da linguagem e de refletir sobre os recursos da literatura. Recursos que ajudam a explorar territórios nômades e de diálogo expansivo, onde tudo seja considerado como uma possível proposição para as relações coerentes e também digressivas, cheias de desvios que mostrem novas trilhas, paisagens, imagens, ritmos e sentidos.

Estar junto com outras pessoas, se olhando sempre me faz sentir que estamos em um ritual, onde projetamos inconscientemente ou conscientemente o sentido de comunidade. Essa

⁸ Poema retirado do Livro: A trilha estreita ao confim, de Matsuo Basho, p. 14. Basho foi infundir na concisa forma do haikai a amplidão do pensamento zen. Via num pequeno crisântemo o “dharma”, a ordenação cósmica do Universo, conforme nos diz Alberto Marsicano na apresentação do livro. Tradução de kimi Takenaka e Alberto Marsicano. – [2, ed.] – São Paulo: Iluminuras, 2021.

perspectiva de conduzir um encontro que podemos chamar de aula, me faz ficar atento primeiramente ao que escolho, para levar para ser ofertado ao grupo, deixando já de lado a pretensão em querer o entendimento de todos de uma proposta de leitura conjunta, de escrita ou de algum exercício literário, como diz Deleuze: “uma aula não tem o objetivo de ser entendida totalmente/Uma aula é uma espécie em movimento...”.

O movimento é uma palavra sedutora ao meu ver, pois é deslocamento é um mover-se para algo ou alguma pessoa em muitos casos, nessa segunda intenção fico muitas vezes sobrevoando as ideias, tentando estabelecer relações entre todos os dizeres dos participantes de uma oficina literária ou aula. Integrar esses deslocamentos, onde corpos-palavras se projetam pela vontade de vasculhar a poesia das coisas, das poetas e dos poetas que ao longo dos séculos escreveram toda uma literatura. Para mim utilizando alguns nomes como referência Safo, Hilda Hilst, Audrey Lorde, Oswald de Andrade entre milhares de outras e outros poetas que nos legaram algo fundamental para vida que é: a poesia também educa de um modo, onde devemos brincar com as palavras, chorar com as palavras, cantar com as palavras, ficar quieto com as palavras, se entrelaçar com as palavras, salvar-se do abismo com as palavras, se tornar um revolucionário com as palavras, não nos esquecemos de Marighella que escreveu pensando nesse sentido bons poemas como “Liberdade”.

A prática da oficina literária ou aula ou como gosto de chamar os encontros são momentos de experiências de desnudação das coisas, deslocamentos para novas expressões, estetizadas através da linguagem poética e literária. O poema se faz texto literário porque damos forma, ritmo, carregamos de imagens e temáticas que se relacionam com a diversidade da existência e dos sentidos. Um exercício como da aula passada de 05 minutos, realizado em um contexto de estudos é uma possibilidade de um acontecimento sensível, provocador e de desafios muito interessantes para abarcar os novos saberes, pois trocamos procedimentos e praticamos uma escuta atenta e respeitosa com a trajetória dos envolvidos, é notável em um aula-performance como essa que foi aplicada em um dia comum de 2023, um pouco da experiência como educador do outro, sobre isso (hooks, 2020,p10) nos diz: “Escutar a experiência pessoal uns dos outros em sala de aula promove uma atmosfera de cooperação e escuta profunda” Entendo que entre educadores e discentes esse compartilhamento promove uma ampliação de conhecimentos, e fortalece as pessoas e o grupo.

Com textos em mãos e pessoas abertas ao compartilhamento, envolvimento e com disposição para construção coletiva, somos capazes de margear dizeres que educam e acolhem mesmo na desgraça mais ultrajante, experiências únicas, e diferentes. Como o poeta nicaraguense (Cardenal, 1977, p52) faz em seu poema para Marilyn Monroe, percorrendo

sobre aspectos violentos da vida da artista e ao final indagando Deus: “Senhor/quem quer que tenha sido aquele que ela ia chamar/e não chamou (e talvez não fosse ninguém/ou fosse Alguém cujo número não está no catálogo/ de Los Angeles) / atende Tu ao telefone!”. Os poemas nos oferecem um universo de interação com o todo, como uma aula ou uma oficina que esteja com as portas escancaradas e sempre pronto a atender um telefone ou uma mensagem que adentre os lugares de ensino e aprendizagem.

Deslocando o tema entrelaçado de reflexões entre ciências naturais e ciências sociais, sendo essa última o paradigma de aproximação, por sua natureza subjetiva. Venho considerando a pluralidade das condições da existência, para delimitar aqui uma proposição que considere marcas do passado e confluências do presente para pensar a linguagem, no contexto de arte-educação e cultura. Conceitos da ciência dizem que o comportamento humano não pode ser explicado diante de exterioridades, que se debruçam sobre ações que se estabelecem de formas distintas. Digo isso já para justificar que esse breve texto, é acima de tudo pelo direito de pensar e refletir abertamente sobre teoremas de incompletude.

Todo tema traz coisas ocultas que devemos estar atentos, não para descrever de maneira a traduzir ao outro uma leitura, mas para provocar perspectivas diferentes onde possamos alterar o presente sempre vislumbrando um aprendizado novo. Traçar um caminho sensível, mas que possibilite a mudança de rumo de modo racional se for necessário, mediante uma atitude comprometida e investigativa, interligada às epistemologias humanísticas. O progresso das ciências e das artes criaram inúmeras possibilidades interessantíssimas como por exemplo no campo da música a fusão entre o erudito e o popular, mas também ruídos que se tornaram construções frágeis em redes virtuais cada vez mais velozes.

No campo da linguagem que se estabelece sob o círculo do contexto da arte-educação, tenho a tendência a pensar no encontro das linguagens artísticas e tecnológicas diante de uma experiência híbrida, que ultrapassa a ideia de extensão dos corpos ou de narrativas em um campo aberto. Campo esse metafórico para observar de forma crítica as confluências de linguagens e comportamentos sociais que criam conhecimentos, experiências, poéticas que são movimentadas pelo desejo da criação e pelo inferir algo sensível diante ao trato da linguagem comum, acondicionada no conforto da rotina. O contexto de uma comunidade é riquíssimo, e suas manifestações culturais são vastas. A ideia de levar cultura a uma comunidade me abomina, prefiro o atravessamento de saberes que podem ser externos ou internos, considerando a diversidade do encontro contínuo, de saberes culturais e artísticos.

Para inserirmos uma linguagem de atravessamentos no ensino das artes, é preciso reconhecer nos processos de humanização, em que local residem as opressões, as alienações,

que linguagens foram utilizadas para moldar um território? E como se encontram os oprimidos no contemporâneo, e o que é negado ao ser, que o impossibilita de autenticidade, de uma atuação consciente de seu estar no mundo tendo seus direitos respeitados?

Nesse sentido uma pessoa que tem a possibilidade entre outras coisas de vivenciar a linguagem que se pauta em movimentos pedagógicos debruçados a trazer para crianças, jovens e adultos a experiência do contexto das linguagens artísticas e suas narrativas entrelaçadas as complexidades da tecnologia, que se relacionam com hibridismos e interfaces que devem sempre ter um caráter ativo, mas nunca dominador, e que provoquem novos paradigmas que estão distantes do tradicional conhecimento científico, mas que diante dos estudos humanísticos, abram janelas para estudos e conhecimentos que agregam ao ser, esperar novos aprendizados que tenham atributos conectados com o direito de acesso às criações, as poéticas, a conteúdos diversos que dialoguem com um planeta onde as confluências partam sempre de uma cultura diversa, em que as artes e as tecnologias conversem para contribuir com a emancipação dos saberes, e a potencialidade existente em cada um. Pensar a linguagem na arte-educação como peças de lego, peças-paradigmas que permitam a construção de inumeráveis experiências de encaixe sempre com intervenções que não coisificam as pessoas e nem fazem serem enquadradas em um único formato.

É noite e penso que logo mais terei que acordar sem ter descansado direito. É tarde e precisava na verdade deitar. É exaustivo estar sendo. É diferente ter tempo, mesmo pensando que há anos não tenho tempo adequado, para o pensar, as leituras, as pesquisas e para o sujeito que não quer ser um simples objeto. Ser objeto me liquidaria de vez. Por isso a desobediência, a rebeldia sempre me atraio, mais do que o objeto-humano das repartições educacionais que diz: está tudo certo para tudo. É preciso estar junto com o outro sempre fabulando. É preciso experimentar pedagogias, didáticas que se relacionem com a vida e o sensível.

O campo da pesquisa só me interessa se puder experimentar através de diversas leituras. Por uma escrita que considera os múltiplos campos de atuação do ensino não formal e da criatividade. Das linguagens artísticas que se tornam processos de convivência, de criação, de poéticas e diálogos que se somam ao viver. Buscar mesmo que não alcancemos o que diz Cássio Viana Hissa (Hissa, 2012, p.23) “uma epistemologia da descoberta”. Reinventando leituras, descobrindo mais perguntas do que respostas definidoras. De meses, anos fluídos, provocativos, dialógicos e acima de tudo de dias de compartilhamento reflexivo.

Escrevo porque é uma forma de existir inquieto e vim parar na Unesp, porque penso utopicamente através de experiências, e não de verdades. Busco estabelecer conexões com

educadores e aprendizes e seres que articulam literaturas em prol da crença no conhecimento, na transformação do sujeito pela palavra. A palavra profunda, escovada, guardada na gaveta que carregamos suspensas, seja na cabeça, ou no coração, ou nos membros superiores ou entre os pulmões ou em estantes que vamos povoando com vozes e linguagens multiculturais.

Claro que quero descobrir coisas com a pesquisa, mas talvez não seja nada novo. Original, não pensado. Acho que quero descobrir o que não sei, mas que está latente nos debates educacionais, decoloniais, na miséria das periferias, onde uma menina lê Lima Barreto e têm muitas perguntas. Invoco Cássio Viana Hissa (Hissa, 2012, p 34) novamente porque escrever a pesquisa que sonho, e sonho ela em muitas noites breves é a forma de “aproximar de questões tomadas como relevantes e mergulhá-las em teorias que fazem pensar”, um país em que a arte, o ensino estejam na ideia que voa como na confusão de imagens alimentadas pela insônia, que me toma em alguns momentos.

Penso que escrevo esta pesquisa agora, também porque não posso viver sem música, cinema, teatro, artes visuais, livros e das performances que tanto me comovem. Também é um exercício complexo e desafiador realizar uma pesquisa. Envolve muitos processos, problemáticas, dúvidas e uma infinidade de conhecimentos e desejos. Aprendi com o outro que estudar continuamente é alongar a vida, os sentidos, a paciência, a escuta, a raiva, a visão crítica, é aguçar a inteligência a confrontar minha burrice em muitos assuntos.

Com cautela creio que unindo narrativas e amor, posso chegar um pouco mais adiante. E na pesquisa encontrar não um final, para sair com um título de mestrado apenas, mas que eu saia modificado para lutas vindouras que confrontem paradigmas dominantes. É essencial estar junto sempre do desejo de aprender. E se a escrita da pesquisa criar curvas, formas libertárias que questionem essa educação mesquinha e tacanha institucionalizada no pensamento de senhores neoliberais. Tenho a certeza que sempre estarei junto das pessoas que enfrentam de forma rigorosa essas concepções de controle e alienação. Busco a imagem da palavra construção, dimensiono ela em um tear, ou rizoma, ou rede ou tentativa de um mundo melhor onde possamos dormir às vezes de forma adequada e acordar bem disposto para dialogar sobre trajetórias, brincadeiras e o aprender a imaginar novos cenários educacionais e artísticos para as crianças, os jovens e os adultos, sejam eles educadores ou educandos ou seres envoltos a tremores de experiências.

Estava perambulando pelo pátio, num horário de baixo fluxo de pessoas, alguns alunos passavam de um lado para o outro. As salas entupidas de gente. Rente ao meu olhar que focava o lado esquerdo da biblioteca. Até então em quase sete anos, aquele espaço cheio de livros não me provocava nada. Era um lugar que comparado a quadra, ao pátio dos

maconheiros e a entrada onde ficávamos tocando violão e cantando canções do final da década de oitenta, não tinha nenhuma chance de entrar nas minhas heranças afetivas.

Certo dia de final do mês de abril, caminhava entre salas de aula, ruídos diversos e gritos esporádicos emitidos de forma sempre peculiar, isso após o horário da recreação. Ia atrasado para a quadra, local de grande satisfação, pois achava que iria ser jogador de futebol, devido a minha habilidade evidente com a bola nos pés, destacada entre os outros meninos que tomavam dribles constantes, e já tinham em seu imaginário, a dureza das partidas. E essa dureza também se desdobrou em corpos, porque alguns desses meninos, foram entrando para o tráfico e morrendo sem atingir a maioridade. Sapinho um menino negro, outro talento do futebol, mais habilidoso com a bola que eu, e menos rápido do que a maioria foi um desses jovens mortos. Encontrado na frente da escola todo perfurado.

A quadra foi o meu reduto por anos. Lugar de conforto e acolhimento, de firulas emotivas. De entusiasmo do corpo. Ali foram anos de convívio, e também de reconhecimento. E essa tarefa de ver em si as necessidades, reconhecer os desconfortos e perceber que a vida tem desvios, e que as curvas acolhem cambiantes fatos faz com que comecemos a ver de outra forma as coisas. Um desses fatos cruciais foi saber que não seria jogador, a adolescência já se apresentava e nada tinha acontecido nesse universo do futebol. E nessa tarefa de elaboração e síntese da experiência, a quadra virou em pouco tempo lugar de distanciamento. Com a quadra descolada de meu corpo passei a ficar mais em outro ponto fixo, onde encontrava os amigos para conversar, zoar e se divertir. Ponto esse ao lado da biblioteca, via os livros que não me diziam nada, a sala de leitura vazia, a não ser quando algum professor levava sua turma. Nesses anos, pensava que sorte a minha, pois nunca meus professores queriam ir para aquela parte da escola.

Minha passagem nessa escola foi medíocre. Escola essa que passei mais de dez anos. Era uma escola bonita, as salas ficavam em uma área térrea enorme. E dentre as opções na periferia era um lugar de relações bacanas. Dado certo dia de aula vaga, acabei ficando sozinho no ponto fixo que tinha se constituído como lugar de espera do outro. E entre me distrair olhando o entorno e esperando os amigos saírem de suas aulas, me peguei atento observando uma mulher mexendo nas estantes dos livros, arrumando nas prateleiras exemplares de várias cores. A mulher deve ter percebido o meu olhar para as prateleiras, se aproximou de mim e me convidou para entrar. Como alguém pego de surpresa aceitei o convite, e comecei a percorrer as prateleiras cheias de livros, acompanhado da mulher que se identificou como bibliotecária. A mulher perguntou, se eu tinha carteirinha, disse – que não. Ela logo foi atrás do balcão, pediu meu nome completo, a série que estava, nome da minha

mãe e em seguida me entregou uma ficha rosada. A ficha era para caso quisesse pegar algum livro emprestado.

Com a ficha na mão, comecei a olhar as prateleiras com mais atenção, no início olhava as lombadas dos livros com certa dificuldade, tentando ler os nomes das autoras e dos autores e os títulos. Fui percorrendo as prateleiras, até parar diante de uma que estava escrita “Poesia brasileira”. Essa estante, me fez lembrar uma fala que ouvi no rádio do cantor Cazuza, que dizia que adorava poesia. Como gostava muito de música e nessa época do Cazuza resolvi escolher livros dessa estante. Peguei duas antologias, sem saber nem o que era antologia. Um livro era a antologia de Cecília Meireles e o segundo volume, a antologia de Manuel Bandeira. Fiz o empréstimo dos livros e fui para o lado de fora da biblioteca.

Enquanto aguardava meus amigos comecei a ler os poemas de ambos os autores, e a cada poema lido fui gostando das palavras, do que eu achava delas, dos versos que eram diferentes um do outros, do som, das imagens. Nos dias seguintes de convívio com esses livros comecei a querer ler mais poesia e passei a buscar mais livros na biblioteca e a criar o hábito da leitura. E cada livro de poemas lido, e também de outros livros inclusive de prosa, fui gostando de pensar na infância, nas memórias, no cotidiano da vida, nas experiências dos poetas, das elaborações e tensões que envolviam a existência. Comecei a adorar o humor de Bandeira que me fazia rir em alguns poemas, e a ficar reflexivo na seriedade de muitos dos seus versos como: “O que eu vejo é o beco”. E diante desse encontro com os livros, a pesquisa foi se mostrando essencial para os anos seguintes de formação e se ampliou para diversas outras linguagens artísticas. Depois de entrar em contato com outras pessoas, principalmente da área das artes da cidade de Diadema, até o final da adolescência, tive consciência que minha educação estava se dando pela arte e com a arte e que seria assim daqui em diante.

E com as experiências ligadas às artes, começou a experiência das transgressões, das múltiplas leituras do mundo e das elaborações intermináveis. Da jornada dialógica que encontramos em lugares de troca de saberes, como os centros culturais. Da busca pela inventividade, das poéticas sensíveis, das intensidades das pequenas alegrias. Da escuta das vozes que vamos encontrando e dos desenhos sobre o corpo que vão ficando. E os encontros que permearam o contato com a educação, e as artes estão sendo os mais interessantes até aqui. E como disse Cecília Meireles na abertura de um de seus poemas chamado “Apresentação”: “Aqui está minha vida – esta areia tão clara/com desenhos de andar dedicados ao vento” (Meireles, 2013, 3edição, p.06)

Desde o primeiro encontro em grupo em 2023 na Unesp, creio que estamos sempre a encarar múltiplos textos de deslizantes vozes. A pesquisa é o signo principal dos estudos acadêmicos. A embarcação que temos que entrar, para colocar sobre as águas turvas que fustigam o início, a criação das perguntas, a ampliação das referências, a delimitação do tema e as estratégias para não cair na armadilha de fazer mais uma pesquisa para as prateleiras, e que nunca serão acessadas por ninguém fora do âmbito das universidades.

Penso que muitas ideias devem ser sempre repetidas, pois são atemporais. Não transformar a tese em troféu é um item importante para mim. Espero encontrar caminhos, métodos, desenhos linguísticos que abram minha cabeça e que agreguem às reflexões contínuas.

Ter colado a mim às compreensões que surgem no diálogo, de que há muito a avançar, e o conhecimento de cada conteúdo serve para nos deixar mais em alerta para novos aprendizados que estão sendo gestados sempre. Nunca cair no alçapão do ego. Penso e relembro de um livro que reflete sobre a mística zen, em que se fala sobre a experiência do Satori de Eugen Herrigel, pesquisador que ocupou por muitos anos o cargo de professor na Universidade de Tohoku no Japão, lugar que pode mergulhar no círculo do Zen-budismo. No trecho que trago Herrigel fala: “Tudo o que já se aprendeu serve para fundamentar novas realizações, e ninguém pode afirmar que atingiu o fim”.

Formulados alguns cuidados, venho exercitando os roteiros, entendendo quais estudos terei que realizar para organizar um processo disciplinar que seja flexível. Isso acerca da estruturação da pesquisa e da escrita que esteja presente: formulações teóricas coerentes com as experiências práticas, os itinerários exigidos pela própria pesquisa. O projeto terá que considerar os temas trabalhados que estarão no passado e a abertura para novos encontros e surpresas presentes no decorrer do caminho. As respostas desconhecidas são fundamentais, para trazer, como coloca Cássio Viana Hissa, “peças de pensamento” que sirvam no momento oportuno para reinventar e promover novas provocações que deverão ser integradas à realidade e a vida da pesquisa.

E tal percurso que se estabelece entre o “espaço-tempo” de delimitar e estar aberto a pesquisa temos a redação, em que planejamos um compêndio de ideias, referências, leituras, exercícios de escrita que serão os textos, que irão se transformarem em capítulos do projeto de pesquisa ou não. Escrita que precisa ter o olhar da ciência, como também a presença da ficção onde a criação das imagens, poderão através de uma sintaxe coesa, fundamentar novas reverberações semânticas. A poesia nisso tem milhares de exemplos, trago uns versos de Manoel de Barros. Me desculpem, mas não sei pensar sem os cometas das palavras. De forma

respeitosa com a estrutura da oração, tendo o seu sujeito e seus predicados utilizados devidamente, Manoel traz em boniteza de imagens completamente inovadoras versos como: “Meu córrego é de sofrer pedras/ Mas quem beijar seu corpo/é brisas”(Barros, 2015, p 91).

Não penso eu, também nessa construção de pesquisa que se dará sobre pensar o contemporâneo na educação não formal, deixar de lado a ciência moderna. A universidade nos faz compreender que muitos modelos técnicos, restrições, tornam o desafio árduo, principalmente diante de pesquisas que questionam o espaço muitas vezes elitizado do conhecimento, do poder e das referências dadas como essenciais para uma pesquisa acadêmica. Como hipótese considero que a redação será a chave do movimento de imaginar, de integrar reflexões progressistas e atualizadas com as discussões decoloniais por exemplo, se faça mais presente, sabendo que essa redação como fala Hissa “não é o projeto de pesquisa”. Ela faz parte daquilo que pode ser integrado ou não a pesquisa.

E os textos que serão formulados pela experiência, todo amalgamado de conteúdos, estarão reverberando por um eu que se pensará autor desse projeto de pesquisa, que será defendida posteriormente. E na pesquisa é natural que busquemos a impessoalidade, a supressão de elementos que fazem parte de nossos desejos, em prol da pesquisa que vai acontecendo. Acredito que o sujeito em todo esse processo vai se transformando, se redesenhando e se constituindo de memórias que nos minutos seguintes da conclusão deste breve texto, já adicionam novas gramáticas de deslizos.

Pensar a educação formal e suas problemáticas é estar sintonizado na elaboração de questões, pensar a temporalidade, tentando ler o que avançou, no que voltamos e deveríamos ter desconstruído. É pensar em quem sou. Quais caminhos podemos trilhar onde a experiência nos passa trazer de forma crítica conhecimentos que estejam abertos a complexidades da sociedade contemporânea. E será que as perguntas que fazemos sobre como a educação formal está no momento, está de acordo com o tempo das experiências dos discentes, dos docentes e da comunidade escolar?

A experiência demanda escuta e disponibilidade. E não está presa a uma verdade única, a experiência é o que motiva a possibilidades de criação de sentidos para a educação. Uma das motivações da educação é estar aberta às transformações, para irmos além do que vai se reproduzindo e entrando em lugares de conforto. Acho que vivenciar a experiência, é estar atento a criações e se distanciar até uma distância razoável, que viabilize ver o outro e compartilhar acontecimentos, percepções, “cantos de experiências”, que nos motivem como pesquisadores e educadores no campo árduo das construções colaborativas na educação formal.

Quando ouvimos ou dizemos que a educação atual está falida, quais experiências nosso corpo foi impelido, ou quais contextos fomos moldados que nos forçam a atuar nos processos educacionais de uma forma em que os motivos principais são subjugados por experiências mesquinhas que não vislumbram os percursos de ensino-aprendizagem que respeitem os sujeitos em sua diversidade. A experiência é algo que está presente como acontecimentos, não é uma realidade de fácil racionalização e fechada em si. Ela demanda uma vontade de “cantar”, de realizar “cantos pedagógicos” referenciados também nas leituras e nas práticas educacionais inerentes ao ensino. Sobre os acontecimentos da experiência e de seus cantares nos provoca Jorge Larrosa:

A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar, algo que nos faz sofrer ou gozar, algo que luta pela expressão, e que às vezes, algumas vezes, quando cai em mãos de alguém capaz de dar forma a esse tremor, então, somente então, se converte em canto. E esse canto atravessa o tempo e o espaço. E ressoa em outras experiências e em outros tremores e em outros cantos. Em algumas ocasiões, esses cantos de experiência são cantos de protesto, de rebeldia, cantos de dor, de lamento, cantos que expressam a queixa de uma vida subjugada, violentada, de uma potência de vida enjaulada, de uma possibilidade presa ou acorrentada. Outras são cantos elegíacos, fúnebres, cantos de despedida, de ausência ou de perda. E às vezes são cantos épicos, aventureiros, cantos de viajantes e de exploradores, desses que vão sempre mais além do conhecido, mais além do seguro e do garantido, ainda que não saibam muito bem aonde. (Larrosa, 2014, p. 10)

Na medida que dialogamos horizontalmente sobre a educação formal e nossas experiências, podemos estabelecer os cantos que vão além do convencional e que questionem problemáticas evidentes da educação. Das políticas públicas e currículos programáticos que as escolas devem seguir, que currículos são esses, a quem atende, a quais agenciamentos eles estão ligados. Quais desejos, esses métodos atendem em suas demarcações, pensando o que deve ser ensinado nas escolas. Quais enunciações coletivas estão sendo impostas para nós da comunidade escolar? E será que atende as multiplicidades da vida? Pois Deleuze nos traz uma imagem interessante (Deleuze, 2014, p. 46): “há um agenciamento [35] coletivo de enunciação, um agenciamento maquínico de desejo, um no outro, e ligados num prodigioso fora que faz multiplicidade de toda maneira”. Estamos provocando na ordem dos agenciamentos desejos muito diversos que devem estar atentos às perguntas corretas para pensar uma possível falência da educação formal, se realmente ela estiver condenada.

E nessa elaboração de experiências, de leituras, de agenciamentos e de questionamentos, uma coisa é clara: tendo como base a historicidade, as interferências políticas e ideológicas de viés retrógrado, as práticas educacionais devem ir por caminhos a “abraçar mudanças”, em direção a atender experiências amplas. É urgente que o ensino deva

mudar, mas temos que tomar cuidado em declarar o ensino falido. Tenho comigo muito a imagem da palavra “subjugada”, como sinal definidor de muito do que vem dando errado na educação formal. A multiplicidade cultural existe e é evidente, mas existem forças que querem estabelecer um modo somente de conduzir a educação, bell hooks nos provoca a refletir sobre o ensino num mundo multicultural:

Apesar de o multiculturalismo estar atualmente em foco em nossa sociedade, especialmente na educação, não há, nem de longe, discussões práticas suficientes acerca de como o contexto da sala de aula pode ser transformado de modo a fazer do aprendizado uma experiência de inclusão. Para que o esforço de respeitar e honrar a realidade social e a experiências de grupos não brancos possa refletir num processo pedagógico, nós, professores – em todos os níveis, do ensino fundamental à universidade –, temos de reconhecer que nosso estilo de ensino tem de mudar. Vamos encarar a realidade: a maioria de nós frequentamos escolas onde o estilo de ensino refletia a noção de uma única norma de pensamento e experiência, a qual éramos encorajados a crer que fosse universal. (Hooks, 2019, p.51)

Estamos neste momento diante de discursos pautados no lucro, não de uma mudança acentuada, mas de apropriação de narrativas que encaminham a educação formal para experiências fúnebres. Tais experiências podem levar à falência das escolas no sentido pleno do que foi ofertado para as crianças, jovens e adultos como modelo educacional a ser experienciado. A experiência empírica, me faz ficar atento ao outro, porque sem a força dos grupos progressistas e abertos aos “cantos” que nos fala Larrosa, iremos provavelmente sucumbir diante da pulsão de morte das alas conservadoras ou neoconservadoras desse país. E dos neoliberais com suas empresas cada vez mais famintas por dinheiro.

Na última semana as informações que chegam são claramente de desprezo com as artes e o ensino dentro do cenário de educação formal, em que se tem a intenção de diminuir as aulas de artes no ensino fundamental e médio no Estado de São Paulo. Como não bastasse todos problemas na educação e nas escolas, se soma mais esse absurdo, de algo que deveria ser vital para a formação e o acesso de crianças e jovens, que é a experiência com as artes e seus processos de aprendizado, criação, leitura, apreciação, expansão de conhecimentos e interação com o outro e com o mundo. As artes promovem uma rede em processos educativos, transformadores e de transgressões que aumentam as percepções sobre a vida e nossa sensibilidade para tudo que faz parte da manutenção da existência.

E diante da tribulação ou tempestade anunciada fazemos o que com as pessoas que não acham as artes importantes? Resposta simples: o enfrentamento, pois é através da imagem ofertada, que podemos transmutar em obra os saberes, a crítica aquilo que não se supõe do conhecimento ou que é ignorado. Pegando como exemplo os conhecimentos de Kyudô que

trazem os “princípios subjacentes” e sua compreensão que vai além do aprendizado das técnicas e está implícito nos ensinamentos, no percurso contínuo do aprendizado. E para mirar e esmiuçar uma imagem, modificando-a em arte, temos que exercitar nossa experiência pretérita, memória e trajetórias de ensino que são inerentes à vida. Uma obra nasce de percepções artísticas e anotações em um movimento de atividades humanas variáveis, como revela Cecília Almeida Salles:

O momento em que a tempestade sobre a plantação transforma-se em um navio sobre ondas de centeio parece ser o registro de um instante sensível em que se vislumbra uma possibilidade de obra, isto é, uma possível obra é indiciada. É o momento de descoberta, instante na corrente contínua do processo. Assim surgem, muitas vezes, essas anotações, aparentemente necessárias, que acolhem possibilidades de obras. (Salles, 2010, p.23)

Para uma pesquisa que pretende construir um percurso: a experiência, a diversidade, se relacionam com a possibilidade de acesso às linguagens artísticas e tecnológicas que constroem conhecimentos múltiplos, isso em um contexto educacional, de oferta de aulas que sejam distintas em linguagens, conteúdos, estimulando autonomia, trabalho coletivo, criações múltiplas e imaginação que é um elemento de resistência para pessoas em situação de vulnerabilidade como escreveu bell hooks, “A imaginação é uma das formas mais poderosas de resistência que pessoas oprimidas e exploradas podem usar e usam” (HOOKS, 2020, p.105). Para evidenciar a centralidade que as artes deveriam ter na educação formal e não formal, trago como ponte reflexiva o que a profa. Lucila Trangtenberg apresentou durante suas aulas, como devemos olhar para tudo, para as singularidades e diferenças. A percepção ecológica, referência dada em aula do trabalho do psicólogo James Gibson e seus conceitos de considerar os contornos, as cores, as formas das coisas diante dos estímulos informativos ou, como diz Lucila, através dos conceitos de “*affordances*”⁹. Considerando as relações de reciprocidade, significados e uma compreensão dos processos e de sistemas perceptivos que nos ajudem a organizar informações selecionando-as em constante movimento e em contato com alguma coisa.

As aulas de Lucila foram trocas que se comunicam com as complexidades do contemporâneo, e podem ser utilizadas na pesquisa acadêmica, mas também no campo de

⁹ Sobre os conceitos de “*affordances*” buscar no autor GIBSON, James Jerome. The ecological approach to visual perception. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 1979. Recomendo também o ensaio “PERCEPÇÃO E MEMÓRIA NOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO ARTÍSTICA” de Lucila Tragtenberg / PUC-SP / UNESP e Rogério Rauber /UNESP, que fez do In Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas, 26º, 2017, Campinas. Anais do 26º Encontro da Anpap. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, entre 25 e 29 de setembro de 2017. p.4136-4147.

atuação e mediação cultural, educacional e artística. Venho usando as marcas dessas aulas em minha atuação profissional nas Fábricas. Embarcamos em um navio durante o semestre cheio de referências, detalhes, de estranhamentos, de percepções daquilo que costumamos passar por cima porque queremos respostas mais prontas e rápidas. Devolutivas que a cada dia achamos mais práticas, e que em muitos instantes nos deixam apenas com a compreensão da superfície e não oferecem mergulhos. Como fala Gibson através do artigo de Lucila, temos que melhorar a “sintonização”, utilizando entre outros instrumentos, o aspecto da “educação da atenção”, das infindas trilhas de estudos e de ensino-aprendizagens experimentais que estejam organizados.

UMA CARTA AS MESTRAS E AOS MESTRES COM ATENÇÃO

Os poderosos não cessam de promover a liberdade, mas como poderiam dar aos subalternos algo que eles mesmos não conhecem? Paradoxo: aquele que amarra está tão amarrado quanto aquele em quem as cordas estão trançadas.

Paul B. Preciado

São Bernardo do Campo, 01 de março de 2025

Queridas educadoras e educadores,

É com grande satisfação ou talvez com pesar que lhes escrevo essas palavras que fazem parte de uma breve reflexão, que se estabelece em uma gangorra. Acredito em continuar bravamente somando às narrativas humanistas sem esmorecer diante do fascismo, e da falta de conversação que nos deparamos cotidianamente. Isso sem deixar de lado o pessimismo por verificar forças tão absurdas crescendo, em diferentes partes do nosso planeta que irá colapsar. Os povos originários estão dando essa letra faz tempo, e poetas também, caras educadoras e educadores. Ontem sai de casa com o diálogo no corpo do texto lido, no qual Walter Mignolo e Rolando Vasquez trocam ideias sobre as discussões decoloniais no âmbito educativo. E tentam estabelecer quais relações humanas são necessárias reestabelecer no campo dos saberes.

Como podemos traçar um plano efetivo onde discutamos em todas as esferas sociais, artísticas e educacionais os programas, os conhecimentos, as epistemologias que foram criadas pelo colonizador, e que fazem parte de uma tessitura social muito complexa que

envolve inclusive, a institucionalização das universidades? É algo tão sério, que a pergunta que me fica é: pensar como o poder colonial nos manejou e nos conduz atualmente? Questão essa que se desdobra, o que significa conhecer e aprender? Em um mundo onde os valores de consumo e neoliberais tomam conta de tudo, inclusive dos espaços educacionais com programas escusos, que aumentam a visão individualista, do discente e exigem um desempenho pautado nos parâmetros capitalistas modernos e a cada dia mais afunilados.

Enquanto penso na construção de saberes decoloniais, que se estendam em ações para pensar e fazer melhor a vida, lembro que com a poesia pude provocar reflexões e traçar experiências pautadas no “senti-pensar”, e buscar estéticas para ir identificando as emoções que foram incorporadas pelas vozes que se inseriram através dos colonizadores. Numa educação que se incomoda com as novas perspectivas educacionais, educadoras e educadores, será que a universidade irá em algum momento realizar aulas no morro do alemão ou no Capão, sobre estéticas decoloniais durante um semestre? E ter aula sobre essas estéticas com os jovens e pessoas atuantes desses morros?

Desconfio que os artistas, arte-educadores e agentes culturais ou trabalhadores da cultura são essenciais nessa decolonização das emoções e do pensamento, para ações efetivas onde territórios possam se desenvolverem e diminuir as desigualdades tão evidentes em qualquer periferia. E também o poder dos livros em equivalência com os processos educacionais, que devem permitir identificarmos as vulnerabilidades e a violência histórica vivida pelos diferentes povos. Penso que esse deva ser o ponto de partida, de todo pensamento decolonial.

Aqui faço uma pausa dos pontos acima, pois desejo agora, queridas educadoras e educadores, trazer um fato que evidencia o meu pesar inicial como possibilidade textual. Ontem em uma formação, mediada por um poeta de *slam*, ouvi um relato que me fez realmente ficar pensativo sobre os percursos da decoloniedade. O poeta me relatou que estava em um outro país que prefiro não citar o nome, acompanhando uma poeta declaradamente pertencente às causas de luta dos movimentos LGBTQIAPN+, em um espaço voltado a recitação de poemas. Local em que se esperava ouvir a palavra poética, a performance, tinham senhores muito sérios vestidos de maneira social, aqui reflito sobre um espaço de sarau: nosso imaginário sempre é precário. Pois bem, aqui tomo a liberdade de ser o mais breve e digressivo, para chegar no cerne da questão, que me deixa apático. O caro amigo das letras, me disse: quando a poeta terminou de recitar seu poema feminista, que abrangia a luta das mulheres no Brasil e as lutas referentes as questões de gênero, foi chamada de maneira impositiva pelos poetas, dizendo a ela que não deveria falar desses temas, pois era proibido

naquele núcleo de pessoas. E diante disso caras mestras e mestres, que tanto respeito e admiro, chego à premissa: a conversação é uma das experiências humanas fundamentais, sem ela o caminho do fascismo, da intolerância se faz nas imposições diversas presentes em muitos países ao redor do mundo.

Fico aqui rodeado de livros, reflexões e de possibilidades de linguagens que querem conversar sobre a vida humana. E esperando o dia seguinte para recuperar as forças!

E como escrever poesia me acalenta e me faz confiar nas palavras que abrem frestas coloco aqui um poema de meu livro chamado: “O cão com ornamentos delicados”¹⁰.

A pedagogia do poema

Escrever me dá esperança
de comunhão, não a tola,
de busca capital
mas a de mergulho/húmus

intuo no nado a emersão
com minha cabeça que é madeira
onde se retalha a palavra,
a tua generosidade transgressiva

Um abraço para vocês educadoras e educadores que tanto estimo!

E vós lembro o poeta Salomão: “A memória é uma ilha de edição”.

E falar quem sou? É um movimento e reflexão constante de tudo que me alicerça e que perdura enquanto respiro.

PARA TODAS E TODOS QUE QUEIRAM RESPONDER A ESTA CARTA DEIXO MEU E-MAIL, SERÁ UM PRAZER RECEBER DEVOLUTIVAS E CONTINUAR POSSÍVEIS DIÁLOGOS.

e-mail: marcelosiltorres03@gmail.com

¹⁰ (TORRES, 2024, p.50).

M.T

“Os livros são objetos transcendentos
Mas podemos amá-los do amor tátil
Que votamos aos maços de cigarro
Domá-los, cultivá-los em aquários, ...”

Caetano Veloso

“Escondidas no silêncio da biblioteca,
mascaradas pela escura monotonia das capas,
todas as palavras estavam lá, esperando que eu
as decifrasse. Eu sonhava me enfurnar naqueles
corredores poeirentos, e nunca mais voltar.”

Simone de Beauvoir

Para falar de amigos bastante singulares, digo que eles vêm de múltiplas épocas, são de todas as idades, abordaram diferentes temas e existem para além dos países de origem. São dentro do que acredito, seres transcendentos, atemporais, vasculham em seus dizeres acontecimentos, sejam eles reais ou fictícios perante a efemeridade de cada pessoa. Chego aos 40 anos, e meu sentimento em relação aos livros é de paixão que se renova a cada livro aberto e lido. Ao terminar a leitura de um livro, partilho um acordo com cada autora ou autor. Passo a carregar comigo conteúdos e a possibilidade da metamorfose das ideias e do ser. Um ponto de partida atualizado para novos encontros que virão através das companhias de páginas inteiras.

Não poderia traçar qualquer trilha, sem as leituras que fazem parte de minha formação e de meu modo de estar no mundo. No decorrer dos últimos anos minha casa-biblioteca está sendo ocupada com convidadas e convidados que de tão próximos, sinto que de algum modo estavam apenas aguardando o momento mais propício para adentrar e se ajeitarem em seu devido espaço. Com o curso dos acontecimentos, de contato com a arte-educação e o exercício contínuo da prática como gestor, artista e mediador se faz latente as leituras, os fluxos diferentes e as literaturas para manejar a experiência educacional, artística e cultural de

suma importância que é a leitura que nos forma e nos transforma constantemente. Acredito no conhecimento que perdura e abre frestas, confluências, e que não conduz a um “ressecamento”, palavra essa retirada de Guattari, falando de psicanalistas que se entrincheiram em só foco. Pegando emprestado essa reflexão, os bons livros invocam forças e responsabilidades para um engajamento que nunca é neutro e por não ser neutro, modifica os campos estéticos em que atuamos. Pois a permeabilidade de nossa psiquê permite ver o mundo de forma mais alargada. No livro: *As três ecologias*, Félix Guattari fala:

Invocando paradigmas éticos, gostaria principalmente de sublinhar a responsabilidade e o necessário “engajamento” não somente dos operadores “psi”, mas de todos aqueles que estão em posição de intervir nas instâncias psíquicas individuais e coletivas (através da educação, saúde, cultura, esporte, arte, mídia, moda etc.). É eticamente insustentável se abrigar, como tão frequentemente fazem tais operadores, atrás de uma neutralidade transferencial pretensamente fundada sobre um controle do inconsciente e um *corpus* científico. De fato, o conjunto dos campos “psi” se instaura no prolongamento e em interface aos campos estéticos. (Guattari, 2009, p. 21)

As bibliotecas e espaços de leitura coletivo ou individuais são fundamentais para se encontrar com esses companheiros que carregam palavras de múltiplas pessoas, os livros. E quando indico espaços penso em todas as localidades de leitura, um livro-encontro pode estar em um espaço público institucionalizado para leitura ou não, mas a experiência da leitura pode acontecer em qualquer lugar. Praças, ônibus, quartos, presídios, escolas, quintais iluminados, são possibilidades de convívio com os livros e a leitura de modo geral. Os livros nos consolam de muitas lacunas, mesmo às vezes trazendo sentimentos, reflexões inconvenientes, e trazem isso porque são vivos, realizada da substância humana. O livro é a companhia que pode nos surpreender ou afastar uma ideia desagradável, ou afundá-la mais dentro de nós. Por isso também o livro é fascinante, apossa-se do momento para ofertar uma potência que nunca é a mesmice mecânica e programada ou dissimulada dos algoritmos. O objeto do livro é demasiado humano.

A estadia com um livro tem que ser como as conversações com as pessoas, as leituras que fazemos do mundo. As observações daquilo que nos forma e faz entrar em contato com os acontecimentos, como quando transitamos em ruas e avenidas ávidos de apreender o que nos circunda. Uma das coisas mais destacáveis para falar dos livros e das leituras é notar que eles mostram o pulsar da vida, visto que com ambos pela casa, na mochila, nas mãos pelos trajetos me evidenciam o batimento cardíaco de cada coisa do cotidiano. Então falar do prazer da leitura é considerar uma infinidade de óticas, lembrando que meu contexto é de um adulto criado em área urbana periférica e industrial. Dado que suponho, e faço isso pela leitura, que

se tivesse tido a experiência de uma comunidade contadora de histórias isso poderia ter tomado outras veredas. Os quilombos, as etnias indígenas por exemplo realizam pela oralidade uma diversidade de contações histórias que abordam todos os contextos reais e de crenças do contexto onde estão inseridos. Mas retomando a minha experiência, gosto do que o José Mindlin fala em um texto chamado “LOUCURA MANSA”, do prazer que o livro pode trazer:

O prazer que o livro pode trazer tem múltiplos aspectos. O primeiro, fundamental, que é óbvio, mas muita gente não se dá conta disso, é o da leitura, através da qual se estabelece um contato com o mundo exterior que abre, para o leitor, horizontes ilimitados. O livro informa, distrai, enriquece o espírito, põe a imaginação em movimento, provoca tanto reflexão como emoção, é enfim, um grande companheiro. Companheiro ideal, aliás, pois está sempre à disposição, não cria problemas, não se ofende quando é esquecido, e se deixa retomar sem histórias, a qualquer hora do dia ou da noite que o leitor deseja. (Mindlin, 2004, p. 15)

Posto um recorte sobre o prazer de ter entorno livros e a leitura para pensar os assentamentos artísticos, culturais, educacionais e os rios criativos dos ensinamentos não formais de artes e tecnologias criativas, esse dizeres acima se fizeram parte desse corpo para sintetizar as leituras que me colocam em constante contato a arte-educação e o desejo horizontal de conversações e experiências de formação e de busca de partilhas generosas onde o conhecimento seja crítico e prazeroso. Rigoroso com as ações vitais que abastecem crianças, jovens e adultos de acessos como o encontro com os livros e a profundidade das leituras.

Para discorrer sobre as leituras que compõem as reflexões sobre arte-educação e processos de ensino e aprendizagem pautados na diversidade, experiência, dou destaque a bell hooks. Algumas características da autora passaram a nortear a organização dos artigos, ensaios e livros lidos no intento de trazer referências e conteúdos múltiplos que conversam com os caminhos de novos tipos de educar e práticas realmente inclusivas. A autora em três de seus livros que compuseram minhas leituras, traz uma pessoa inquietante de grande intelectualidade, acessível em seu pensar e sofisticada em seus pensamentos sobre a educação, a criticidade pautada no diálogo, como bell teve com Paulo Freire, um dos grandes intelectuais da educação formal do mundo reluz em suas palavras desse encontro por ser pautado na reflexão, na crítica e na amorosidade.

Nas obras que acessei “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade”, “Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança” e “Ensinando pensamento

crítico: sabedoria prática”¹¹, pude ser tocado de forma veemente e altamente amorosa pela autora. A todo momento bell está propondo repensar as práticas de ensino e de como dialogamos com a diversidade e lutamos contra o racismo, o sexismo, o machismo, os paradigmas de dominação e quais relações temos que ser estimulados de criarmos, elaborando condições de igualdade entre professores e estudantes. Igualdade permeada pela descolonização, engajamento, compromisso ético e da busca de um ambiente favorável para a experimentação e os conhecimentos partilhados entre docentes e discentes.

E quando me ponho a pensar a pedagogia só existe um percurso corrente como um rio, se perdura uma prática da liberdade educativa, responsável com os discentes ou aprendizes e fortalecida por pessoas que desejam partilhar potencialidades em prol do estímulo de criações, poéticas e movimentos que considerem as experiências de cada indivíduo envolvido com a interculturalidade em lugares culturais, educacionais e artísticos. Procurar o crescimento de todos deve ser um dos compromissos adotados por qualquer processo de aprendizado, bell hooks sobre os elementos acima nos diz no livro *Ensinando a transgredir*:

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. Esse fortalecimento não ocorrerá se nos recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajamos os alunos a correr riscos. (Hooks, 2019, p. 35)

No enfatizar a importância dessas obras de bell hooks no meu percurso de pesquisador e leitor, desloco a referência para o campo dos saberes que possam estimular modos de ensino que envolvam a todas e todos. Não é possível ler os textos citados sem dimensionar a inclusão em sua totalidade, considerando o espírito de comunidade, resgatando memórias, pensando em tudo que deve passar pelo diálogo de formação. A inclusão tem estudos bastante completos e provocadores do ponto de vista institucional, social e de pedagogias de encruzilhadas, pois está relacionada com a luta. A luta pelo direito à vida e o acesso à educação, cultura, artes, saúde e o mais importante, que cada um possa ter ferramentas para ser o que deseja, desde que não esteja ancorado em discriminações, preconceitos, violências que diminuam a vitalidade das diversas formas de existir nesse planeta. E refletindo sobre bell, digo inclusive de todos os seres do meio ambiente e suas vidas invisíveis para pessoas

¹¹ Os livros: “Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade”, “Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança” e “Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática” fazem parte das traduções que no Brasil são conhecidas como uma trilogia do ensino de bell hooks.

distraídas pelo consumo, a vontade de poder e de ganhar dinheiro como as principais motivações existenciais. Aqui tomo a liberdade de exercer meu pensamento crítico desenvolvido pelas leituras de cada capítulo das obras de bell hooks.

Resgato aqui também o que dizia Paulo Freire entender a vida “como processo, como vir a ser...”. Na leitura de “Ensinando a transgredir”, pude estabelecer que se tivermos uma mudança intercultural e decolonial podemos energizar as crianças, jovens e adultos a uma revolução de valores, no qual a mudança seja o radar das experiências de aprendizado colaborativas. Sabendo dos desafios inerentes a qualquer revolução que enfrente o patriarcado capitalista e branco. Bell fala sobre o poder da amizade, citando um amigo branco do colegial, porque através da integralidade desse laço, pode entender, que precisaria de palavras que questionassem esse sistema excludente. E para tanto sabia que esse vínculo com outra pessoa, podia ultrapassar obstáculos, conflitos e dores através de uma profunda mudança de como estar diante da experiência, e enfrentar problemas essenciais de nossa sociedade como o racismo, nesse sentido bell escreve:

Nossa amizade de colegial não se formara porque ele era branco e eu, negra, mas porque víamos a realidade do mesmo modo. A diferença racial nos obrigava a lutar para fazer valer a integridade daquele vínculo. Não tínhamos ilusões. Sabíamos que haveria obstáculos, conflito e dor.

No patriarcado capitalista da supremacia branca – palavras que nunca usamos na época -, sabíamos que teríamos de pagar um preço por aquela amizade, que teríamos de ter coragem para defender nossa crença na democracia, na justiça racial, no poder transformador do amor. (Hooks ,2019, p. 40)

E no entrelaçamento dos textos que fazem parte do primeiro livro da trilogia de bell hooks com os outros dois livros “Ensinando a Comunidade e Ensinando Pensamento Crítico” fiz e faço o constante exercício de sintonizar os atributos de cada capítulo que a educadora e pensadora reflete, de modo diverso e sempre em conjunto, nunca só. A cada capítulo dos livros de bell hooks, “Ensinando Comunidade: Uma Pedagogia da Esperança” e "Ensinando Pensamento Crítico: Sabedoria Prática", mergulhei de um jeito curioso para relacionar as reflexões sobre educação, pedagogias, relações decoloniais e formação transgressiva, tendo como lugar de atuação o ensino não formal em uma instituição de artes. Em "Ensinando Comunidade", bell explora como podemos criar espaços de aprendizado que promovam a conexão, a solidariedade entre estudantes e professores. Ela enfatiza a importância de uma educação que não apenas transmite conhecimento, mas que também nutra o senso de comunidade. E nisso penso nos territórios, no acolhimento e no pertencimento das pessoas

que se relacionam com as artes, especialmente entre as pessoas em situação de vulnerabilidade social e dissidentes.

Em “Ensinando Pensamento Crítico”, bell se concentra na importância de desenvolver nos discentes o pensamento crítico através de práticas pedagógicas que conversam com a obra de Paulo Freire redimensionando práticas de ensino libertárias com o apoio de uma comunidade de aprendizagem, onde todos sejam envolvidos e tenham a igualdade como lugar de agir no mundo. Bell nesse intento no livro “Pensamento Crítico” entre numerosos exemplos de aprofundar as relações, tem um que me gera a provocação de como podemos atrair a comunidade pela palavra, escuta, intimidade, e nisso penso no capítulo sobre a importância de contar histórias e da contextualização quando se está a dizer algo que queira compartilhar na escrita, ou no diálogo, ou nas trocas coletivas em sala de aula. As histórias como aponta bell hooks encantam:

Histórias encantam e seduzem devido a sua mágica multidimensionalidade.

Eu já contei muitas histórias sobre minha infância, escrevendo memórias, teoria feminina ou textos sobre raça e classe. Já usei fragmentos – e, às vezes, pedaços grandes – de memórias como catalisadores para artigos críticos, crítica cultural e livros infantis. Em relação a todos os livros que publiquei, há leitores da minha família ansiosos para me lembrar que o que descrevi não aconteceu realmente ou não da forma como descrevi. Isso ocorre mesmo que eu tenha dito que não existe verdade absoluta, que todos nós acreditamos no que enxergamos a partir da nossa perspectiva, e que a perspectiva individual é sempre limitada.

Lembrar de histórias é uma ferramenta essencial para pensadores e escritores. Em vez de supor “penso, logo existo”, gosto de pensar que sou porque a história é. (Hooks, 2020, p. 90)

A educação que bell propõe, argumenta e quer capacitar os estudantes e professores a questionar e desafiar ideias convencionais, transgredir e esperar a vida considerando a multiplicidade. Educadores e instituições de ensino podem cultivar um ambiente de aprendizado que estimule não apenas a competição, mas também a reflexão viva, palpitante e o pensamento crítico sobre os problemas sociais e políticos. Essas três obras citadas acima de bell hooks são fundamentais para repensar o papel da educação na transformação social e na construção de um futuro no qual possamos enfrentar a desigualdade e pensar a experiência com o outro e o meio ambiente, fomentando um ensino como prática da liberdade.

Ler sempre é uma aventura. E muitos livros e textos me marcam e me seguem ao longo dos anos, como coisa presente, no texto anterior dei ênfase em três leituras que passaram a estar comigo e modificaram a minha atuação na área cultural e artística. Um leitor

tem em sua mente, uma diversidade enorme de autoras e autores no seu radar e na incorporação progressiva, visto que a cada dia é uma nova página ou páginas que se apresentam diante de seus olhos. E no engendramento de construção de conhecimento tudo é importante na leitura.

Estar no mundo vivendo é imprescindível para um bom leitor, desde as coisas miúdas como andar pelo bairro, ir a um jogo de futebol, tomar um café no quintal, ir ao teatro, a exposições, a apresentação de formaturas, a praia aos finais de semana. E digo miudezas não no sentido literal que parece que estou falando de coisas de pouca importância, uso aqui o grifo, para se referir a “coisas miúdas”, porque são na verdade os contentamentos efêmeros que dão sentido aos acontecimentos. As leituras só me comovem e fazem pensar criticamente e dão gana de buscar um mundo melhor pela educação, cultura e artes pelo motivo de ela em si, está sedimentada nesse viver no mundo.

Quando decidi me entranhar na arte-educação para pensar minha atuação e uni-la as criações, poéticas e uma variedades de pensadoras, pensadores, escritoras e escritores, pessoas de saberes e lutas humanas, tive que organizar as leituras pensando na equidade como lugar de conversa com esses textos que contam também a minha história, pois me transformam intelectualmente e constantemente para cada atividade e ação que tenho em minha vida. Descubro nos textos uma casa múltipla onde posso promover a intimidade reflexiva e onírica de pensar uma vida repleta de diversidade, um refúgio como uma cabana do conhecimento que se metamorfoseia em um local onde cada pessoa pudesse, abrir a paisagem de suas imagens, criar, vivenciar e aprender com segurança. Aqui trago uma pequena digressão relacionando o que li em Gaston Bachelard, no livro “A poética do espaço”, em que o autor fala sobre buscar uma casa múltipla refletindo sobre poéticas ligadas ao sentido da cabana. Bachelard escreve:

Inicialmente, é preciso procurar, na casa múltipla, centros de simplicidade. Como diz Baudelaire: num palácio “não há um cantinho para intimidade”.

Mas a simplicidade, por vezes gabada de forma excessivamente racional, não é uma fonte muito potente de onirismo. É preciso chegar à primitividade do refúgio. E, para além das situações vividas, cumpre descobrir situações sonhadas. Para além das lembranças positivas que são material para uma psicologia positiva, é preciso reabrir o campo das imagens primitivas que talvez tenham sido os centros de fixação das lembranças que permaneceram na memória.

Pode-se demonstrar as primitividades imaginárias mesmo a respeito desse ser sólido na memória que é a casa natal.

Por exemplo, na sua própria casa, na sala familiar, um sonhador de refúgio sonha sua cabana, com o ninho, com os cantos onde gostaria de se encolher como um animal em sua toca. Vive assim em uma além das imagens humanas. (Bachelard, 1989, p. 47)

Essa cabana, que Bachelard reflete sobre aspectos do refúgio, do recinto de confluências e demonstra as primitividades imaginárias, é a metáfora que me apego para fazer do lugar de minha intimidade, a cabana que desvendo e penso as leituras que tive e que tenho como abrigo para organizar o conhecimento, performar no meu trabalho, nos meus estudos e nas minhas criações artísticas. E nesses sinônimos para lugar de grande intimidade que formatei para minhas reflexões, estudos, descobertas e me agarrei em diversos textos que sonham um mundo melhor e questionam esse mundo existente. Passei os últimos anos por dezenas de livros, artigos, ensaios que aparecem nas minhas memórias, na minha apreensão do mundo e no pensar essa assimilação dos dizeres de várias vozes, tonalidades, cores e temas. Já que cada território que adentramos já existia algo, o território da leitura e dos textos também é assim, ele sempre está precedido de algo através de compartilhamentos, é como li no livro “a terra dá, a terra quer”, de Antônio Bispo dos Santos¹²:

Quando cheguei ao território em que estou hoje, já existiam outros compartilhantes que nos recepcionaram. Na caatinga, os umbuzeiros, nos recepcionaram. Eles compartilharam seus frutos, suas folhas e suas raízes quando chegamos, e não trouxemos nada para os umbuzeiros. Eles já eram nativos daqui, viemos habitar esta terra depois deles. Foi assim com os pássaros, foi assim com uma planta chamada pinhão – que não é o pinhão manso, é um pinhão cuidado por nós, ditos humanos, que as juritis adoram. Elas comem esses pinhões e, vez por outra, pegamos uma juriti. O pinhão compartilha com a juriti, a juriti, compartilha conosco, e nós vamos compartilhar de novo com o pinhão. Agora que já estamos aqui há mais tempo, entramos também no ciclo local de compartilhamento. (Santos, 2023, p. 36)

As leituras à sombra dos interesses vão se unindo à pesquisa, a formação continuada que se dá no percurso da vida e não somente profissional. Estudo, leio, reflito criticamente para ter energias plurais para decisões e organizações das ideias, das conversações do meu tempo, do meu passado, da adesão das complexidades históricas, as transições fundamentais das lutas de agora. Como as lutas de equidade, de inclusão que abarcam as crianças, os jovens e os adultos, desde a mais tenra idade, aos idosos de longa vida, como as pessoas com mais de 100 anos de idade. No existir vamos condensando partes que na minha experiência se evidenciaram com os textos e os aprendizados contidos em seus parágrafos. Aliás isso é bom citar, as vezes apenas um parágrafo consegue nos colocar na mais profunda reflexão de algo.

¹² “Antônio Bispo dos Santos nasceu em 1959 no vale do rio Berlengas, Piauí. Lavrador, formou-se com os saberes de mestras e mestres do Quilombo Saco Curtume, no município de São João do Piauí, e foi o primeiro de sua família a ser alfabetizado. Desde cedo, foi incumbido de desenvolver a habilidade de traduzir para a escrita a sabedoria de seu povo e mediar as relações com o Estado, cuja violência se manifesta, também, pela invalidação da oralidade. Como liderança, atuou na Coordenação estadual das Comunidades Quilombolas do Piauí (Cecoq/PI) e na Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq).” (SANTOS, 2023, p 107).

Como pensamos em por exemplo em virtude, que está intimamente relacionada a moral e como já pensaram algumas grandes personalidades como Kant entre moral e felicidade tem um enorme abismo.

E como já disse Byung-Chul Han, no livro “Bom entretenimento”, sobre a virtude que ela não representa uma “grandeza absoluta que se situaria além de toda bem-aventurança...”, porque como o Byung-Chul¹³ aponta: “A vida feliz é a vida que também conhece a virtude como possibilidade de conseguir a felicidade”. É nesse sentido a virtude como componente de uma composição de uma diversidade formativa nas transições existenciais dos acontecimentos educativos, culturais, artísticos e de qualquer prática de partilha. Ensinar, aprender são autênticos atos de resistir e de existir para pensar uma educação ou uma vida mais plena com menos distanciamento do outro e do meio ambiente que coabitam com seres que nem imaginamos que existam, mas que supomos muitas vezes pela curiosidade despertada na experiência com o mundo e suas particularidades. E nos meus encontros pelas trilhas das leituras inquietas que elucidam mundos invisíveis, que não existem para quem está somente a olhar a superfície.

As transições que as leituras engendram continuam constantemente provocando abalos semânticos e epistemológicos, ocasionando percepções estendidas. Transicionar exige tempo, cuidado, gingas, afetos, lutas históricas entre outros desafios esplêndidos, cada livro, artigo, ensaio lido no contexto de estudos, transformam gradualmente e não repentinamente algo em mim e fora de mim. Sempre tive comigo: as leituras me conduzem para um porvir, concreto e convidativo, no qual o sujeito metamorfoseado se estabelecerá enquanto encontrar-se interessado e provocado pela vida. Esse sujeito está aberto a lidar com as tecnologias e os algoritmos que capturam numericamente a totalidade da experiência com o interesse de controle, e como questionamos esses abalos. E atraímos a ancestralidade para a roda e dançamos entre digitalizações e cirandas.

Aqui nestes textos sobre as leituras vou tecendo um varal de páginas e fios que ao lado e aliado aos conhecimentos criam os acontecimentos de impacto na formação. Os textos aqui esquadriharam minhas lacunas, apresentam as falhas e percursos não sondados, diagnóstica perante as transições, volatiza o meu olhar através de epistemologias, desloca o pensamento homogêneo, carrega imagens decoloniais avantajadas pelas palavras para esburacar os modelos dominantes. Desvendo nas imagens da literatura, da filosofia, da cultura, da educação, do teatro, da antropologia, da poesia e todas as linguagens acessadas pela oralidade

¹³ (HAN, 2019, p.101).

e escritas, aquilo que é do jogo dos textos; todo texto joga, com o claro e o escuro, o comunicado e o que está atrás das cortinas para ser ou não elucidado. Sempre terá o não dito, nenhum texto dá conta da completude, por isso avancemos na humanidade, nos afetos, na capacidade de pensar e elaborar melhores experiências para nós e nas comunidades em geral.

E nessas eras que se intercalam problemas gravíssimos, como conduzir as leituras para ações não cooptadas pelo capital? e o pensar de uma única maneira, sem a polarização cretina e fascista dos últimos anos. Como diz Ailton Krenak, a questão é “não é só como adiar o fim do mundo”, mas como atuamos transfigurando os territórios e as políticas públicas de acesso as artes e tecnologias em formatos que respeitem a pluralidade, a diversidade. Penso em como recuperar sentidos, para integrar pessoas, experimentar poéticas e reinventar linguagens que não excluem absolutamente nenhum ser e elemento da natureza. Acabar como Krenak fala com “os birutas que celebram a necropolítica”. Sobre essa indispensabilidade Ailton Krenak nos chama para pensarmos juntos ao que traz Nêgo Bispo:

No entanto, efetivamente, estamos atuando no sentido de uma transfiguração, desejando aquilo que o Nêgo Bispo chama de confluências, e não essa exorbitante euforia da monocultura, que reúne os birutas que celebram a necropolítica sobre a vida plural dos povos deste planeta. Ao contrário do que estão fazendo, *confluências* evoca um contexto de mundos diversos que podem se afetar. É um termo talhado de maneira artesanal e local, por um homem quilombola, um brilhante pensador marginal neste universo colonial, um crítico sempre tranquilo e bem-humorado das tendências políticas.

Já a *convergência* política foi tema na América do Sul nos últimos quarenta ou cinquenta anos. Abraça ideias como a de que o peronismo argentino podia se fundir em uma política moderna, de que o Brasil ia conseguir juntar uma espécie de trabalhismo com o capitalismo e produzir uma nova experiência de gestão política neoliberal que substituísse o colonialismo... Pois Nêgo Bispo escapa dessa gramática dizendo que o que interessa a ele são as confluências, sendo ao mesmo tempo, capaz de elaborar uma crítica que as articula a convergências e divergências. Sem negar os eventos políticos nem querer escapar do sentido histórico das coisas, ele diz que não precisamos ficar subordinados a essa mesma lógica e procura animar uma perspectiva em que as confluências não dão conta de tudo, mas abrem possibilidades para outros mundos. (Krenak, 2022, p. 40 a p. 42)

Se considerarmos a leitura como um diálogo, respeitando as singularidades de cada um e o projeto coletivo comum de uma humanidade mais diversa. Acredito que tudo que acarreta alterações abundantes para pedagogias democratizantes, são conteúdos para práticas de mudanças que não sejam como de uma casa para outra, que não tem tempo de crítica, mas como as leituras que transicionam em ritmos variados, acolhedores das dores, dos conflitos, das memórias, da alegria do brincar, do falar com a outra pessoa, do partilhar e invocar o maravilhamento de muitas coisas que já estão aqui e não vemos e sugerem apuração das leituras factíveis. Aqui penso nas leituras que tive com o objeto texto em seus formatos

impressos variados, mas tendo plena consciência das leituras de outros modos de existência e resistência desse planeta. Um conjunto de animais silvestres ou plantas silvestres abarcam formatos maravilhosos de como lidar com as transições das estações, são atentas as suas singularidades.

Os textos escorrem nas leituras, são revoltosos e líquidos não como se situa na brevidade das relações. Essa liquidez superficial que não gera afetos, estudo um fluir onde reunindo leituras vamos se consubstanciando com a vida, para não se homogeneizar as condutas mecânicas, limitantes e executadas por medo de avançar, de lidar com o desvio. Quero as frestas, o barulho dos terreiros, o que contém a massa festiva da insubmissão, diante de repetições, de conhecimentos que não se inovam e não se deixam ganhar a sinuosidade de águas que nos fortalecem enquanto seres pensantes. É preciso colocar a normatividade em questão, como um poema, trabalhar na tarefa dos sentidos, dos significados, das imagens constituídas que duvidam das imposições, das ordens coloniais, dos formatos que privilegiam somente um grupo.

Não se encontra a fruição, na falta da rigorosidade do conhecimento, sendo trabalhoso e desafiador estarmos dia a dia desconstruindo os privilégios notáveis que a cada passo se evidenciam, carregando como marca a conduta colonial, elitista e agora neoliberal. Reunir leituras é beber dos líquidos que mais me agradam, principalmente leituras com corpos e almas atemporais. Nisso a poesia vem me educando para as multiplicidades de textos e a não romantização das práticas educativas, mas educando para a atenção das formações, das alegrias pequenas e vitais da trajetória humana. A poeta brasileira Hilda Hilst nos fala de uma dimensão que sempre parto, “É crua a vida.”, em um dos seus poemas sem nome, a poeta-educadora, chama-o assim porque ela foi uma das minhas educadoras, no campo da poesia, escreve:

a Jamil Snege

É crua a vida. Alça de tripa e metal.
Nela despenco: pedra mórula ferida.
É crua e dura a vida. Como um naco de víbora.
Como-a no livor da língua
Tinta, lavo-te os antebraços, Vida, lavo-me
No estreito-pouco
Do meu corpo, lavo as vigas dos ossos, minha vida
Tua unha plúmbea, meu casaco *rosso*.
E preambulamos de coturno pela rua

Rubras, góticas, altas de corpo e copos.
 A vida é crua. Faminta como o bico dos corvos.
 E pode ser tão generosa e mítica: arroio, lágrima
 Olho d'água, bebida. A vida é líquida.” (HILST, 2017, p. 470)

E conectado a essa crueza que a poeta Hilda escreve, crio uma alça axiomática de que reunir leituras é como uma roda de leitura compartilhada entre subjetividades mexidas pelos os fluxos mentais, físicos e existenciais. Sou um grande entusiasta das bibliotecas vivas e de suas práticas pedagógicas, de acolhimento e simultaneidade de relações efetivas, das programações e de acervos onde se identifica no primeiro contato a diversidade. E conforme se vai adentrando se apreende as camadas das leituras realizadas em diferentes atividades de fomento aos livros. Aqui na pesquisa, tenho comigo que estou em uma roda de leitura regular, silenciosa em meu estado de concretude, com múltiplas vozes, muitos livros e textos que embasam a reflexão e os acontecimentos a cada trecho da escrita. Ler incessantemente é um processo na minha estrada, escolhendo aqui a palavra “estrada” pensando na proximidade com a palavra viagem, um meio de me reconhecer perante a cada experiência encontrada e ofertada pelo acaso. Isso dimensiona a leitura da pesquisa em um círculo de prazer e não de angústia.

Pode-se perceber que reunir livros, textos, leituras, que vão surgindo pelas encruzilhadas, quebradas, ruas, bibliotecas, conversas que vão fazendo interferindo nos critérios de escolhas do que realmente irá acompanhar-nos de forma mais incrustada em nossa pele e em nossa práxis nos meios educacionais, artísticos e culturais. E nessa assimilação o exercício de se abrir criticamente, ter sempre as noções para transicionar aquilo que efetivamente as elites querem que não se altere. Existências essas burguesas, tacanhas e empobrecidas no sentido humano da valoração de todas as vidas e da pluralidade da linguagem e da herança cultural. Nós da educação e da cultura, trabalhadores, artistas temos que promover linguagens, leituras abertas, escuta em cada item que abarca a escrita de cada pessoa. Em minhas leituras vivas, puxo a atenção agora para essa produção textual mais ampla decolonial, que se refere aos modos plurais da linguagem e não somente a forma acadêmica que se instalou no ocidente ao longo da história.

As leituras em relevo estão falando sobre o racismo estrutural, a linguagem supostamente oficial e nesse lugar, reflito nas texturas do racismo contemporâneo. Das territorialidades, onde ele é presente sendo defendido com discursos tanto em linguagem, quanto em direitos através das hierarquias, representatividade, lugares de acesso aos

ambientes educacionais, de atendimento de serviços públicos de saúde entre outras relações evidentes e atuais. Grada Kilomba¹⁴ no livro “Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano”, refletindo sobre pertencimento de onde se vem? Pontua em sua escrita:

Nos racismos contemporâneos não há lugar para a “diferença”. Aqueles e aquelas que são “diferentes” permanecem perpetuamente incompatíveis com a nação; elas e eles nunca podem pertencer, de fato, pois são irreconciliavelmente *Ausländer*. “De onde você vem?”, “Por que você está aqui”, “Quando você pretende voltar”. Tais perguntas incorporam exatamente essa fantasia de incompatibilidade

À primeira vista, a ideia de superioridade não parece estar implícita nos novos racismos, apenas o pensamento inofensivo de que “nós não temos nada contra elas e eles, mas aquelas/es ‘diferentes’ têm seus próprios países para viver, e portanto devem retornar” pois “a presença delas/es é um distúrbio para a integridade nacional”. O racismo é então explicado em termos de “territorialidade”, supondo uma característica quase natural. (Kilomba, 2019, p. 113)

E nessa leitura de Grada Kilomba, ato essas reflexões aos territórios onde atuo na área da arte-educação, territórios com as marcas do racismo em várias frentes. E atando isso as linguagens existentes, puxo nessa reunião de livros e leituras aspectos da produção textual da Lélia Gonzalez. Que se afirmou em transcionalidades e encontrou uma autenticidade no uso das palavras e expressões populares que marcaram e marcam as lutas de liberdade de expressão e o que vem se debatendo recentemente sobre decoloniedade em grupos diversos e racismo estrutural. Lélia traz o “pretuguês” – termo segundo a autora presente nos africanos lusófonos. Na coleção Retratos do Brasil Negro o livro “Lélia Gonzalez” que aborda a vida da intelectual, ativista negra, feminista, professora, cita-se um dos notáveis dizeres em que Lélia Gonzalez discorre sobre abundância da língua portuguesa, os organizadores e criadores dessa escrita sobre a autora destacam:

Com sua performance pública, ela a um só tempo se inseriu no território discursivo e o construiu.

Praticamente na mesma época em que se envolveu com a psicanálise, Lélia ao adotar palavras e expressões populares – algumas de origem africana –, passou a usar o *pretuguês* –, termo segundo ela (1982, p.94), utilizado pelos africanos lusófonos. (Ratts; Rios, 2010, p. 72)

Com essas autoras e outras vozes de mulheres, venho também desconstruindo e remontando um novo vocabulário e criando intersecções de linguagens, que cabem num aprendizado que quer invenções e experimentações dialógicas nos processos, sejam de minha

¹⁴ Grada Kilomba é uma escritora, psicóloga, e artista interdisciplinar portuguesa reconhecida pelo seu trabalho que tem como foco o exame da memória, trauma, gênero, racismo e pós-colonialismo e está traduzido em várias línguas, publicado e encenado internacionalmente.

Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Grada_Kilomba

atuação em gestão cultural, no trabalho de pesquisador, ou na performance humana de rotina. Andar com livros na mão, acredito que num país com índices tão baixos de fomento à leitura é um posicionamento também. No metrô fico contente de ver outras pessoas com livros e textos nas mãos, na imagem que crio, acho-os seres que espero que estejam encantados pela experiência da leitura e levem isso adiante. E cada leitura as ideias se reorganizam, elas vão se emaranhando constituindo e reformulando o que sou, as leituras que faço pedem para ir à frente, sermos outras coisas, rever nossos pontos demarcados, nossos vários inícios e forçam a abrir parágrafos no qual achava que tinha um ponto final e uma conclusão.

Honestamente e diria poeticamente, os livros e as leituras têm sempre a dimensão do simbólico, conectado ao concreto e acima de tudo daquilo que estabelece a parte de desenvolvimento moderno da ação humana, a linguagem. Os livros viabilizam uma enorme variedade para tentar ser o que se discute no cenário educacional e artístico: o que é ser um indivíduo criativo? E rodeado desses objetos fantásticos, o livro, como são também outras coisas que se integram a vida e as relações, identifico inclusive as capacidades e habilidades que estão em meus acontecimentos e me provoço a entender cada vez mais o ofício das e dos arte-educadores. Para pensarmos nesse aspecto coletivo da criatividade e processos de criação em grupo reúno nessas leituras Cecilia Almeida Salles e Ana Mae Barbosa para cultivar em mim e nas minhas práticas-transicionais do pensamento artístico, educacional, a insubordinação diante de certo grau de conformismo.

Os livros e as leituras precisam ser tomados como importantes para as crianças e os jovens, relaciono isso ao que escreve Ana Mae em seu texto chamado “Criatividade: Ilusões, Realidades e Novas Oportunidades”, em que ela fecha pontuando sobre o ensino das artes:

Talvez a maior mensagem seja que precisamos olhar para as artes e torna-las mais relevantes para os jovens e para a sociedade em geral. Devemos pensar outra vez no conceito de *educação através das arte(s)*? Como podemos saber de que queremos realmente promover a criatividade nas escolas e oferecer oportunidades genuínas de desenvolvimento criativo?

Talvez o *slogan* da World Alliance for Arts education (Aliança Mundial Para Arte-educação) seja um aforismo cunhado por Michael Barber: “A criatividade não é apenas um produto da educação com qualidade, mas um meio para atingir qualidade na educação. Poderemos nós assinar isso?” (Barbosa, 2023, p. 37)

Essas pontes de textos são as insubordinações que quero próximas e incorporadas, as leituras vão se abeirando uma a uma e reformulando esse pensar a formação pautada na diversidade, nos acontecimentos criativos, coletivos, a refletir processos, fortalecer e defender o lugar do ensino da formação não formal das artes e das tecnologias que vão como diz a professora e escritora Lucia Santaella em seu livro “Humanos Hiper-Híbridos”, estabelecendo

conectividades híbridas, (Santaella, 2021, p. 98) diz: “Chamo de conectividade híbrida as interfaces ser humano e tecnologias”, que segundo a autora penetram em nós causando níveis simbióticos. E queiramos ou não são extensões em nossas vidas através de equipamentos a cada dia mais atualizados. E em simbioses vamos como um escultor modelando frentes de interações do sujeito com grupos, máquinas e principalmente no ensino das artes com as leituras introjetadas. E nessa roda de leituras, as interações de sujeitos e criações é o que mais me fascina nos contextos de linguagens artísticas e de tecnologias. Gosto de quando Cecília Almeida Salles elabora pensando os aspectos de processos em grupo e de processo individual:

Refletir sobre os processos de criação em grupo coloca uma questão inicial, bastante relevante que é a possível dicotomia entre processo em equipe e processo individual. Como afirma De Mais, não há dúvida quanto à relevância dos estudos sobre os processos de criação que envolvem interações entre sujeitos, pois a maior parte das criações humanas não são geradas por gênios isolados.

De Mais (2005, pp.22-23) discutindo os processos individuais e coletivos em uma perspectiva histórica, constata que “passamos gradualmente de formas individuais a formas coletivas de criatividade, que aprendemos a não depender de gênios singulares, ou melhor, a somar a genialidade individual deles à genialidade coletiva dos grupos organizados para criar emoções e conhecimentos, ciência, arte e tecnologia (Salles, 2023, p. 37)

Recomponho novamente aqui procedimentos da escrita para pôr a norma em questão, já pensando a referência pautada na luta de equidade de gênero também, acoplado à posição de que é sempre efetivo buscar informações, leituras, falas, discussões mobilizadoras. E mirando processos, práticas, ensinamentos, e os desmembramentos, meu olhar se altera nas rebeldias de enfrentamento do status quo. A leitura abre as janelas do afeto, da densidade das linguagens, de palavras-vulcões que podem ou não entrar em erupção. O bom texto que me tira do lugar, e gira em cada palavra aqui nesse capítulo da estabilidade, não aceita o esvaziamento da conversação. Pois a relação com os livros e os textos é dinâmica, de colheita para ação reflexiva: carregar leituras nesse país onde ler causa estranhamentos é brioso. É nas leituras que geralmente surgem algo que não supunha, que depois me defronta no acontecimento, e que não fazia parte do meu repertório e imagens.

E nessas fabulações e conversas também da ciência, da prática educacional, cultural e artística organizada em conhecimentos e da consciência da efemeridade dos corpos, vou atuando. Com as boas mestras e os bons mestres, como Paulo Freire e suas pedagogias, de seu falar ruidoso frente aos poderes moucos e conservadores de plantão que morrem de medo da equidade.

Tendo como ouvinte atento e apropriador Paul Preciado, quero ser o “monstro que vos fala”, conversando, através também dos livros, dos textos. Lembrando como fala (RUFINO, 2019, p.28).

“e é Exu quem comanda as estripulias”. E se perguntando no contexto educacional, artístico e social, o colonialismo venceu? E as práticas artísticas e o uso de novos signos como são os das tecnologias criativas, podem transicionar linguagens insubmissas para novos contextos que trabalhem em grande escala pela equidade, acessibilidade de todas e todos? Adiciono nesse vulcão, a lava que transborda das muitas coisas não ditas e que devem ser pensadas nas políticas públicas culturais? E dito isso, acabo puxando mais um livro da estante, para pensar as últimas ponderações.

Utilizo livros me cercando com o que me cabe, dito isto respeitando o contexto de minhas experiências, mas apontando inúmeras outras formas de ler e pensar o mundo que não passam por páginas e estão encarnadas em vozes, memórias orais que norteiam povos que foram e são guias de conhecimentos diversos, profundos e de interpretações do mundo riquíssimas em suas narrativas maravilhosas. Alguns desses seres de comunidades e sociedades originárias, dando apenas um exemplo, dançam nas florestas como deuses para festejar a boa colheita e têm linguagens para falar com o homem das universidades a escutarem e interpretarem atentos os dizeres de uma rocha, de uma tempestade ou um pássaro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fechamos estas trilhas que buscaram frestas para resgatar os elementos dos processos formativos: narrativas, memórias, reflexões críticas sobre diversidade, ensino de artes e tecnologias, a importância da arte-educação em processos não formais de ensino, o impacto das criações, das poéticas, do acolhimento, do compartilhamento de saberes, de apreensão de diferentes contextos e comunidades, e escuta atenta, com mais recursos do que quando iniciamos esta pesquisa pautada em relatos de diversas pessoas e criação conjunta como acontecimento vivo de processos íntegros e colaborativos. Trabalhar com o que as pessoas me trouxeram foi desafiante, porque quando desenvolvemos uma abordagem que as conversas e experiências são os nossos principais materiais, o exercício da atenção tem que ser pleno.

Nesta perspectiva, quando me vejo trabalhando com todos que fizeram parte dessa jornada e o impacto na formação de cada pessoa que me contou algo nas conversações, que modificou sua forma de estar sendo, confesso que cada imagem me trazia uma carga emotiva e reflexiva gigante perante as trocas realizadas. E partir do relato fragmentado pessoal, ensaístico em certa medida, literário, pois não posso fugir do que teve uma influência decisiva nas minhas escolhas e no modo que me coloco no mundo diante do outro. E vivenciando esta escalada de conversações, experimentações, reflexões e de escuta atenta e empática, que exigia tratamento cuidadoso de cada palavra colhida. Em toda a pesquisa, pensei em como tecer as narrativas e dialogar com elas, me trouxe perguntas e considerações volumosas, e que irão fazer parte não só de minha atuação como gestor cultural, mas também nos projetos culturais e artísticos que irei participar daqui para frente em minha jornada na arte-educação, incluindo os meus projetos pessoais de editor, poeta e escritor de prosa.

As perguntas que foram se somando às afirmações arroladas, e que só surgiram devido a disponibilidade das pessoas como um todo em trazer suas narrativas, construíram um texto sibilante que nos faz pensar em questões de como as experiências, são fundamentais para balizar justificativas de investimentos em cultura? Diversidade é fundamental para o fortalecimento das democracias. O que podemos aprender com as narrativas dos jovens para aprofundar nossos métodos pedagógicos? As criações e poéticas tem uma vida pulsante quando se considera os processos desde o primeiro encontro. Como equilibrar processos formativos com a economia criativa no meio cultural, tendo em vista relações mais humanas e compreensão de etapas de desenvolvimento? Temos que formar leitores, democratizar a leitura, estimular a escrita para a elaboração de si, de um mundo cheio de complexidades e

desafios. Como equilibrar e ser flexível para estimular saberes múltiplos em meio a diferentes contextos sociais e educacionais? As poéticas sensibilizam as pessoas de modo a deixarem mais abertas ao outro. Como gestores e educadores, quais os caminhos para fortalecer redes, coletivos, nas periferias, agregando referências e a leitura que cada um traz de sua experiência? Enfim, essas foram questões surgidas e outras aprofundadas na pesquisa e por imergir nos relatos de experiências que compuseram as reflexões durante estes dois últimos anos.

Colocamos também que a arte-educação é um campo de disputa política e de tensão no núcleo social atual, onde o óbvio precisa ser dito repetidamente, didaticamente, para defesa de práticas que já deveriam ser assimiladas no meio cultural e educacional das instituições públicas. Os jovens que conversei nesta pesquisa nas Fábricas de Cultura estão conectados a narrativas críticas e muito conscientes da luta pela equidade ou diminuição das injustiças de ordem social e econômica. E estamos com vozes que trazem provocações e pedem mais acessos para estudar e realizar suas criações artísticas, entendendo que seu papel também é participar ativamente e elaborar comunidades que tenham mais oportunidades para se desenvolverem em diversas direções, como por exemplo criarem seus próprios coletivos artísticos e aprenderem as ferramentas de escrita para aceder a editais culturais da cidade e do Estado de São Paulo. E tendo em vista o avanço contínuo de suas formações como capital intelectual e cultural a ser adquirido para aperfeiçoamento.

Como última parte dessa pesquisa, gostaríamos de abordar cada momento, à medida que trabalhamos com experiências e relatos. Me vejo estimulado a apontarmos pequenos recortes que considero relevantes para resultados e reflexão crítica, do que tenho que estar atento no porvir e não perder de vista na educação, nas artes e nas criações artísticas. Selecionar fragmentos em minha ilha de edição e fazer um texto mais digressivo e poético, foi a forma para reconhecer em mim processos formativos constituintes de meu ser e inseparáveis de minha identidade e de minha subjetividade em desenvolvimento. Por isso deixo uma carta e a abertura de uma conversa através de meu contato de e-mail. Resgatar minhas narrativas de experiência me afeta a buscar o outro e não a me isolar, preciso do outro para codificar e achar frestas e descolonizar a minha mente cada vez mais. A mestra, pensadora e professora bell hooks lança as seguintes palavras:

Ao compreender que a libertação é um processo contínuo, devemos buscar todas as oportunidades para descolonizar nossa mente e a mente de nossos estudantes. Apesar de graves retrocessos, houve e continuará havendo mudanças construtivas radicais na maneira como ensinamos e aprendemos, uma vez que mentes “em busca da liberdade” ensinam a transgredir e a transformar. (Hooks 2020, p.59)

Em um momento final, trazemos também meus relatos sobre leitura, que potencializam conhecimentos e lições emancipatórias. A leitura faz parte de meu corpo, das experiências e acontecimentos mais relevantes, e verifico isso no outro. Foi ampliando os signos em leituras coletivas que também avancei sob a diversidade dos sentidos das palavras e do verbo. E como traz em piruetas Jorge Larrosa:

Ler com os outros: expor os signos no heterogêneo, multiplicar suas ressonâncias, pluralizar seus sentidos. Frente à homogeneidade do saber que restringe a diferença, a heterogeneidade do aprender que produz diferença. Por isso, a amizade de ler *com* implica-se na amizade de *aprender com*, no se en-con-trar do aprender. Ler não é o instrumento ou o acesso à homogeneidade do saber, mas o movimento da pluralidade do aprender. (Larrosa, 2017, p.179)

Como símbolo coloco aqui que as Fábricas são locais de encruzilhadas, de poéticas e multiplicidade de trilhas. Recorro para fortalecer esses pensamentos, Luiz Rufino, que ginga apontando:

As encruzilhadas nos apontam múltiplos caminhos, outras possibilidades. Assim, a compreensão acerca da política emerge também como um saber na fronteira, angariando os espaços vazios, praticando as dobras da linguagem e escapando dos limites propostos por razões totalitárias. Por aqui, a poética é política, emergem outras formas de dizer que reivindicam outro senso. Revela-se a dimensão lúdica da vida e o caráter cruzado das invenções praticadas nas travessias da encruza transatlântica. (Rufino, 2019, p.82)

E na pluralidade, ramificar as redes de contato e de criação em prol de experiências na arte-educação que evidenciem os processos formativos como um ganho imensurável para a vida de milhares de pessoas, e que se ampliando pode atingir milhões de brasileiras e brasileiros. Temos que propiciar ambientes de interações da diversidade e das linguagens artísticas e tecnológicas, porque tudo está em constante mudança. No livro “Processos de criação em grupo – diálogos”, Cecilia Almeida Salles destaca:

MORIN (2002, p. 72) discute a natureza de **interações** na cultura como ações recíprocas, que modificam o comportamento ou a natureza dos elementos nelas envolvidos, supõem condições de encontro, agitação, turbulência e tornam-se, em certas condições, inter-relações, associações, combinações, comunicações etc., ou seja, dão origem a fenômenos de organização. Há algo nas propriedades associadas à interatividade que parece ser importante destacar para compreender as conexões da rede da criação: condições de encontro, influência mútua, algo agindo sobre outra coisa e algo sendo afetado por outros elementos. (Salles, 2021, p.110 e p.111)

Que possamos criar novos nexos, redes de criações, respeitando as individualidades, a diversidade e estando com o outro, arvorecendo cada vez mais com luta e labuta espaços que

promovam as artes, a educação e a formação como algo a ser alimentado com sementes, frutos solidários, éticos e amorosos a serem ofertados às camadas que mais sofrem com as desigualdades.

REFERÊNCIAS

ACHILLE, Mbembe. **Necropolítica**, São Paulo: n-1edições, 2018.

Ana Mae Barbosa – Arte não se ensina; contamina-se. Direção: Sesc Produtor: Conexão Sesc. Local: Brasil, 2019. 06 min e 09 segundos.

Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=ROz0EPOdkc0>

Antônio Candido fala sobre o direito à literatura. Direção: Comunidade Educativa CEDAC. Produtor: CEDAC Local: Brasil, (YouTube). Data: 2014. 05 mi e 43 segundos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4cpNuVWQ44E>.

A formação do pensamento. Direção: Cristiano Burlan. Produtor: SescTV (realização), Bela Filmes. Brasil, (SescTV – Sesc São Paulo), 2020.52 min. Episódio da série *Paulo Freire, um homem do mundo* sobre a formação do pensamento de Paulo Freire.

Disponível em: <https://sesctv.org.br/programas-e-series/paulo-freire/>

AGAMBEM, Giorgio. **O fogo e o relato**, São Paulo: BoiTempo, 2018.

ALMEIDA, Renato Souza de. Cultura e Periferia, Cultura de periferia em movimento. **Revista online Sesc – Mobilidade em São Paulo**, São Paulo, nº223, 2015.

ALVÍDREZ, Saúl. **Sobrevivendo ao século XXI Chomsky e Mujica**, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2024.

AMATO, Luciano (coordenação editorial). **Diversidade e inclusão**. São Paulo: Literare Books, 2022.

ARISTÓTELES. **Poética**, São Paulo: Edipro, 2014.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BARBOSA, Ana Mae. **Criatividade Coletiva**. São Paulo: Perspectiva, 2023.

BARBOSA, Ana Mae; REJANE, Coutinho. **Arte/Educação como mediação cultural e social** (Orgs.), São Paulo: Editora Unesp, 2008.

BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior que o mundo-Antologia**. Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2015.

BENTO, Cida. **O pacto da Branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BOAL, Augusto. **A Estética do Oprimido**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

CARDENAL, Ernesto. **As riquezas Injustas (Antologia Poética)**. São Paulo: Círculo do Livro, 1977.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. São Paulo, Editora 34, 2014.

DIAS. **Projeto Espetáculo de Sapopemba**. 2024. 1 fotografia.

Edgar Morin – Unidade e Diversidade. Direção: Camila Gonzatto. Produtor: Fronteiras do Pensamento. Local: França. 2013. 02 min e 33 segundos.

Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=u8f-kiPG_LI

FABRICA DE CULTURA CIDADE TIRADENTES. Formatura dos aprendizes. 2024. 1 fotografia.

FABRICA DE CULTURA PARQUE BELEM. Projeto espetáculo. 2018. 1 cartaz de divulgação.

FABRICA DE CULTURA SAPOPEMBA. **Cartaz de divulgação de projeto cultural.** 2024. 1 cartaz de divulgação.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia.** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1997.

FREIRE, Paulo. **À sombra desta mangueira.** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2019.

FONTELA, Orides. **Poesia Reunida.** São Paulo: Cosac Naify e Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

GUATTARI, Félix. **As Três ecologias.** São Paulo: Papirus, 2009.

HILST, Hilda. **Da poesia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

HISSA, Cassio Viana. **Entrenotas: compreensões de pesquisa.** Belo Horizonte: Ed. Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

HAN, Byung-Chul. **Bom entretenimento.** Petrópolis, RJ., Ed. Vozes, 2023.

HOOKS, bell. **A educação como prática da liberdade.** São Paulo: Martins Fontes, 2019.

HOOKS, bell. **Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança.** São Paulo: Editora Elefante, 2021.

HOOKS, bell. **Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática.** São Paulo: Editora Elefante, 2020.

JESUS, Carolina Maria, **Quarto de Despejo.** São Paulo: Editora Ática, 2014.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral.** São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KUSHNER, Kenneth. **O arqueiro zen e a arte de viver.** São Paulo: Editora Pensamento, 1988;

LARROSA, Jorge. **Tremores escritos sobre experiência.** Minas Gerais: Autêntica, 2014.

LARROSA, Jorge. **Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas.** Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LIMA, João Paulo de Oliveira. Por uma escrita aleijada. O futuro é DEF ou O Direito ao corpo. BARABALHO; GADELHA, E [Org]. **Formação artística e políticas públicas: temas e abordagens contemporâneas**, Fortaleza: UECE, 2022. V 1. 149p. a 157p.

Disponível em: <https://www.uece.br/eduece/wpcontent/uploads/sites/88/2023/01/Forma%C3%A7%C3%A3o-art%C3%ADstica-e-pol%C3%ADticas-p%C3%BAblicas-temas-e-abordagens-contempor%C3%A2neas.pdf> . Acesso em: 03 fev. 2024.

LIMULJA, Hanna. **Uma Etnografia dos Sonhos Yanomami/O Desejo dos Outros**. São Paulo: Ubu editora, 2022.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2014.

MARCICANO, Alberto. **A trilha estreita ao confim, de Matsuo Basho**. São Paulo: Ed Iluminuras, 2021.

MARIGHELLA, Carlos. **Poema Liberdade**. Disponível em: <https://livrocafe.com/2019/02/8-poesias-de-carlos-marighella-para-ler-urgente/>. Acesso em: 03 fev. 2024.

MEIRELES, Cecília. **Antologia Poética**. São Paulo: 3 edição, 2013.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez Editora, 2015.

MORIN, Edgar. **Ensinar a viver: Manifesto para mudar a educação**. Porto Alegre: editora Sulina, 2015.

NETO, Torquato. **Torquato Neto Essencial**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

NICOLESCU, Basarb. **O manifesto da transdisciplinaridade**. São Paulo: TRIOM, 1999.

NIETZSCHE, Friedrich. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

O mundo não é, está sendo. Direção: Cristiano Burlan. Produtor: SescTV (realização), Bela Filmes. Brasil, (SescTV – Sesc São Paulo), 2020. 52 min.

Disponível: <https://sesctv.org.br/programas-e-series/paulo-freire/>

PRECIADO, Paul B. **Eu sou o monstro que vos fala/ Relatório para uma academia de psicanalistas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

QUINTANA, Mario. **80 anos de poesia**. São Paulo: Ed Globo, 1994.

RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível**. São Paulo: Editora 34, 2020.

RATTS, Alex; RIOS, Flavia. **Lélia Gonzalez**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

ROSA, Allan da. **Pedagoginga, Autonomia e Mocambagem**. São Paulo: Pólen, 2019.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

SALLES, Cecília Almeida. **Arquivos de criação: arte e curadoria**. São Paulo: Editora Horizonte, 2010.

SALOMÃO, Waly. **Poesia Total**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

SANTAELLA, Lucia. **Humanos Hiper-Híbridos:** Linguagens e cultura na segunda era da internet. São Paulo: Paulus, 2021.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo: Ubu Editora, 2023.

SANTOS, Milton. **Por uma Economia Política da Cidade.** São Paulo: EDUSP, 2012.

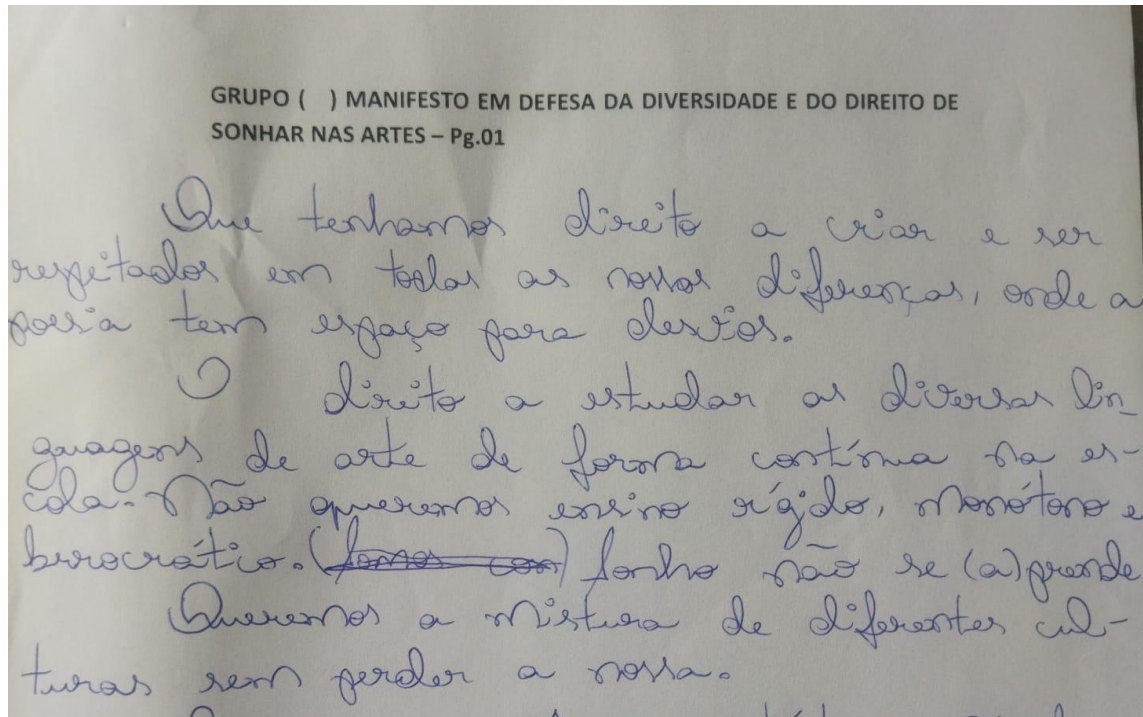
SILVEIRA, Julio; RIBAS, Martha. **A paixão pelos livros.** Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.

TORRES, Marcelo. **O cão com ornamentos delicados.** São Paulo: Editora Clóe, 2024.

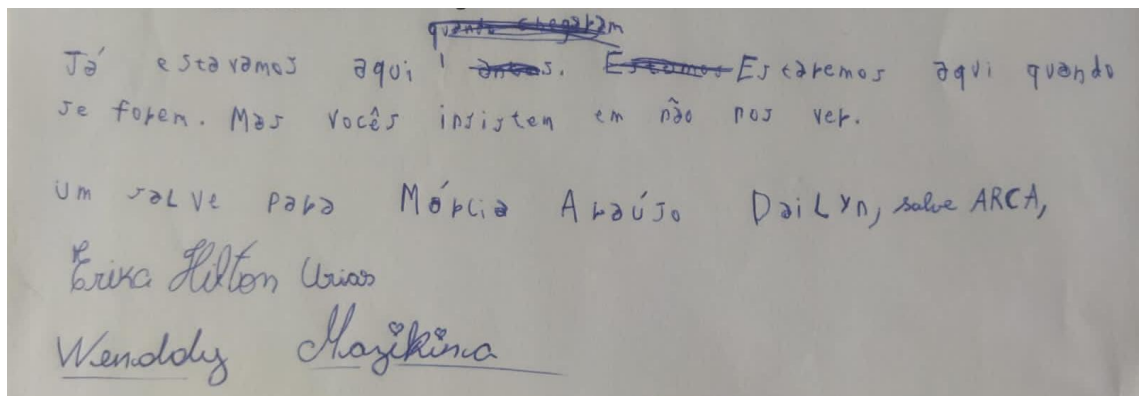
TRANGTENBERG, Lucila. **Processos de Criação da Interpretação vocal, mutualidade e pick-up em J. Gibson,** São Paulo: Jornada de Pesquisa em arte PPG IA/ Unesp, 2017.

WALSH, Catherine. **Pedagogías decoloniales:** Prácticas insurgentes de resistir, (re)existir y (re)vivir. Yala: Ediciones Abya, 2017. TOMO II, Quito: Serie Pensamiento Decolonial.

ANEXO A



Rascunho da escrita coletiva do Manifesto



Rascunho da escrita coletiva do Manifesto